&etc

Desenho de Carlos Ferreiro

**JUDAS**
ou
**O VAMPIRO SURREALISTA**
de **Ernest de GENGENBACH**
é uma edição **& etc.**
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.

Título original:
**JUDAS**
**ou**
**LE VAMPIRE SURRÉALISTE**



Rua da Emenda, 30, cave 3, Lisboa 2; telef. 371955
Tradução de **Aníbal Fernandes**
Capa e «hors-texte» de **Carlos Ferreiro**

VAMPIROS SEMPRE EXISTIRAM e Jean-Jacques Rousseau, caso invulgar de credulidade racionalista, conferiu-lhes a chancela de garantia nem sequer faltando relatórios e testemunhos de qualidade, os cirurgiões, os padres, os juízes... São velhos como o mundo, anteriores às palavras que iriam oferecer-lhes um nome, a eles e ao acto singular que lhes dá carácter. Antiquíssimos, tiveram tempo de traçar a sua via pobre — vampiros de subsistência, sanguessugas ou quirópteros — e a outra que o não é e os remete às simbologias mágicas (eróticas como em toda a magia), a um desespero tão grande da morte perante a vida que se entregam ao ritual de absorvê-la na sua essência, o sangue, com prazeres que aos vivos só o sexo consente.

Através das épocas fez-lhes a literatura poderosas homenagens antes de os entregar ao cinema e às bandas desenhadas. Vemo-los, de facto, a espreitar nas **Mil e uma Noites** e em quase todos os clássicos da tradição oriental, em Platão, Suetónio e Apuleio, resplandecentes na rajada «gótica» dos Secs. XVIII e XIX, subtis nos contemporâneos — às vezes tão disfarçados, aqui, que seria discutível uma referência.

Mas o vampiro que sonhamos é, deles todos, a imposição romântica que o cinema encenou de mil formas iguais, sumptuoso de roupagens e bem afastado da patologia oficial — os necrófilos Sargento Bertrand e Victor Ardisson, por exemplo, sempre invocados quando se trata de acrescentar os mitos com o testemunho da nossa feia realidade. O vampiro que pensamos não consegue furtar-se ao vagabundo das arcadas góticas, ao magnífico fazedor de sombras e excessivos luares; é híbrido e ambíguo, morto e vivo ao sabor das conveniências de quem lhe decide os passos, fluido na fisiologia... mas sempre avesso ao alho (às suas flores se insistirmos na tradição) e a toda a marca da simbologia cristã. Erótico, por excelência, é abafado nessa qualidade pelas convenções da arte romântica e mal ousa confessar-se na erecção dos caninos que penetram a maciez da artéria e a aspiram (carácter inverso, do outro lado do espelho, da sua dádiva sexual). Este é o vampiro que usamos, cristalizado nos traços que as letras «góticas» conduziram ao máximo esplendor: o Drácula de Bram Stoker (primeiríssimo na fama, hoje), a Carmilla sáfica de Sheridan le Fannu, o Lord Ruthven (ao que se diz) de Byron, o Kostaki de Alexandre Dumas... — arquétipo que domina a descendência e a mantém fiel a duas ou três regras de apreciável rigidez.

Judas (o autor do livro quando **outro**, segundo o próprio Gengenbach) de invulgar alguma coisa terá na colecção dos vampiros literários. Incansável passeante de galerias secundárias, parece indiferente à veia nosferática mas utiliza-lhe, de facto, as referências culturais, escolhe sem hesitar os seus cenários de treva romântica. A partir daqui é que este Judas se inova acrescentando aos alicerces da linha «gótica» os seus bem singulares prolongamentos de vampiro «escandaloso» (eucarístico e em seus momentos cunilinguístico) de sacerdotizas perdidas nos mistérios eróticos da Comunhão e da Transubstanciação.

(Mas será Judas um vampiro surrealista? Não prosseguiremos sem fazer este reparo: O título da obra confere à palavra surrealista a possibilidade dupla de ser tomada como substantivo ou adjectivo. Supondo que é adjectivo (a hipótese mais aliciante) surrealizamos na qualidade o vampiro e libertamo-lo, assim, para comportamentos de uma dimensão vasta nos domínios da estética e da crítica. Mas este Judas apenas foi um surrealista-vampiro, o que é diferente e menor. A Gen-

genbach faltou a asa mas também a coragem para chegar àquele vampiro que, surrealista, saberia transpor a dimensão do círculo que prudentemente o reteve. Aderindo ao grupo de André Breton, servindo-o à sua maneira luciferiana e exibicionista, Gengenbach consegue justificar-se apenas como surrealista-vampiro: surrealista por filiação, vampiro por delírio mitómano e transgressor).

Gengenbach, o suicida mistificador que esta edição pode mostrar em hors-texte, graças a um velho exemplar da **Révolution Surréaliste,** foi abade no Catolicismo Romano e, dando crédito às suas confissões, mais tarde bispo ordenado de uma Capela Cismática. Por este livro avaliar-se-á como atravessou os tempos heróicos do Surrealismo, como foi persistente a sua exibição de rebeldia contra as várias castidades do sacerdócio. Gengenbach vive ainda em França, entrado na idade e abandonado, enfim, pelo azedume de uma hierarquia eclesiástica que ele já não sabe incomodar. A **Experiência Demoníaca,** outro livro seu, presta-nos contas das oscilações bizarras da sua carreira, do seu jogo de indecisões, de como apagou méritos que por um triz saberia conquistar na mais difícil e expressiva das batalhas, essa que é tema exclusivo do **Judas ou o Vampiro Surrealista**. Há cinquenta anos, Gengenbach acrescentava a legenda de Paris com a sua vida pública que ao Surrealismo ia buscar o espectáculo, o elemento provocador, por isso merecendo o interesse imediato de André Breton mas logo as suas reticências. Como outros do Grupo, Gengenbach foi um traidor de ortodoxias e desembarcado na margem. Na época do **Judas** já eram perceptíveis dúvidas e hesitações que os fulgores do livro — tantos e mal domados pelo mitómano — não impedem de sobrenadar, autênticas, principalmente no prólogo de uma conferência cujo texto é de André Breton mas Gengenbach inseriu no romance como peça importante da anedota. Porque o **Judas,** que pretende impor-se como trajectória biográfica e fantasbiográfica de um Gengenbach aliado dos Infernos e reincarnação tripla em personagens de destinos e épocas diferentes, é sobretudo um romance congeminado pela inspiração pouco vulgar do autor, apoiado numa estrutura em degraus que aspira a suportar um singular retrato seu, fechado num óvulo narcisista, não ventilado, propício a visões fabulosas e complacentes.

Da experiência que lhe sobrou de tempos atribulados, da mitomania exacerbada que alimentou com sucesso, aproveitou Gengenbach este **Judas** belo e temperamental que saberemos, por certo, desculpar nos excessos e nalgum amadorismo («demos-lhe a honra de o não tomar por um literato» — propôs André Breton a respeito do autor; literato era o Phamfilus Gengenbach da Suiça medieval — acrescentamos — mas esse nada sabia de surrealismos nem sequer os adivinhava, como Rabelais) uma obra que travestida embora noutros géneros é sempre romance, desde a Advertência do editor francês às deambulações do testamentário em Cannes (afinal mais um desdobramento do autor a quem distribui, ele próprio, um papel vingativo e apaziguador das suas frustrações sexuais), desde a conferência histórica (ainda que improvável em vários pormenores) ao posfácio prolongador do romance à sua própria história. Ao longo desta caminhada perderá o autor várias vezes o pé de intelectual típico do Paris dos anos vinte para relembrar, com escusada nitidez, a sobrecarga romântica que lhe sobra no talento selvagem, ou ainda o traumatismo de masturbações abaciais que o fez chegar à literatura pouco preparado para as visões aproximadas de um decote em V. Esta fatalidade, que em várias páginas forçará o autor a confessar o seu estado de erecção, arrastá-lo-á também a uma verve fácil que ele crê servir melhor os encantos da mulher, à palavra decandentista e esbanjadora.

Em Gengenbach saibamos saudar, no entanto, méritos raros de grande conciliador: os que lhe constroem o êxito seguro nessa colagem de elementos de coexistência difícil e improvável, na súmula rápida de tendências literárias que marcaram fundo a sua formação (apressada, ofegante) de intelectual fugido às matérias clássicas e expurgadas do seminário, entregue de cabeça perdida à descoberta tardia de um mundo que a sua profissão lhe prometia negar.

Com grande destreza conciliará Gengenbach arcanjos negros com o music-hall de Josephine Baker, as mansões diabólicas de Tombelaine com os iates motorizados de Cannes, as aparições fantásticas com Louis Aragon. Com saudável franqueza encontraremos Sade e o seu artesanato (a vela acesa como falo, símbolo transgressor sexual e religioso, a mulher relegada ao seu papel de vítima), Lewis e Mathurin projectando evidentíssimas sombras de **O Monge** e de **Melmoth**, Lau-

tréamont no pendor dos apocalipses, Baudelaire e as suas flores do mal, o Huysmann das missas negras, o Pierre Louys tão precioso na descrição do encanto feminino... E por que não uma homenagem feita à literatura policial, no inquérito de Cannes e Saint Honorat?

**Judas** faz-se como um complexo painel reflector, jogo bizarro de aparências sobrepostas e identidades múltiplas. O seu percurso iniciático é palmilhado numa via hesitante e contraditória mas ainda assim legível a quem souber decantá-lo; esconde a tragédia íntima da irreconciliação do Homem com a Igreja, da ditadura católica com as forças pagãs da Humanidade; é a demonstração convincente da ausência de fronteiras da Literatura, de como pode o romance ser tudo e tudo o romance.

Ao autor sobram generosidade e paixão. Essas mesmas que subsistem à revelia na engrenagem das instituições, na marginalidade assumida perante a Cultura, todos os dias numa vida.

Para Angèle
a enfeitiçante sereia de Cannes.

À esquerda: **Ernest de Gengenbach;** em cima: **Lydie Bastien,** a Flory do «Judas».

**(Gravuras extraídas de «La Révolution Surréaliste» n.º 5, de 15 de Outubro de 1925).**

## ADVERTÊNCIA DO EDITOR FRANCÊS

Os JORNAIS PARISIENSES acabam de dar o maior relevo ao gesto assassino de um antigo seminarista que, apesar de educado na atmosfera calma e mística de Bétharram, perto de Lourdes, em plena audiência apunhalou uma ex-amante, curandeira de Anizou, sua iniciadora religiosa e, mais tarde, iniciadora no amor. Cada qual de sua maneira, os jornais fazem a explicação desta tragédia sem precedentes cujo teatro foi o Tribunal de Toulouse.

Crime de um louco... de um exaltado atingido no seu orgulho masculino?... Vingança retardada de um seminarista que se sentia conspurcado por contactos carnais com a criatura que o assombrava?... Toda a suposição tem livre curso. Cada qual faz o seu diagnóstico. E tendo afirmado o assassino que ao matar a feiticeira pretendera libertar a sua alma da sucuba que fatalmente iria conduzi-lo ao triste destino dos malditos, desviando a vocação eclesiástica que a estadia no seminário lhe suscitara, não hesitam uns quantos em procurar numa histórica hereditariedade de séculos os móbiles inconscientes do seu gesto.

Segundo o Intransigeant, vários especialistas particularmente versados no conhecimento dos hábitos e costumes da região pensam que uma explicação deste crime libertador, único no género, poderia ser encontrada na sobrevivência de certas práticas saídas da velha religião cátara cuja influência foi grande no pedaço da Montanha Negra aonde o seminarista assassino recebeu a sua educação.

Lendo o relato desta história trágica, não pudemos deixar de pensar numa outra mais recente, condimentada de feitiçaria e sacrilégio, que na primavera de 1947 entreteve a crónica parisiense. Estamos a referir-nos ao caso do ex-abade Gengenbach, notório apóstata que se transformou em poeta surrealista depois de uma crise sentimental e sensual que o expulsou do santuário e, uma vez convertido, reconciliado com a Igreja após uma estadia entre os beneditinos da «Pierre qui Vire», se achou preso nas malhas da muito célebre L.B., aventureira de envergadura secundada por uma mágica-negra... Pelos olhos desta sereia o antigo seminarista vosgiano quase voltou a vender a alma ao diabo e tentou suicidar-se. Mais não fez, afinal, que creditar a reputação de mulher fatal da que suspeitamos ter sido o anjo mau de R.H., herói da Resistência encarcerado em Fresnes sob a culpa de traição, da bela L.B. cuja precoce e vigarista carreira de vamp parece feita pelo desastre das sucessivas vítimas que foi somando no seu quadro de caça.

Conhecendo o misticismo romântico de Gengenbach não ficámos muito espantados quando soubemos, pela imprensa, desse novo avatar numa odisseia romanesca como a sua, em



que os personagens Des Grieux e Julien Sorel parecem surgir com o seu nome (¹).

Inquietos e curiosos, perguntávamos a nós mesmos o que fora feito dele.

No Tabou, taverna famosa do Quartier Latin qualificada de «antro existencialista» (sem razão, aliás), é que voltámos a encontrar o autor de Satanás em Paris, poucos dias antes de abrir a Exposição Internacional do Surrealismo... O nome de Gengenbach é conhecido em todos os meios literários de vanguarda.

Na sua História do Surrealismo, Maurice Nadeau considera-o o personagem mais pitoresco e perturbante do movimento surrealista. No recente estudo intitulado André Breton ou a alma de um movimento (²), Julien Gracq cita-o como o mais provocante, profanador e sacrílego dos adeptos do surrealismo... Por outro lado Les Temps Modernes, revista existencialista de Jean-Paul Sartre, no seu número de Fevereiro de 1947 e com o título «Um surrealista no manicómio» resume assim o seu itinerário espiritual:

«Expulso da Igreja depois de uma aventura amorosa com certa actriz do Odéon, o antigo abade Gengenbach fez-se adepto entusiasta do surrealismo e, em 1925, assinou um pacto oficial com o Diabo na sala de teatro da Sociedade de Teosofia, na

---

(¹) — Principais personagens masculinas de Manon Lescaut e Le Rouge et le Noir, do abade Prévost e Stendhal, respectivamente. (Nota do tradutor)

(²) — Revista Fontaine n.° 58. (Nota do autor)

presença de André Breton e do grupo surrealista. Dez anos mais tarde converteu-se, a braços com tardios remorsos. Não obstante, em vez de matar o bezerro gordo por este filho pródigo regressado ao redil, a Igreja deu-lhe tratos de polé e como expiação impôs que fizesse um retiro entre os discípulos do Padre de Foucauld, na África do Sul...

Sexual e sentimentalmente obcecado pela recordação das mulheres amadas, Gengenbach não conseguiu suportar a penitência e renunciou à vida de ermita... A sua recusa em capitular perante o cesaropapismo romano valeu-lhe conhecer o mais aventuroso e perigoso dos destinos».

**Finalmente, num número de Abril de 1947, o semanário** Samedi Soir **relatou longamente o seu dramático caso de amor com L.B., a célebre e enfeitiçante aventureira.**

**Depois de alguns copos Gengenbach soltou a língua e pudemos pedir-lhe pormenores sobre a aventura que tivera com aquela espantosa mulher.**

**— Leu com certeza o artigo do** Samedi Soir **— replicou — aquele em que sou posto em causa... de forma bem espectacular e sob o olhar enfeitiçante da L.B.. Representaram-me no papel de um romântico desesperado, envolto na minha antiga capa romana de eclesiástico que mandei forrar a cetim branco nos tempos heróicos do surrealismo. Lamento que à minha aventura trágica (digo trágica pois quase me custava a vida), aventura que me arruinou e martirizou, tenha sido emprestado um carácter vaudevillesco e de negro humor. Também deploro que essa história surja assim, à luz do melodrama e do romance de cordel.**



**«Sou, de facto, ex-noivo da L.B.. Ainda há um ano me sentia imensamente feliz... E agora? Agora...**

**«Uma mulher como a L.B. só deixa à passagem ruínas e devastação... Em certos momentos penso que é um monstro, um ser desumano... mas sinto dificuldade em não continuar a amá-la... Ainda há pouco, quando julguei que o seu ex-amante R.H. se reconhecia culpado e confessava ter mentido no processo, estive prestes a esquecer todo o mal que me fez e ligar-me de novo a ela. Mas quando soube, pela imprensa, que a L.B. simulava em Génova o mais perfeito amor por um novo amante que lhe oferecia peles, jóias, carteiras de crocodilo e uma vida principesca, compreendi finalmente a que ponto tinha sido enganado...**

**«E agora, sem nenhum pudor, aí a temos numa boite nocturna com uma taça de champanhe na mão...**

**«Monstruosa inconsciência? Cabotinice?**

**«Já não sei o que pensar de uma mulher que se deixa fotografar assim, em alegre companhia, enquanto o homem que mais amor lhe teve neste mundo e, a ser culpado, talvez o seja por causa dela, está metido num calabouço de Fresnes e sofre o suplício da tortura pela esperança, nas salas de espera da morte lenta.**

**«Aí tem outro como eu, que lhe teve um sério amor!...**

**«Depois, a L.B. deixou-se fotografar pelo semanário** Point de Vue, **surgindo vestida de negro como uma feiticeira ou uma sacerdotiza, oficiando entre dois candelabros não sei que cerimónia encantatória... completamente nua numa casa de banho. Isto fez com que o repórter escrevesse: «Bem podemos ser médiuns que assim mesmo não saberíamos viver de meta-**

física e ciências ocultas. L.B. dispensa às vestes do seu invólucro carnal, de uma perfeição inegável se o avaliarmos pelo documento fotográfico, tantos cuidados como ao seu corpo astral, invisível no retrato...»

— Não, já não sei o que pensar dessa mulher — repetia Gengenbach sem cessar.

— Enganou-se a seu respeito. Não era ela quem lhe estava destinada, deixou-se enredar no seu jogo maléfico. Divinizou uma mulher e idolatrou um ser de mármore que, em vez de escrever cartas de amor aonde poderia oferecer todo o seu coração, toda a sua ternura de amante, redigia dissertações sobre a impassibilidade estóica e a serenidade búdica, como aquela que deu a publicar numa revista.

— É bem certo — disse Gengenbach — que eu próprio, relendo as minhas delirantes cartas de amor que ela me devolveu, a mim mesmo perguntei se o homem não será louco quando se inflama deste modo por um fantasma ilusório ao qual se esforça por emprestar a realidade incarnada da imagem feminina ideal que ele transporta no cérebro.

— Desassombre-se, portanto, exorcise-se desse amor maldito, considere essa efémera e desgraçada aventura como um enredo imaginário — fiz notar a Gengenbach. Tem de procurar noutro lugar a sua Beatriz ou Isolda. A melhor forma de quebrar o feitiço seria construir da história um romance e libertar, assim, as obcessões.

Um amigo de Gengenbach, um poeta neo-surrealista que ali se encontrava, acrescentou:

— O que Gengenbach se esquece de dizer é que não foi



tanto a paixão amorosa que atirou aos seus braços a sereia sensual e diabólica, mas a curiosidade e a ambição. Quando a L.B. soube que o Gengenbach fora um dos adeptos mais fervorosos da seita luciferiana surrealista que se ocupava de ocultismo, feitiçaria, espiritismo e mediunidade, fez-se sua amante. Muito gulosa de tudo o que cheirava a magia negra, por outro lado também a L.B. fazia o possível por se transformar numa estrela de cinema. Vampirizou literalmente o poeta surrealista para este consentir que fosse ela a incarnar o papel da heroína no filme Judas ou o Monge Maldito, papel de mulher fatal que assina um pacto com Satanás para seduzir um monge, arrastá-lo ao sacrilégio e depois ao suicídio... celebrada que estivesse uma missa negra.

A nossa curiosidade fora picada a fundo. Interrogámos Gengenbach sobre este aspecto particular da sua aventura com L.B..

— De facto, a L.B. desejava vivamente interpretar esse papel de sedutora de um religioso consagrado a Deus — respondeu. O que acima de tudo a atraía era a celebração de uma cerimónia demoníaca.

— Ora aí está aonde a sua história se faz apaixonante! Pode dar-me alguns esclarecimentos sobre essas missas negras que nos reportam aos tempos medievos das feiticeiras?

— De boa vontade. Rapidamente lhe vou explicar o facto e o sentido simbólico da missa negra... Tendo a Igreja expulsado a mulher do santuário e suprimido as funções de sacerdotiza que ela exercia na antiguidade, a mulher vingou-se dominando o padre e obrigando-o a celebrar no seu corpo nu a missa eucarística. Consumando o maior sacrilégio que um ser humano pode

cometer, e violando os votos ao fazer amor no decurso da cerimónia infernal, o padre não passará de um joguete submisso entre os braços da mulher e esta reconquista, assim, a função de sacerdotiza do Demo, os seus direitos e privilégios.

«Historicamente, uma das mais célebres missas negras foi a da Madame de Montespan que recorreu a este diabólico meio para recuperar os favores do seu real amante, o Luís XIV que a abandonara.

«No que concerne, porém, à minha obra literária, «missa negra» é um termo impróprio. Seria mais indicado «missa de ouro», utilizado a primeira vez por Maria de Naglowska, uma ocultista de valor que frequentei há muito em Montparnasse e desejava fundar uma seita esotérica de inspiração rasputineana cujo objectivo primeiro teria sido acrescentar a magia sexual à sacramental. Fazendo coincidir o espasmo amoroso com o êxtase religioso, o poder do encantamento mágico do padre é centuplicado... A missa negra celebra-se numa atmosfera de horror, blasfémia e crime. A missa de ouro, que eu desejava preconizar, era uma cerimónia luciferiana, erotico-mística, que se desenrolava numa atmosfera voluptuosa de encantamento».

— Não há dúvida — disse eu a Gengenbach — que a sua vida atormentada e excepcional está marcada com o signo de Lúcifer. Devia utilizar os seus documentos autobiográficos, as recordações da época do Satanás em Paris, o argumento do Judas, as aventuras amorosas passadas e presentes e esboçar um panorama do seu particular destino de transfuga da Igreja, tornado surrealista.

«Agora que o surrealismo renasce das cinzas e refloresce



após um eclipse de seis anos, poderia facilmente editar esse testemunho, por si vivido, da experiência surrealista».

— Para quê? — replicou Gengenbach. — Não tarda que eu esteja nos quarenta; esgotei todas as experiências, a surrealista e as outras. Estanquei a sede em todas as fontes da iniciação. Tive fortuna, viajei, e não alimento esperança de encontrar cá em baixo a Isolda ou a Beatriz que ainda há pouco referiu. Prefiro voltar à resipiscência, ir a Canossa; numa palavra, retratar-me definitivamente e terminar a vida num mosteiro de trapistas... Os trapistas representam para mim o exemplo único de perfeição e sabedoria humanos que me foi dado conhecer nesta terra... No mundo não passa tudo de mascarada ridícula ou estúpida ferocidade... Estou farto... De boa vontade lhe darei todos os meus documentos. Fará deles o uso que quiser.

Tivemos ocasião de rever diversas vezes Gengenbach, interrogá-lo sobre os principais acontecimentos da sua vida de seminarista surrealista... Servindo-nos dessas confidências, das nossas próprias recordações, dos documentos postos à nossa disposição, conseguimos condensar esta espécie de fantasbiografia romanceada e composta por Gengenbach, homem que sob o nome de Judas levou sucessivamente, e às vezes simultaneamente, a vida de um seminarista, de um aventureiro e um monge do Séc. XV reincarnado no Séc. XX, constituindo o seu herói a cristalização destes três personagens.

Possa este relato, em que o real se mistura à imaginação, em que a vida anterior, medieval, se prolonga na nossa vida moderna, permitir ao leitor evadir-se da banalidade quotidiana sórdida para alcançar as regiões do fantástico e do alucinante.

Nestas páginas testamentárias, Gengenbach conta a sua vida de seminarista apóstata e fala de si próprio como se fosse outro. Esse «outro» chama-se Judas.

UM DIA, no fim do mês de Dezembro, recebi uma assustadora carta em papel armoriado, assinada por um tal **Judas, Abade da Abadia**, cujo texto era o que segue:

**Villa Mandrágora, Monte Carlo**
**nesta véspera do Natal.**

**Caro senhor**

**Imagino que achará o meu percurso tão audacioso como estranho, e bem insólito eu assinar «Judas». Acredite que não é pseudónimo, antes o meu nome de baptismo demoníaco, se assim me posso exprimir. Dirijo-me a si porque li o seu livro** Satanás entre os Românticos **e pude verificar que as suas concepções se aproximam das minhas no que toca ao Arcanjo Revoltado. Sou um antigo monge do Monte Saint-Michel reincarnado no século vinte. Por amor de uma carreira terrestre maravilhosa, mas perigosa, assinei um pacto com aquele a quem chamamos Príncipe das Trevas mas cujo verdadeiro nome é Lúcifer, que significa Portaluz. Isto arrastou-me a toda a espécie de aventuras espantosas e ameaçadoras, e dispendi um danado esforço na perseguição, ou melhor, procura, do meu complemento**

feminino. O que acaba de acontecer impele-me à chamada irresistível da morte, a um convite insistente para embarcar rumo ao além. Escolhi esta noite de Natal para me suicidar.

A mulher a quem amo, antiga actriz do Odéon e depois estrela do cinema, vai passar na Córsega as festas do Natal e Ano Novo. Voltará a três de Janeiro próximo. Preveni-a de que iria nomeá-lo a si meu executor testamentário. A confissão da minha vida ser-lhe-á remetida pela proprietária da Villa Mandrágora, uma velha devota com focinho de fuínha. Desconfio um pouco dela, mas julgo-a honesta. Está avisada da sua visita.

Flory é o nome de teatro da minha amante. Vive no seu iate La Violettera, ancorado em Cannes. Pode ir vê-la... depois de ler a minha confissão.

Pelo mesmo correio envio-lhe uma carta registada que liquidará as despesas da viagem e estadia na Côte d'Azur.

Conto com a sua discrição de cavalheiro e peço-lhe que guarde segredo no que respeita ao meu fúnebre projecto.

Adeus, senhor, e obrigado.

JUDAS
**Abade da Abadia**

Depois de ler a carta perguntei a mim mesmo se não estaria a braços com um louco ou mistificador. Duas horas mais tarde, porém, o carteiro encarregado dos registos trouxe-me outra contendo um cheque e achei que não havia qualquer motivo para me esquivar do convite à inesperada viagem.



A aventura era tentadora, tanto mais que dizia respeito a um passeio grátis. Isto apesar da perspectiva lúgubre de um suicídio em que, de resto, não acreditava muito.

Tomei o rápido de Paris-Vintimille e, chegado a Monte Carlo, apresentei-me na Villa Mandrágora... Uma placa sobre o portão, que tinha gravado «Villa Mandrágora — Casa de Repouso», fez-me compreender imediatamente que tocava à porta de um estabelecimento de saúde para neurasténicos.

Veio abrir uma enfermeira que me conduziu à sala de espera. E a seguir apareceu uma senhora, com certeza a proprietária (reconheci-a logo pelo rosto de fuínha). Disse-lhe o meu nome e mostrei os meus papéis de identificação. A velha dama pediu-me que subisse ao quarto do meu correspondente e ali me entregou um grande e volumoso sobrescrito.

Experimentei interrogá-la sobre o misterioso «Judas, Abade da Abadia», e respondeu: «Nada posso informar, estamos obrigados ao segredo profissional... Esse senhor apenas nos declarou que se ausentava alguns dias e pediu que lhe entregássemos o sobrescrito. Não sei adiantar-lhe mais nada».

Aluguei um quarto nas imediações do Casino e uma hora depois tomei conhecimento da mensagem do Judas, Abade da Abadia...

Perante o meu olhar se foi desenrolando o filme de um perturbador destino.

## CONFISSÃO DO ABADE JUDAS

O POETA PASSEAVA nas muralhas do Monte Saint Michel; quase todos os dias o encontrava ao cair da tarde. Cumprimentava-me com cortesia e eu retribuia-lhe a saudação sem nunca travar conversa com ele. Nessa noite, porém, talvez mais impressionado do que era hábito pelo cenário feérico do Monte, resolvi apresentar-me depois de um cumprimento amigável.

Fui correspondido:

— Um poeta às suas ordens. No ventre trago uma lira ou um violino, e a ingenuidade dos olhos que contemplam a vida e a morte com um olhar diferente.

Sabendo que os poetas não se comportam como o vulgar dos mortais, e se exprimem de modo bem original, não fiquei espantado com a apresentação. Tomei a liberdade de perguntar que livro trazia na mão.

— Não é um livro — respondeu — mas o manuscrito de uma história romântica que ando a escrever, a do monge Jean e da cantora Flory. Veja, admire este pequeno desenho à pena que fiz para ilustrar o fim da vida dos meus heróis. É uma imagem que evoca um dos episódios do grande filme supraterrestre que se desenrola no meu manuscrito. Repare nestes dois mortos cujos caixões abertos saíram da cova negra. O que vê à sua

frente é um monge e uma mulher. Julga que estão mortos? Pois não estão. A vida continua, um pássaro chilreia num ramo e o argumento prossegue. O meu monge e a minha cantora reincarnam-se. Sim, o argumento prossegue, mas trata-se do Grande Argumento, da Grande Aventura, nada parecido com esses milhares de pequenos argumentos e pequenas aventuras à mesquinha medida dos bípedes humanos que pensam no destino limitado pelas datas oficiais do nascimento e da morte terrestres.

«Seres existem que quiseram e puderam sonhar a vida e viver o seu sonho. Estes ambiciosos e audaciosos tentaram possuir as Chaves, forçar as portas da Torre de Marfim do Mistério, roubar o Fogo do Céu. São os grandes aventureiros do Desconhecido: poetas e místicos.

«Os poetas são os Sedutores do Céu e do Inferno.

«Cristo disse: «O Reino dos Céus admite a violência e são os violentos quem o alcança». Outro tanto se poderia afirmar sobre o Reino do Inferno.

«Do resto, o que é uma natureza angélica se não tiver ideia do tormento demoníaco?

«E uma alma demoníaca sem ter conhecido a nostalgia da vida angélica feita de êxtase amoroso na plenitude do Amor Divino?

«O que é uma alma abrasada de amor divino ignorando toda a violência vulcânica, toda a exasperação do amor humano? E uma alma apaixonada, sentimental ou sensual — Don Juan, Safo, a impudica Messalina, Casanova — sem conhecer as torturas do amor humano e alguma vez ter encontrado o Príncipe do Amor, em pessoa?



«Parecia-me de tal modo inexprimível o que pretendia transmitir no meu poema cinematográfico, que senti vontade de me calar e a minha pena, essa, nem ousava tocar as páginas em branco do manuscrito.

«Apesar disso escrevi-o.

«E a história que vou contar-lhe, à qual poderia chamar **Satanás entre os monges**, é a de uma alma voltada ao Céu mas conservando a nostalgia do Inferno.

«Assim construí o tema lírico, místico e filosófico do drama que aqui exponho».

**Sou o Abade da Abadia, reincarnação de um antigo abade do Monte Saint Michel que veio despertar da letargia a minha alma de jovem seminarista.**

**Há poucos anos ainda eu vestia a sotaina dos jesuítas, em Paris, no Externato do Trocadero. Certo dia, porém, travei conhecimento com uma mulher de teatro, a célebre Flory... Comprei um smoking e com ela me aventurei à civil no cabaré da bailarina Josephine Baker em Montmartre, aonde me apareceu Satanás sob a forma de um negro tocador de banjo... Enlouqueci por essa mulher.**

**Por amor de Flory, demónio, celerada e sedutora de insolente beleza, vendi a alma ao Demo.**

**Recolhi-me na Abadia de Lérins, e aí me fiz monge... Mas ela soube encontrar-me. Fascinado pelos olhos da sereia mediterrânica, embruxado pela música do negro tocador de banjo, vivi um drama dilacerante na solidão do claustro.**

À hora da morte chamei Satanás em meu socorro. Para voltar a encontrar Flory consenti em assinar um pacto com ele, Príncipe deste mundo, e empenhei-me em profanar a Abadia do Monte Saint Michel consagrada ao Príncipe da Milícia Celeste, violando os meus votos e celebrando no corpo de Flory uma missa negra durante um sabbat horrível, findo o qual deveria eu próprio destruir a Abadia.

Cumpri a promessa. O que se passou na Abadia durante a infernal noite, assombrada pela presença de um vampiro?... No decurso da cerimónia sacrílega descobri-me reincarnação de Judas e a Flory reincarnação da bailarina Salomé.

Desprezado por Maria Madalena, apaixonada do Cristo, Judas vingou-se ao fazer de Salomé sua amante. E esta, ébria do sangue de S. João Baptista, também quis provar do sangue de Jesus.

O cálice da missa negra celebrada no Monte Saint Michel continha o sangue dos dois profetas, extraído da cabeça decepada de S. João Baptista e do coração trespassado do crucificado Jesus... Eu e Flory mergulhámos os lábios nesse cocktail litúrgico, ladeados pelos espectros de Judas e Salomé.

Agora, que me suicidei, continuo perseguido pela sombra de um abade maldito do Monte Saint Michel.

Já não sou um ser vivo, antes um morto devorado pelo vampiro surrealista. Saio da morte. Já não passo de uma imagem mortuária, sombra que abandonou no vestiário do além-túmulo o invólucro carnal do seminarista apóstata e renegado, como se fora uma capa de viagem... Perdi o meu cartão de identidade espiritual. Já não é possível encontrar as minhas impressões



digitais e, como um real fantasma, volto a deambular no passeio dos monges, no claustro da abadia que profanei.

Sou amaldiçoado
porque uma mulher me esperava
à saída do seminário,
à saída do presbitério,
à saída da episcopal e lendária mansão,
à saída do mosteiro,
à saída da terra, do mar,
à saída do cemitério
e
à entrada do Inferno.

QUANDO ACABEI DE LER a confissão do abade Judas transmutada em argumento autobiográfico, pensei indagar discretamente o paradeiro do autor... Pedi informações ao Comissariado da Polícia — «Nenhum caso de suicídio nos foi comunicado» — disseram. O meu misterioso correspondente tinha desaparecido. Aonde? Afogado? Regressado a Paris?

Primeiro quis assegurar-me de que a mulher fatal, a sereia que enfeitiçara o abade Judas tomando-o nos tentáculos como um polvo, realmente existia e vivia em Cannes num iate...

Fui directamente ao porto e verifiquei que o iate **La Violettera** lá estava, de facto... entre outros das mais variadas dimensões. Com o velame encarnado, o casco pintado de negro, mais parecia um navio corsário do que embarcação de recreio. Marinheiros iam e vinham, ocupados nos trabalhos de limpeza... Interroguei o chefe da equipagem:

— A Mademoiselle Flory mora neste barco?

— Mora, sim senhor, mas de momento está ausente. Não voltará antes de oito dias.

— Apareço então noutra altura... Obrigado.

Dispondo de uma soma bastante folgada, decidi prolongar a estadia na Côte e esperar com paciência o regresso de Flory...



No dia seguinte tive a fantasia de tomar o barco-correio e fazer uma peregrinação à ilha Saint Honorat, visitar a abadia, os lugares que me eram familiares pela leitura da confissão e nos quais vivera e sofrera o abade Judas. O barco acostou ao pequeno desembarcadouro. Uma grande álea de ciprestes ia dar ao mosteiro... Um silêncio tranquilizante, impregnado do aroma dos pinheiros, envolvia a ilha e fui dominado pela religiosidade poética da paisagem. Imaginei o que devia ter havido de tumultuoso na alma do abade Judas quando ali encontrou a enfeitiçante actriz do Odéon...

Toquei, entretanto, ao portal da abadia. Apresentei-me a um irmão de hábito castanho e expus-lhe o objectivo da minha visita.

— Venho saber notícias do senhor abade Judas.

— Foi-se embora — respondeu — mas posso chamar o reverendo padre Bernard, que se ocupava dele...

Aceitei com visível interesse.

— Siga-me — disse o irmão porteiro. Vou levá-lo ao locutório e o padre Bernard virá ter consigo dentro de minutos...

Não esperei muito. Na porta do claustro aparecia, pouco depois, um religioso coberto pela comprida cogula branca dos monges cistercianos. Era um homem idoso de aspecto venerando, com os cabelos da coroa monástica todos brancos. O seu rosto respirava bondade, o olhar inteligência e, ao mesmo tempo, mansidão. Sabendo que estava ligado ao segredo da confissão no que respeita a confidências da alma, expliquei o fim da minha viagem e as razões da minha presença na Côte d'Azur, tão fora

da estação... Contei-lhe a história da carta do abade Judas, a minha chegada a Monte Carlo e a ansiedade sofrida após a leitura da confissão testamentária daquele candidato ao suicídio.

— Compreenda, meu padre — disse a terminar — que tenho o direito de estar um pouco espantado e o desejo de ver claro em todo o imbróglio desta religiosa aventura de amor, satânica e macabra.

O padre Bernard baixou a cabeça.

— Meu caro senhor: todas as noites rezamos o ofício das Completas antes de entrar no dormitório, para Deus nos expulsar do sono «os sonhos e os fantasmas da noite», **somnia et noctium phantasmata**... julgo que o abade Judas foi presa destes fantasmas e vítima da sua imaginação em delírio... Revoltado contra a Igreja Romana, aderiu à Seita luciferiana surrealista que amaldiçoa e vomita o real para preconizar o estado de sonho... O abade Judas sucumbiu de forma doentia e mórbida ao estado de divagação surrealista, perdeu o pé do mundo real... Pressenti essa corrida à catástrofe quando me disse que acabava de reencontrar a tal actriz, causa da desorientação da sua vida, após as cerimónias da Consagração da nossa capela...

— Ele estava no mosteiro há muito tempo?

— Não, não, apenas há oito dias... Um prelado do papa, o monsenhor Wladimir Ghika, tinha-o enviado com uma recomendação muito particular. Escrevera o seguinte: «Mando-vos um ser desamparado, em pleno desvio e completamente intoxicado pelas doutrinas surrealistas, para fazer convosco uma cura de alma e recuperar no ambiente sedativo e retirado de Lérins... Tem uma vocação sacerdotal, e talvez religiosa, a salvar... Confio-o à vossa compaixão compreensiva e peço-vos que o acolhais com caridade e misericórdia.»



—O abade Judas nunca foi monge? O que dizer, então, da confissão autobiográfica em que se apresenta como um monge despadrado?

— Tudo isso se esquentou na sua imaginação sobreaquecida. Escreveu o que desejaria ter vivido... Iniciou-se com os surrealistas no ocultismo e na magia. Fez experiências bastante perigosas, metafícas se assim posso dizer, que submeteram a dura prova o seu equilíbrio mental.

— Mas... como é ele? Que impressão provoca em nós?

— É muito jovem, vinte e três ou vinte e quatro anos... Muito distinto e belo de rosto, com um olhar profundo e inteligente em que se reflecte uma alma romântica, sonhadora e apaixonada... Quando aqui chegou trazia sotaina e muito rapidamente me apercebi de que tinha preocupações de elegância eclesiástica, ao mesmo tempo que um particular cuidado com a elegância das maneiras e do estilo, da linguagem. Mas este lado algo mundano do abade Judas não me inquietava por aí além. Resolvi contemporizar, pensar que se tratava de uma vaidade da juventude. Muito mais me alarmavam as suas reacções morais.

— Peço desculpa, meu padre, de o afogar em perguntas, mas talvez não se espante se lhe disser que estou muito intrigado com todo este caso... O abade Judas pô-lo ao corrente dos seus projectos de fuga e suicídio?

— Deixou-me uma palavra de adeus e agradeceu a minha bondade paternal quando me participou que a reaparição da Flory, na sua vida, de novo o obrigava a reconsiderar tudo. «Não quero»,

escrevia ele, «afundar-me no claustro. Seria um enterro de primeira classe... A chegada da Flory a esta ilha fez desabar todas as minhas boas resoluções... Quero esta mulher e se não a obtiver, à viva-força, matar-me-ei ou alistar-me-ei como caporal combatente nos exércitos do Anticristo. Sabe o que isto quer dizer... Peço desculpa por lhe causar trabalhos, a si que tanta bondade me testemunhou. O amor, porém, chama-me a outro lado».

— Supõe que se tenha suicidado, meu padre?

— Não, não creio... O abade Judas é um hiper-emotivo muito impressionável mas possui uma vitalidade prodigiosa que oporá sempre uma barreira às ideias obcessivas de autodestruição... Não sei o que se passou entre ele e a actriz. Por ter sido seu confidente tenho boas razões para supor que voltou a Paris, muito simplesmente, para junto dos surrealistas... O que é bem mais grave... Um suicídio físico por excesso de sofrimento, num estado de depressão melancólica, só pode reforçar a piedade de Deus que é um Pai. Voltando aos surrealistas, o abade Judas comete uma apostasia que é um verdadeiro suicídio moral.

O olhar do religioso toldou-se de tristeza e melancolia.

— Sentia-se ligado a ele, meu padre?

— Muito... Fiz tudo para granjear a sua confiança. Quando me contou todas as suas proezas de jovem seminarista, tornado surrealista, em rebelião contra a Igreja; quando por basófia me contou, com todo o pormenor, a sua nova vida de anarquista intelectual, anticlerical, respondi: «Meu pobre filho! Não segues sequer o meu caminho, pois bem pior fiz. Como grande pecador, ao meu lado não passas de um aprendiz.»



— O quê? também o meu padre um grande pecador?

— Oh sim, caro senhor... Julgo que Deus me perdoou, tal como a Igreja... Uma vez que é escritor não deixará de estar habituado à análise psicológica das misérias da alma... Exactamente como nós, confessores, a isso nos habituamos... de outro modo. Sou um velho monge, já com um pé no túmulo. Bem posso confiar-lhe o meu pecado... Há-de fornecer-lhe mais um enredo.

«O senhor ainda é jovem e ignora esta história... que na época fez grande barulho na imprensa de Paris, particularmente no **Le Matin** e no **Le Petit Parisien.**

«Este que aqui vê é um antigo larápio eclesiástico. Fica espantado? Surripiei-me a mim próprio... Eu era padre tesoureiro do bispado da minha diocese. Esta função, em geral, só é confiada a padres conhecidos pela sua integridade e gozando da estima dos superiores. Eu achava que as entradas de dinheiro através de peditórios e vendas de caridade eram insuficientes para alimentar a tesouraria do bispado. Nutria projectos ambiciosos de enriquecimento, não para mim, mas para a diocese...

«Estes projectos impediam-me de dormir e foi durante uma dessas insónias que me veio à ideia jogar na Bolsa todo o dinheiro disponível, em reserva no cofre-forte que estava instalado perto da cama, no meu quarto. Agarrei nele, acrescentei-lhe todo o que se encontrava depositado no Banco, e fui a Paris tentar a sorte... Um dos meus antigos condiscípulos era agente de câmbios na capital. Meti-o no segredo.

— «Há uma operação magnífica a fazer — disse ele — mas é preciso ter coragem. Vamos tentar?

— «Sabes disso mais do que eu — respondi. Se daí vierem chorudos benefícios, não devemos ter hesitações.

«Fazia castelos no ar e, devido a essa audaciosa iniciativa, já me via congratulado pelo bispo e os meus confrades eclesiásticos...

«Mas em lugar do êxito esperado foi a catástrofe total... Perdi na Bolsa todo o tesouro da diocese sob minha responsabilidade. Estava desgraçado.

«Quando voltei para casa e fiquei sozinho no quarto, com a cabeça em fogo e palpitações cardíacas, já nem sabia a que santo recorrer... Estava como um homem que perdeu os comandos do seu destino, de leme completamente desgovernado. Seria normal que tivesse a humildade de confessar tudo ao meu bispo; esta solução, porém, logo me repugnou e preferi outra, simular um assalto...

«Depois de marcar o número do segredo do meu cofre-forte, rebentei-lhe a fechadura à picareta, como se os assaltantes tivessem recorrido a tudo para a despedaçar... Com os meus botões conclui, no entanto, que se os larápios tivessem podido entrar no meu quarto, atirar-se-iam a mim para impedir que desse o alerta e chamasse por socorro. Era fatalmente conduzido através de uma lógica infernal para encadear os factos que imaginava, a simular um assassinato... Lembrei-me, então, de que havia sangue de pato numa tigela da cozinha, para a criada fazer um pato à moda de Ruão... Com ele manchei uma das minhas sotainas e fui pendurá-la numa árvore do jardim, colocando por cima e bem em evidência o seguinte dístico:



**«Roubámo-lo, matámo-lo, nunca mais tornam a vê-lo».**

«Naquela época, para fazer buscas a polícia não dispunha dos meios aperfeiçoados de hoje, análises de laboratório, impressões digitais, etc.. Abandonando a casa em plena noite, deixando a porta propositadamente aberta, tinha a certeza de escapar às indagações dos cães de caça mais finórios.

«Fiz perto de quinze quilómetros a pé. Logo de manhãzinha, tomei na estação um comboio para o percurso Rennes-Paris. Quando cheguei a Mans saltei para o primeiro expresso que seguia em direcção à capital e, mal me apeei em Paris, toquei à porta do apartamento do agente de câmbios... Expliquei-lhe tudo, obrigando-o a jurar pela honra que seria como um túmulo no que dizia respeito ao que eu acabava de lhe revelar. Tendo-me servido de cúmplice, o seu interesse era calar-se.

«Descansei na casa dele, num quarto de hóspedes. Como éramos ambos da mesma estatura, deu-me um dos seus fatos de civil, um chapéu de palha, e foi comprar-me uma barba postiça num fornecedor de acessórios de teatro.

«Dali a dois dias, o relato do que hoje chamo «a minha façanha melodramática» espalhava-se como um rastilho por todas as salas de redacção dos jornais parisienses. E não tardou que pudesse ler na imprensa, em caixa alta:

## UM CRIME REVOLTANTE

**Desaparecimento misterioso do abade X...**
**Tesoureiro da diocese de Y...**
**assaltado e assassinado.**

«Sentia vontade de me enfiar pelo chão abaixo, desaparecer de verdade, fugir para uma terra erma disfarçado de missionário... Mais de uma semana segui os jornalistas e polícias nos seus inquéritos sem êxito... Ia até aos bulevares... Os ardinas só falavam de mim: «Olha o **Le Matin,** é o **Le Petit Parisien** com todos os pormenores sobre o crime de Y...»

«Os meus ouvidos zumbiam... Febril, sentava-me na esplanada de um café, pedia uma caneca de cerveja e voltava para casa do meu amigo. Qualquer de nós se mostrava consternado.

«Um belo dia, cheguei a ler num jornal a minha oração fúnebre. Acabavam de celebrar uma cerimónia religiosa na catedral, por intenção da minha alma. O coral do seminário cantara a missa de **Requiem.** Comparecera todo o clero da cidade, tinha havido grande afluência de padres chegados de todos os cantos da diocese. A catedral ficara como um ovo. Antes da absolvição o bispo subira ao púlpito e, com a cara bem vermelha de vergonha, li o elogio fúnebre que me fizera e começava assim:

**«Irmãos, o vosso bispo cumpre o doloroso dever de pronunciar hoje a oração fúnebre do cónego X... que não temos a esperança de voltar a encontrar vivo... Este padre tão amado, cobardemente assassinado por miseráveis, às qualidades da caridade sacerdotal somava as da piedade, revelava um zelo admirável de administrador consagrando toda a sua força às obras diocesanas que, graças a ele, se haviam feito mais florescentes do que nunca...**



«Desta vez era demais. Não podia suportar tanta impostura.

«De regresso a casa, comuniquei ao meu amigo que iria confessar tudo a um dos nossos antigos condiscípulos que fosse padre. Combinámos ambos escolher, entre todos, o que pudesse receber-me com mais indulgência...

— «Inclino-me para o René X... — acabou por sugerir o meu amigo. Não terá hesitações em te abrir a porta da casa e do coração. Era o último da classe, mas tem um coração de ouro. Vive agora em Lião e é capelão de uma comunidade de religiosas. Não hesites... Vai ter com ele e confessa... Isso há-de aliviar-te. Ajudar-te-á a apagar os estragos e a refazer a tua vida.

«Quando me apresentei em casa do abade René X..., em Lião, diga-se de passagem que o sobressalto dele foi grande por ver à sua frente, em carne e osso, um homem que julgava morto.

«Eu chorava de emoção.

«Beijou-me fraternalmente.

«Oh, meu velho! O que te aconteceu? — gaguejava ele, também a chorar.

«Dias mais tarde trazia-me a este mosteiro... Tinha aqui um amigo, o prior que era seu director espiritual... Exactamente neste locutório em que o senhor agora está, contou ao prior a minha rocambolesca aventura...

«Depois de tudo esclarecido o prior voltou-se para mim, que me encontrava o mais abatido possível, e disse:

«Caro amigo, esqueça este pesadelo... Serei para si como que uma nova terra... Eu e este seu amigo, o abade René que irá contar tudo ao bispo, vamos avaliar qual a melhor forma de reembolsar a diocese cuja tesouraria foi por si delapidada num gesto irreflectido. Recebo frequentemente a visita de pessoas muito ricas, em vilegiatura na Côte. Hei-de fazer apelo à sua caridade. Chaga de dinheiro não é mortal. O meu amigo ficou queimado para a clerezia secular... Vai viver aqui incógnito, com nome emprestado, e terá a possibilidade de arranjar uma pele nova e levar uma bela vida ao serviço de Cristo, num amoroso silêncio de adoração e generosa reparação. Vou pôr o reverendíssimo superior ao corrente... E agora, antes de mais, vai descansar para fazer a seguir um sério retiro. Depois desse retiro logo veremos. O Espírito Santo há-de iluminar-nos a seu respeito.

«...Assim me transformei no padre Bernard.»

— Muito bem! Felicito-o, meu padre... A sua vida é um verdadeiro romance. E nunca imaginaria possível encontrar debaixo de uma sotaina de religioso um financeiro de pouca sorte, um aventureiro da Bolsa e um arrombador eclesiástico. Decididamente, quando os homens da Igreja se ocupam de amor ou dinheiro, cuidado com eles! Posso perguntar se o segredo da sua aventura foi bem respeitado?

— Oh! Depois desta história, quanta água correu debaixo das pontes! A água do esquecimento... O meu bispo perdoou-me. Decididos a salvar a honra da casa, também os meus condiscípulos se cotizaram e fizeram peditórios. Por outro lado, o prior



revolveu céu e terra para encontrar fundos. A diocese foi reembolsada. Quanto ao segredo, apesar de protegido de toda a indiscrição pelo meu retiro monástico, acabou por se espalhar... Mas isso permitiu que praticasse o bem junto de almas desamparadas que me eram remetidas no momento do naufrágio. Homens do mundo, aristocratas, burgueses que se tinham transformado em estroinas e perdiam a fortuna no jogo, em Monte Carlo, financeiros a um passo de fazerem uma vigarice, trapaceiros arrependidos, maridos católicos que dissipavam o dote das mulheres depois de qualquer abatimento moral, até ladrões me apareceram aqui com as suas confidências... Chegavam-se a mim como a um bicho raro e, ao fim de cinco minutos de conversa, já se abriam confiantes, dizendo: «Este é cá dos nossos, ou da profissão (se me permite). Podemos despejar o saco...» Voltavam reconfortados ou com um senhor sermão no pêlo, conforme os casos... Como agradecimento, quase todos me enviaram donativos para o mosteiro. Após ter arruinado a minha diocese, enriqueci a Abadia de Lérins.

— Podemos dizer, meu padre, que a sua odisseia não é banal. O abade Judas não foi abalado pelo facto de ter como confidente um monge de vida aventureira e atormentada, preso numa engrenagem fatal de pecados tão graves como pitorescos?

— Foi. O abade Judas, que acabava de confessar-me a sua vida de apóstata, mostrou-se estupefacto quando lhe disse: «Troca por troca, vou contar-lhe a minha história que, certamente, é mais condimentada do que a sua.» Pôde então abrir-se com total confiança. Eu contava saber arrancá-lo às garras de Sata-

nás... E julgo que o teria conseguido se essa actriz não viesse intrometer-se tão desastradamente, no nosso caminho.

O sino do mosteiro badalava...

— Desculpe-me, senhor, mas tenho de ir para o ofício... Espero que não espalhe demasiado as minhas proezas de Arsène Lupin de sotaina. Se encontrar esse desgraçado do abade Judas, tenha a bondade de me dar notícias dele. Não saia da ilha sem visitar o mosteiro. Vou pedir ao padre hospedeiro que diga a um irmão para o acompanhar na visita, e também espero que nos dê o prazer de participar no nosso frugal jantar.

JÁ A NOITE DESCIA quando cheguei ao porto de Cannes. Em silêncio, o crepúsculo cobria com um véu de seda violina a Côte e o mar.

O iate **La Violettera** estava abandonado, dir-se-ia que a equipagem desertara. Apesar disso, aventurei-me pela passadeira e cheguei a descer a escada que levava ao interior do barco. Refestelado num divã, um gato angorá fixou-me com um olhar aonde pairava uma espécie de humor inquietante e gelado. Encontrei-me numa divisão que fazia, ao mesmo tempo, de sala de fumo e biblioteca. Era central e comunicava, à direita e à esquerda, com outras divisões que deviam servir de sala de jantar e quarto de dormir aos proprietários do iate.

Já o silêncio me fazia sentir intruso, já ia sair dali quando um espectáculo inesperado me atraiu a curiosidade e pregou ao chão. Através de um panejamento de musselina grená distingui os corpos de duas mulheres enlaçados num sofá, num desfalecimento extático, boca contra boca, seios com seios, sexo com sexo.

Não sabia que partido tomar. O quadro vivo que tinha à frente deixava-me amolecido de prazer e provocava em mim uma satisfação erótica das mais violentas. Nessa postura de contemplador involuntário, comportando-me como um indiscreto, arriscava-me a ser notado e a falhar o objectivo da visita.

Uma das mulheres estendeu-se em cima da outra e começou a estreitá-la com grande ardor amoroso. Subi então a escada, martelando com força os degraus para despertar a atenção, e dei alguns passos em direcção contrária, aproximando-me da passadeira.

Não tardou que uma forma feminina em roupão de banho surgisse na treva transparente e perguntasse com certa ansiedade:

— Quem está aí?

— Desculpe se a incomodo a uma hora destas, minha senhora. Sou o autor do **Satanás entre os Românticos,** do qual já o senhor abade Judas lhe falou, com certeza. Recebi uma estranha carta assinada por ele a pedir-me, entre outras coisas, que não abandonasse Cannes sem me avistar com uma célebre estrela do cinema, antiga actriz do Odéon, chamada Flory... Será essa pessoa a quem tenho a honra de me dirigir?

— Sou, de facto, e dá-se o caso de o senhor abade Judas me ter prevenido da sua possível visita; ainda agora voltei da Córsega, tal como ele lhe deve ter dito.

— Sim, sei isso, e quase há uma semana aguardo com impaciência o seu regresso. Como não posso prolongar a minha estadia por mais tempo, logo que for possível desejaria ter uma conversa consigo.

— Também eu a desejo, tanto como o senhor. Seja benvindo e aceite jantar hoje à noite sem protocolo, comigo e a minha amiga a quem este iate pertence. Vai sujeitar-se a um jantar improvisado porque a equipagem e o pessoal estão de folga. Esta noite não temos cozinheiro nem criado a bordo. Demos-lhes alguns dias de folga por ocasião das festas do Ano Novo e temos comido



na cidade. Hoje, no entanto, já que se trata de uma conversa íntima ficamos mais à vontade no iate. Tenha a bondade de aguardar alguns minutos na sala, não estou vestida para o receber. A minha amiga, a quem hei-de apresentá-lo, vai providenciar para que o Hotel Miramar nos mande aqui a refeição.

Voltei a descer a escada enquanto recebia em plena cara ondas cheirosas do perfume de Flory, que seguia à minha frente. Pude observar em pormenor o seu rosto, à luz fluorescente de umas volutas de cristal incrustadas nas madeiras da sala, e fiquei imediatamente encantado pelos seus admiráveis olhos garços com reflexos, ao mesmo tempo, azul-celeste e verde-tigre. Uma cabeleira loura de ondeado nevoso e dourado, uma pele de cetim tecido nas regiões nórdicas, faziam ainda mais perturbante o vampirismo que a sua pessoa emanava.

Pedindo-me que utilizasse como cinzeiro uma caixa de acaju cheia de pétalas de rosa, desapareceu transformada numa verdadeira ondina.

Meia hora depois já eu estava à mesa com as duas belas mulheres. Flory trazia um vestido de noite de veludo preto palhetado a ouro, cujo decote redondo deixava que emergissem os seus seios provocadores, entre os quais, como uma nódoa de sangue na neve, cintilava um rubi magnífico pendurado de uma corrente de ouro e platina.

A amiga e concubina de Flory a quem eu acabara de ser apresentado era uma condessa alemã filha de um pai do Ducado de Bade e mãe castelhana... No seu olhar misturava-se a febre voluptuosa de Espanha às deambulações da Floresta Negra. Nesta mulher morena, de olhos ao mesmo tempo abrasados e lânguidos,

adivinhávamos o papel passivo do casal de lésbicas. Trazia um vestido vermelho decotado em V e as costas nuas. Um colar de esmeraldas rodeava-lhe o pescoço de rola enamorada.

O Hotel Miramar fornecera uma refeição para três pessoas, digna de gastrónomos; pequenos cestos de massa de tarte tostada e cheios de jardineira à russa, pasta de fígado, lagosta de mayonnaise, peru estufado com castanhas e guarnecido a toucinho, manjar do Natal, frutos exóticos, tudo regado com vinhos finos, chá de hortelã-pimenta acompanhado de aguardente de framboesa da Alsácia. Esta ementa de eleição servida num cenário marítimo, na companhia de duas sereias perturbantes de impureza, não era coisa que pudesse desagradar-me. Porém, o que interiormente me excitava de forma ainda mais deliciosa era o equívoco que planava sobre a refeição, a escandalosa duplicidade de sentimentos das duas mulheres cúmplices numa perversão de sentidos que eu testemunhara mas fingia ignorar.

Se para um homem pode ser excitante imaginar, ou adivinhar, as formas macias de um belo corpo de mulher debaixo de um vestido, não menos excitante será encontrar-se perante duas mulheres vestidas mas ignorando que já foram possuídas, nuas, pelo seu olhar. Porque um homem pode possuir uma mulher sem ser obrigado a esmagá-la com setenta quilos de carne gemente ...

Durante o jantar, só muito superficialmente tocámos no assunto do abade Judas. Demorei-me a distrair as duas amigas com o relato da aventura recambolesca do monge pseudo-assaltante e simulador de suicídio (1) que me acolhera no mosteiro da ilha de Lérins, reservando-me o direito de apenas abordar o tema que me apaixonava quando me encontrasse em conversa íntima com Flory.



A jovem condessa teve o bom gosto de fazer uma visita ao Casino. Pondo aos ombros uma capa vermelha com reflexos ondeados, debruada a arminho branco, eclipsou-se discretamente e deixou-me a sós com a amiga.

Passámos à sala.

Entre volutas de cigarros que cheiravam a pétalas de rosa, travei com a antiga actriz do Odéon uma conversa das mais interessantes. Pu-la rapidamente a par de tudo; da minha surpresa à recepção da carta testamentária em que o abade Judas me anunciava a intenção de consumar um suicídio por desgosto de amor; da minha chegada a Monte Carlo, aonde soube da confissão do abade Judas depois de sair da Villa Mandrágora; dos resultados infrutíferos do meu inquérito sobre este moderno Des Grieux; da ideia que eu tivera de aguardar o seu regresso e extrair um argumento cinematográfico da confissão do abade Judas. Entreguei a Flory as folhas da confissão daquele herói eclesiástico e romântico.

---

**(1) — Trata-se de um equívoco em que o autor cairá, pelo menos mais uma vez. O padre Bernard não simulou um suicídio, mas um assassinato, como se pode confirmar no capítulo anterior. (Nota do tradutor).**

— Tranquilize-se, porque o abade Judas não se suicidou — respondeu Flory sem hesitar. Ainda agora me enviou de Paris alguns textos de poesia surrealista.

«Se se tratasse de outro homem que não o abade Judas, dir-lhe-ia que toda a história não passava de uma hábil encenação destinada a exercer sobre mim uma chantagem sentimental, fazendo-me acreditar na possibilidade de um gesto fatal que imitasse o do monge de Lérins e o seu simulacro de suicídio. Infelizmente, não é nada disso. O abade Judas vive realmente as suas aventuras, mas vive-as numa espécie de sonho acordado. Imagina-se reincarnação de um abade da Abadia do Monte de Saint Michel, o abade Robert Jolivet que, no Séc. XV, quando os Ingleses faziam o cerco à cidadela, terminou a brilhante carreira monástica pela vergonha de uma traição e cometeu a indignidade de passar às fileiras do inimigo assaltante... Atingido de possessão psíquica, o abade Judas está convencido de que a alma do desleal abade transmigrou ao longo de séculos e ele próprio é esse abade reincarnado, regressado à terra para expiar a sua falta de monge francês colaboracionista com os Ingleses, aliás inimigos hereditários do reino... É preciso mais do que um desdobramento de personalidade. É ser triplo numa só pessoa. Firma-se de pedra e cal na ideia de que o seu presente invólucro carnal serve de revestimento a três personagens: um monge maldito do Séc. XV, o jovem abade que ele foi e eu conheci neste Séc. XX, o aventureiro satânico em que se transformou desde que frequenta os anarquistas luciferianos surrealistas. Se bem que obcecado pelo suicídio, como Judas no Evangelho, apenas concebe esse suicídio pela necessidade do enterro sucessivo dos três personagens.



«A confissão do abade Judas — prosseguiu Flory — não só não me surpreende como não traz qualquer novo dado ao problema que este caso patológico propõe. O abade Judas imagina que vive uma oculta vida nocturna com o meu duplo, ou o meu corpo astral, se prefere, em que alucinantes sucessos tecem a trama de uma aventura maravilhosa em absoluto, e perturbante... Sonha uma vida que logo vive em sonho e lhe parece mais real do que esta a que eu e o senhor chamamos vida real. Desde que frequenta os meios surrealistas, o abade Judas sofreu uma temível e contagiosa influência. Para falar a linguagem dos psiquiatras, transformou-se num paranóico».

— Não estará a dar demasiada importância à influência dos surrealistas sobre o abade Judas? Os surrealistas formam um agrupamento poético em Paris, uma capela literária de vanguarda. Antes deles houve outros. Não são levados muito a sério e consideram-nos intelectuais anarquisantes inofensivos e um tantinho mistificadores.

— Desengane-se, caro senhor. Os surrealistas são verdadeiros terroristas intelectuais. Apelam para o Conde de Lautréamont, um niilista autor de **Os Cantos de Maldoror** (¹) e o Marquês de Sade, ambos célebres pelos seus escritos delirantes a favor de tudo o que seja horrível, cruel ou monstruoso. Os surrealistas

---

**(¹) — Publicados em português pela Livraria Moraes Editora. (Nota do tradutor)**

formam um verdadeiro clã de poetas e artistas que atacam a religião, insultam o papa, escarram nos padres; atiram-se contra o exército, renegam a pátria; injuriam de forma grosseira e porca os membros da Academia Francesa, metem a ridículo os corpos constituídos da Sorbonne, do Parlamento, dos Tribunais, da Medicina. Reivindicam com orgulho o título de bárbaros incendiários, demolidores, reclamam a abertura das prisões, a libertação dos alienados. Preconizam a anarquia total do desejo, a licença dos costumes. São demónios incarnados que, dia fora, blasfemam e profanam. Desprezam o mundo real e, como verdadeiros magos negros, pretendem recriar o universo e abrir aos seus adeptos as portas de um maravilhoso mundo imaginário... Tudo quanto sei é que transformaram o abade Judas numa espécie de mitómano delirante e, em certos momentos, sádico.

Eu ia achando divertido este requisitório na boca de uma mulher que (tinha já a prova) troçava fartamente da moral vigente, praticava a liberdade dos costumes e levava uma estranha vida de independência louca com uma jovem condessa que era par nas suas orgias impudicas de Messalina. Olhando-a assim elegante, moldada no vestido de veludo negro por baixo do qual palpitavam dois seios admiráveis, bem compreendia a que ponto tinha podido enlouquecer o abade Judas.

Experimentava uma necessidade irresistível de esborratar a pintura, forçá-la a debruçar-se sobre a sua própria imagem no espelho da impureza sáfica, de lhe atirar à cara: «Basta de comédias! Não passas de uma fressureira, uma mulher que gosta de ser chupada e apalpada por outra mulher. Já acabaste de armar, minha lambisgóia?»



Soube conter-me, porém, e dominar-me face a esse corpo votado aos prazeres ilícitos, corpo feminino que eu tinha visto nu e por um triz não arrancava à prisão do vestido de noite para lhe apalpar a pele nacarada.

— Acaba de pronunciar uma palavra bem grave — continuei — falando de sadismo a respeito do abade Judas. Não acha que faz pender sobre ele um julgamento demasiado rigoroso?

— O senhor é um dos escritores actualmente mais interessados na psicanálise e no seu livro **Satanás entre os Românticos** tentou explorar o subconsciente de um Baudelaire, um Barbey d'Aurevilly. Posso portanto falar-lhe de coração aberto e pôr-lhe os pontos nos is. Vou poupá-lo aos pormenores do que sucedeu desde o dia em que o abade Judas abandonou a Abadia de Lérins para vir ter comigo a este iate. Citarei apenas um facto: o que pensará o senhor de um antigo seminarista que, depois de um retiro num mosteiro, tentasse violar uma mulher enfiando-lhe uma vela acesa no sexo?

— O que me diz?

— A verdade... Foi o que aconteceu durante o meu último encontro com o abade Judas, na Villa Mandrágora. Depois de ter fugido do mosteiro eu confiara-o a um eminente neurólogo, visto ter-se entregado, neste iate, a gestos que denotavam um inquietante desequilíbrio. Julgava eu que uma cura de repouso na cidade iria exercer sobre ele uma acção sedativa mas, pouco antes do Natal, o médico deu-me a entender que não encontrava melhoras no seu estado mental. Depois de numerosas sessões de psicanálise, o abade Judas ainda se comprazia no relato de

uma aventura de pesadelo comigo, a mesma que constitui o tema da confissão que o senhor me deu a ler... Verificava o médico que no seu cliente existia uma propensão inquietante para as alucinações. «O abade Judas», dizia, «não deixando de se confundir com um monge atormentado e torturado pela nostalgia de uma mulher que amava, vive numa espécie de divagação surrealista eroticomística, num estado de exaltação amorosa e passional, num paroxismo religioso, estado que alterna com uma depressão melancólica acompanhada de obcessões de suicídio».

«Como eu tencionava passar na Córsega as festas do Natal e Ano Novo, fui à Villa Mandrágora cuidando que a minha visita iria dar prazer ao abade Judas e o reconfortaria... Nessa altura ainda ele estava mal curado de uma febre cerebral. Levei-lhe flores e limões... e cheguei a velar toda uma noite à sua cabeceira. Quando acordou, a febre tinha baixado, sentia-se bem disposto e manifestava o desejo de dar um passeio à beira-mar na minha companhia. Aceitei. Saltou então da cama e eu ausentei-me um quarto de hora para refazer a minha beleza, se assim posso exprimir-me. Quando voltei, tinha vestida a sotaina e apresentava no rosto a maior calma. Acendera uma pequena vela à frente de uma reprodução da **Anunciação** de Fra Angelico, idêntica às que ardem nas igrejas junto da estátua da Santa Teresinha do Menino Jesus.

«Na altura em que eu menos esperava atirou-se a mim, fez-me tombar para cima da cama, revolveu-me por debaixo do vestido levantado, arrancou e rasgou nervosamente a minha combinação de seda e, mantendo-me imobilizada, antes que eu



tivesse tempo de recuperar a presença de espírito, com um braço de força hercúlea enfiou a vela acesa no meu sexo... Escorreram-me pela barriga gotas de cera escaldante. Sentia vontade de gritar, chamar a enfermeira em meu socorro, mas a nossa posição na cama oferecia um espectáculo tão escandaloso que senti vergonha por nós ambos. Lá consegui levantar-me, correr ao lavatório, agarrar numa toalha encharcada e com ela esbofetear várias vezes o abade Judas, para o acalmar...

«Passada a crise apressei-me a reparar a desordem dos meus cabelos e vestido. O abade Judas ajoelhou-se à minha frente e desatou a chorar, suplicando-me que nada dissesse e prometendo desaparecer para sempre da minha vida...

«Esta é a última recordação do curioso personagem, que levei para a Córsega, última recordação do seminarista surrealista».

Eu estava literalmente estupefacto com a história dessa violação em que o odor litúrgico da cera das velas se misturava ao perfume de rosas da lésbica, em que o homem de sotaina se transformava de repente num espantalho odiado, em que a sereia mediterrânica era assediada por um possesso do demónio no quarto da Villa Mandrágora, como uma corça condenada à morte. Perguntas que não ousava formular queimavam-me os lábios: Flory seria virgem quando o abade Judas lhe usara o sexo como um candelabro para aí cravar a vela? Gostara sempre de mulheres ou entregara-se, antes disso, a um homem?

Sozinho com ela naquele iate que servia «de abrigo às secretas luxúrias» de duas mulheres fugidas às **Flores do Mal**,

eu sentia a cabeça invadida pelas imagens de um «convite à viagem» baudelairiano. Não conseguia expulsar dos meus olhos a cena da violação que acabara de ouvir. Sentia o membro em erecção tão dura como a vela do abade Judas. Flory adivinhou a minha perturbação e pareceu-me que experimentava um gozo secreto à ideia de que me tivessem subido à cabeça as lufadas de concupiscência do seu relato... Já esperava a minha reacção.

Permaneci pensativo alguns instantes e depois, sem poder aguentar mais, carreguei de cabeça baixa sobre o obstáculo, a barreira idiota das conveniências hipócritas que impedem um homem bem educado de exprimir à mulher cobiçada tudo o que sente ou deseja. Tal uma rã que mergulha entre os nenúfares das águas adormecidas de um charco, saiu-me da boca uma frase agressiva:

— Basta de comédias! Também lhe vou pôr agora os pontos nos is.

Flory recebeu a frase em pleno rosto como se fora um inesperado chuveiro escossês, mas nem teve tempo de soltar uma exclamação de surpresa. Outras frases cortantes, incisivas como pontas de espada, iriam suceder-se numa cadência endiabrada. Já não conseguia moderar as minhas maneiras nem o débito verbal. O meu subconsciente experimentava o desejo de se libertar. Continuei...

— Vai ser preciso pôr a sua alma a nu (e também o corpo — acrescentei mentalmente). Ainda há pouco me disse: «Vou poupá-lo aos pormenores do que sucedeu desde o dia em que o abade Judas abandonou a Abadia de Lérins para vir ter comigo a este iate». Pois bem! Quero saber tudo. Desejo saber o que



na realidade se passou entre o abade Judas e a senhora, a partir do dia em que ele teve a infelicidade de a encontrar. Infelicidade, disse bem. Porque o abade Judas, segundo me explicou o velho monge da Abadia de Lérins, estava destinado ao mais belo destino eclesiástico e sacerdotal; é lamentável pensar que esse grande destino abortou nas saias de uma cabotina que veio a transformar-se na sua alma danada.

Um ultraje destes fez Flory dar um salto, mas nem sequer lhe dei tempo a uma réplica.

— Vejo que é inteligente, minha senhora, e muito culta, mas viciosa e perversa, como acabo de dizer. Debaixo de brilhantes aparências esconde uma alma de demónio e, pessoalmente, acho-a miserável e criminosa. Foi você, minha senhora, quem destruiu a vida do abade Judas e a si pertence inteiramente a responsabilidade do seu desequilíbrio psíquico que a vi atirar com tanta desenvoltura aos surrealistas. Com frieza e cálculo excitou a paixão do abade Judas quando bem sabia que não poderia saciá-lo, uma vez... uma vez que a senhora gosta de mulheres.

— Acho que está a passar das marcas. Atreve-se a insinuar...

— Não insinuo nada, afirmo. Esta tarde, quando cheguei ao iate, não vi ninguém e desci a escada. Através do reposteiro de musselina tive oportunidade de assistir aos seus amplexos amorosos, seus e da bela condessa alemã. Tive a oportunidade de admirar os vossos corpos, assistir ao vosso abraço. Acredite, peço-lhe, que não estou em condições de esquecer a visão de uma Diana caçadora com os cabelos em tempestade e o dorso

fremente, a imitar os gestos de um macho no cio e, à força de carícias, a fazer desfalecer a Vénus da Floresta Negra. Voltei a subir a escada com ruído bastante para despertar a sua atenção. Consegui-o... embora lamentasse interromper a vossa... borga marítima. Como calculará, o espectáculo dos vossos belos corpos enlaçados não deixa de me excitar desde que aqui vim como hóspede de uma noite. E a narrativa que acaba de me fazer, da violação levada a efeito pelo abade Judas com uma vela, é mais um excitante. Por isso, se não quer que todos os jornais da Côte d'Azur e a crítica de arte da imprensa de Paris sejam postos a par dos seus hábitos singulares, arranje-se de forma a que eu não saia deste iate sem serem satisfeitas a minha curiosidade de escritor e a minha sensualidade de homem.

Flory corou de vergonha e raiva. Tinha o rosto tão escarlate como uma peónea.

— Isso é chantagem, caro senhor! É odioso, indigno de um homem de letras traficar dessa maneira com uma mulher. Acho-o repugnante.

— Basta de injúrias, pois é a única forma por que merece ser tratada. Julgo inútil parlamentar e esquivar-se com invectivas e desculpas. É pegar ou largar... A sua reputação parece-me cem vezes menos preciosa do que a saúde moral do abade Judas que procurarei arrancar à sua influência maléfica, mal chegue a Paris. Se não quer amanhã ser amarrada ao pelourinho infame que já sabe, acho do seu interesse entregar-se de bons modos à execução. Vai contar-me a sua vida com o abade Judas e conceder-me neste iate uma noite de amor. O segredo da nossa noite não transbordará deste veleiro satânico, prometo-lhe.



«Não sou o Adónis nem o Casanova. Não ando aqui a fabricar a minha fama, não tenho cabelos brancos no meu vigor e sinto-me bastante em forma para não ser um parceiro indigno».

Flory mantinha-se calada, humilhada pelas minhas últimas e irónicas propostas. Ao fim de instantes fixou-me com um olhar felino e suspirou, resignada.

— Seja. O senhor tem mais força. Talvez queira vingar a ofensa da minha recusa ao sexo masculino, na pessoa do abade Judas. Vou contar-lhe por miúdos a história da minha aventura com ele. Vou satisfazer os seus desejos donjuanescos. Pode dar-me a sua palavra de cavalheiro em como não revelará nada do que esta noite se passar aqui?

— Tem a minha palavra.

— A minha amiga condessa foi convidada a ir a um cabaré reservado à clientela feminina. Só estará de volta ao amanhecer. Fico-lhe agradecida se sair antes... Compreende?

— Esteja descansada. Não serei eu quem causará uma cena de ciúmes entre si e a condessa. Nessa altura já terei o ventre... e o baixo-ventre agradecidos, além de que não sou ingrato nem pulha... Hei-de ir-me embora antes do nascer do dia, apagando-me para sempre nos horizontes da sua vida.

— Pois bem! — começou. A sua intuição psicológica não o induziu em erro... Adivinhou. Reconheço que entretive perigosas relações de amor com o abade Judas.

Fez-me então o relato pormenorizado da aventura dramática do abade Judas. Explicou-me como o encontrara no Monte Saint Michel, como fora assaltada pela ideia mórbida de lhe perturbar a alma de jovem seminarista. A seguir, contou-me

todos os episódios importantes da aventura: o espectáculo no Teatro Odéon; a noitada no cabaré de Josephine Baker, em Montmartre; a vida eclesiástica do abade Judas prematuramente quebrada depois dessa noite fatal; a forma impiedosa como ela se conduzira quando o abade lhe fez a primeira declaração de amor; a indiferença glacial que opôs à neura romântica do seminarista e como este, por desespero, renegou o catolicismo romano e se filiou na seita luciferiana dos anarquistas-surrealistas; a surpresa, enfim, com que voltou a encontrá-lo muito tempo depois, na Abadia de Lérins.

— Quando eu assistia à cerimónia da consagração da capela monástica — concluiu — ao ver o abade Judas outra vez com as vestes eclesiásticas, germinou no meu cérebro a ideia da missa negra que haveria de pedir que celebrasse depois de receber a ordenação. Além disso, quando veio visitar-me neste iate, ainda mais inflamado do que em Paris, disse-lhe com cinismo: «Prova que me amas... Para obter os favores das suas damas, os grandes enamorados atravessaram mares, conquistaram reinos, enfrentaram a morte... Se na verdade me queres, peço-te que regresses ao mosteiro e faças o noviciado, pronuncies os votos. Quando tiveres alcançado a dignidade sacerdotal vem ter comigo, pois organizaremos neste iate uma cerimónia satânica, uma «missa negra»... Só a este preço serei tua para sempre». É evidente que eu troçava, mas ele mostrou-se logo impaciente. Atirou-se a mim como um sátiro lúbrico, à frente da condessa apavorada. Resisti-lhe e repeli-o, ajudada pela minha amiga. Furioso, ele despedaçou-lhe o vestido, mordeu-lhe os seios, entregou-se a um verdadeiro e demoníaco sabbat. Temendo um escândalo a bordo fiz-lhe uma falsa promessa. Consegui que abandonasse o iate e levei-o de carro à Villa Mandrágora, mas em vez de tentar a cura fechou-se num sonho interior, acreditando que estava amaldiçoado porque reincarnação de Dom Jolivet, monge beneditino e abade na Abadia do Monte Saint Michel no Séc. XV, tomando-me pelo fantasma de Salomé e vivendo comigo uma vida imaginária de luxúria e sacrilégio cujo extravagante relato lhe enviou, entrelaçado de real e irreal... Agora regressou para junto dos surrealistas, depois de exprimir em poema o seu enterro simbólico... Não será entre eles, com certeza, que vai poder curar-se.



— Nem ao pé de si nem consigo o abade Judas poderá encontrar a harmonia interior, pois foi você quem fez dele um renegado. Tudo o que acaba de contar só confirma o que eu já tinha pressentido. Você foi o polvo que apertou a vítima de eleição nos tentáculos. Deliberadamente provocou um estado de recalcamento sexual no abade Judas que acabou por provocar, também, essa psicopatia em que o delírio alucinatório se complica com uma depressão melancólica inquietante. Prouva ao céu que só volte a praticar as suas devastações na tela dos cinemas! Quanto a mim encontro-me mitridatizado, mas nem por isso apreciarei menos o prazer voluptuoso de uma noite de amor no mar... consigo.

«Vamos, então, que o tempo passa e devo regressar ao nascer do dia. É tempo de sair do universo surrealista e retomar o contacto com realidades mais... carnais».

Aproximei-me de Flory e afaguei-lhe os seios aninhados sob o veludo preto do vestido... Estremeceu e deitou a cabeça

para trás, espalhando os cabelos em ondas de prata e ouro. Flory murmurava em surdina misteriosas coisas. Por fim implorou:

— Antes de ser... a sua vítima expiatória, peço-lhe uma última graça: quando se despir vá ao toucador para eu lhe vaporizar o corpo com lavanda e volte a vestir-se, mas com as roupas da condessa. Quero ter a ilusão de senti-la ao pé de mim; depois, quero fazer o amor no escuro e ficar por cima.

— Não tenho razões para recusar essas fantasias originais. Tanto me faz desempenhar o papel de incubo ou sucubo; para mim, o essencial é obter de uma lésbica a aceitação das leis da natureza e forçá-la a gozar sensualmente com um homem.

...Quando a contemplei toda nua, no toucador, não pude reter uma exclamação... Aquele demónio de olhos garços possuia um corpo de deusa, uma pele tão aveludada como o vestido. O toque dos seus dedos provocava em mim efeitos de amoroso magnetismo que até então eu ignorara.

Vestido o roupão da condessa alemã, esgueirei-me para a cama como um personagem das **Mil e uma noites.**

Flory estendeu-se em cima de mim com movimentos de pantera... Apagadas todas as luzes, a minha língua colada à sua, senti o meu membro enrijar tanto como a vela que o abade Judas apontara ao santuário dessa sereia do Mediterrâneo... O corpo de Flory sacudiu-se em espasmos... Os braços leitosos enrolavam-se no meu pescoço como anéis de cobra...

O mar balouçava o iate e eu submergia nas delícias de um nirvana erótico.



Quando acordei, já o sino da Abadia de Lérins chamava para as matinas os monges.

MICHEL LEIRIS, um dos primeiros surrealistas, na sua autobiografia (1) fala do abade Judas nestes termos:

«A convivência com um estranho personagem que aparecera de novo no nosso grupo — seminarista despadrado, mitómano com um duplo aventureiro — acabou por me fazer perder o pé. Tendo muito tempo desejado dissolver-me numa espécie de loucura voluntária (como a que me parecia ter sido a de Gérard de Nerval) fui assaltado por um medo agudo de ficar realmente louco. Castigo por causa destes votos desumanos de tresvario e ter tentado — erguendo o véu de Ísis — penetrar à força nos mistérios.

«Um dia em que eu passeava nos bulevares, o antigo seminarista mostrou-me um indivíduo que seguia atrás de nós e afirmou-me que ele lhe apontara um dedo e chamara «feiticeiro». De tal modo me sentia perdido que à noite fui dominado por uma angústia pânica, a ponto de ter que pedir à minha mãe consentimento para me deitar ao lado dela».

---

(1) — **Michel Leiris:** L'Âge d'homme, **Gallimard 1939**(a). **(Nota do autor).**

(a) — **A edição portuguesa desta obra tem o título** Idade de homem **(Ed. Estampa 1971) e o trecho em questão encontra-se a págs. 199. (Nota do tradutor).**



Este testemunho de um poeta surrealista diabólico confirma o que escreve Maurice Nadeau na sua **História do Surrealismo** sobre o «perturbante pitoresco» do singular personagem (1).

No seu livro, Maurice Nadeau explica como o surrealismo foi fundado após a guerra de 1914-18, em Paris, por um dezena de intelectuais que, passados quatro anos de matanças e destruições completamente inúteis, punham em questão a confiança numa civilização falhada em todos os domínios, político, social, filosófico, científico. «Falência das elites» que em todos os países aplaudiram o massacre generalizado; falência da ciência cujas descobertas mais belas residiam no aperfeiçoamento de uma qualquer máquina de matar; falência das filosofias empenhadas em justificar a vergonhosa profissão de assassino que obrigavam o homem a adoptar; falência da arte que não passava de um disfarce; falência da literatura, «simples apêndice na comunidade militar».

Todos estes jovens fugidos do pesadelo, marcados pela guerra que haviam feito sem alegria, tinham-se transformado em desencantados, animados de um niilismo radical contra todas as manifestações da civilização e as morais e religiões de uma sociedade que os empurrava alegremente para a morte. Desejavam libertar o homem, libertá-lo para todo o sempre dos sistemas de camisa-de-forças, da razão, da lógica e do misticismo religioso que tinham conduzido àquela ignóbil matança. Escarravam na realidade sórdida e metiam-se à busca de um mundo irreal,

---

(1) — **Maurice Nadeau:** Histoire du Surréalisme, **Éditions du Seuil, 1946. (Nota do autor).**

desconhecido, mais verdadeiro do que o outro, mundo do sono, mundo do sonho povoado de criaturas estranhas, de paisagens nunca vistas. Pretendiam arrancar as ligaduras que envolvem o espírito, manietam o homem e o asfixiam. Partiam à conquista do domínio inexplorado do subconsciente.

Devolvida à pureza primitiva, a poesia transformar-se-ia numa magia susceptível de modificar o homem, modificar a vida e o mundo. O poeta deveria voltar a ser vidente, médium, profeta, redescobrir a fonte encantada e os tesouros de um paraíso banido por vinte séculos de opressão cristã. Os surrealistas queriam acabar de vez com as ideias de família, pátria, religião, com as estéticas e as morais vigentes. Arrancavam as máscaras pseudocivilizadas para consumarem a sua metempsicose em bons selvagens.

Durante certo tempo fundiram-se com os dadaístas cujo chefe, Tristan Tzara, revoltado também ele contra a lógica e a razão, preconizava num ensaio: «O amor aos fantasmas, às feitiçarias, ao ocultismo, à magia, ao vício, ao sonho, às loucuras, às paixões, ao folclore, à mitologia, às utopias sociais, às viagens reais ou imaginárias, ao bricabraque das maravilhas, das aventuras e costumes dos povos selvagens, etc.».

Pelo seu lado Louis Aragon, um dos principais surrealistas do princípio, afirmava o seu niilismo total:

«Basta de pintores, basta de literatos, músicos, escultores, religiões, republicanos, realistas, imperialistas, anarquistas, socialistas, bolchevistas, políticos, proletários, democratas, burgueses, aristocratas, exércitos, polícias, pátrias, basta, enfim, de todas essas imbecilidades, basta de tudo, tudo, tudo. Tudo. Tudo. Tudo.



«Deste modo esperamos que a novidade, que será a mesma coisa do que aquilo que já não queremos, se há-de impor menos apodrecida, menos imediatamente grotesca (¹)».

Os surrealistas, porém, não podiam comprazer-se para sempre nesta posição negativa... Procuraram um novo modo de conhecimento aventurando-se nas zonas inexploradas da alma, do inconsciente, do maravilhoso, do sonho, da loucura, dos estados alucinatórios, do fantástico, etc., fazendo experiências de sono hipnótico, de escrita automática.

André Breton, fundador do movimento, preparava o seu **Manifesto do Surrealismo** que deveria vir a ter uma repercussão e um eco prodigiosos na elite intelectual, artística e política do mundo inteiro e cujo sucesso, florescendo de novo nos dias que passam, depois da última guerra de 1939-45, opõe uma corrente de pensamentos revolucionários idealistas à corrente materialista do existencialismo, presentemente tão em moda na Europa e na América.

Junto destes cavadores de poços, destes demoníacos do inconsciente, destes anarquistas luciferianos, é que o abade Judas procurou um refúgio quando viu proibido o seu acesso à carreira eclesiástica após a aventura com a actriz do Odéon.

Antes de ter sido posto ao corrente do caso do abade Judas e ter conhecido Flory, confesso que apenas superficialmente me interessara por esta nova escola poética e filosófica... Depois da minha saída de Cannes apressei-me, todavia, a ter contacto com

---

(¹) — **Manifesto de Aragon. (Nota do autor).**

o Grupo Surrealista... na esperança de encontrar o herói do meu argumento.

Soube, então, que todos estes jovens intelectuais se reuniam à hora do aperitivo no Café Cyrano, ao lado do Moulin Rouge... Não foi difícil encontrá-los e ser apresentado a André Breton... Vendo pela primeira vez este homem logo compreendi a atracção que conseguira exercer sobre o ex-seminarista... com o seu rosto majestoso, a sua atitude de prelado, a cabeça episcopal, a nobreza do porte. Fazendo-lhe o retrato nas **Nouvelles Littéraires**, Maurice Martin du Gard escreveu [1]: «É uma das figuras mais atraentes da geração que atinge agora os trinta... Tem o recorte de um inquisidor. Que lentidão e tragédia nos seus gestos! É um mago...» Aludindo a esta inegável sedução, Maurice Nadeau escreve na sua **História do Surrealismo**: «Dali em diante, André Breton assumiu a figura de chefe... também devido ao magnetismo tão singular que a sua pessoa emanava e do qual bem poucos, entre os que a ele se chegavam, conseguiram furtar-se... Os que junto dele saborearam inesquecíveis minutos de amizade (e ele não os regateava a ninguém) estavam prontos a sacrificar-lhe tudo, mulher, amantes, amigos; de facto, vários fizeram esse sacrifício, entregaram-se por completo a ele e ao movimento».

André Breton, que considerava perturbante o seu encontro com o ex-seminarista... concedeu um apaixonado interesse a tudo o que eu lhe comuniquei sobre o abade Judas. «É um dos

---

**[1] — M. Martin du Gard:** Nouvelles Littéraires, **11 de Outubro de 1924.** (Nota do autor).



nossos mais curiosos e audaciosos aderentes», disse, «e considero-o como um dos eixos da actividade surrealista... Infelizmente, não poderá vê-lo já porque tem problemas com o Exército desde que tomou uma posição nitidamente antimilitarista... Como é filho de um oficial de carreira morto na guerra, o seu repúdio às tradições familiares patrióticas agrava-lhe o caso e pode obrigá-lo a comparecer perante o Conselho de Guerra... Se ele conseguir escapar à vindicta dos graduados cretinos da justiça militar, poderá vê-lo na primavera porque, no próximo mês de Abril, deverá pronunciar no Teatro da Sociedade de Teosofia, da Praça Rapp, a conferência **Satanás em Paris**».

Sentia cada vez mais forte o desejo de estar na presença desse enigmático e inencontrável abade Judas.

## PRÓLOGO À CONFERÊNCIA DO ABADE JUDAS NA SALA ADYAR, EM 3 DE ABRIL DE 1927

MINHAS senhoras,
Meus senhores:

Deseja o abade Judas que eu, André Breton, pronuncie algumas palavras de introdução à sua conferência e, na verdade, dadas as circunstâncias do nosso primeiro encontro, não vejo meio de a isso me furtar. De resto, é como director da **Revolução Surrealista**, revista sob cujos auspícios nos conhecemos, que aceitei tomar esta noite a palavra. Quaisquer que sejam as numerosas formas de sentir que nos separam, não posso recusar ao abade Judas este testemunho de bem particular interesse.

Devo afirmar, porém, que desde há alguns meses o abade Judas e eu nos perdemos um tanto de vista. Diferimos gravemente de opinião — não só no sentido geral que pretendemos ver os nossos actos assumirem, não só sobre o valor a dar a quase tudo, como até no sonho de uma justiça que não é mais deste mundo que do outro — diferimos gravemente de opinião, dizia, sobre o método a seguir para fazermos a nossa vida exemplar, seja a que título for, ou empregando uma linguagem mais

expressiva, não falharmos a nossa jogada. Há vidas duras, vidas duplas, vidas de artista, vidas anteriores, quem sabe se ulteriores, vidas imaginárias, vidas de cão, vidas para toda a vida, vidas sempre demasiado longas. Do lado surrealista muito foi o nosso esforço em procurar sair deste mau passo. Talvez tenhamos mesmo chegado a indicar uma espécie de refúgio, mas só mais tarde haveremos de sabê-lo, como é natural. Sucede que a posição nossa é sempre diferente da opinião daqueles que se deixam arrastar em vão. E não saberá estar à medida do que exprimimos, com maior ou menor êxito, quando nos dá a fantasia de escrever, pintar ou até falar em público, isto é, para nós mesmos. Somos uns tantos homens penetrados do sentimento de que no mundo existe, de facto, alguma coisa a perder, não a alma mas «qualquer coisa» de toda a forma perdida mas que é preciso saber perder.

Pessoalmente já eu chegara a esta conclusão quando conheci o abade Judas, em Julho de 1925. É sabido que ele escreveu à direcção da **Revolução Surrealista** uma carta que eu publiquei. A carta começava assim:

**Meus senhores,**

**Há dias, um rapaz tentou suicidar-se no lago de Gérardmer. Faz um ano esse rapaz era o abade Judas e estava com os jesuítas do Externato do Trocadero, ao n.º 12 da Rua Franklin... Por causa disto se procurou abafar o escândalo de Gérardmer mas sei que, pelo contrário, o desejo do rapaz era que tivesse havido ruído à volta do seu suicídio. O rapaz sou eu. Quando receberem esta carta já terei desaparecido, mas se as minhas informações não chegarem autorizo que se dirijam à minha prima J. Viry, professora em Retournemer, perto de Gérardmer.**



De quem se tratava, ao certo? Desaparecimento, suicídio? Nós, surrealistas, brincámos muito com tais palavras. Acreditei, confesso a fraqueza de ter acreditado, na possibilidade deste suicídio. As grandes decepções de amor, a privação de toda a liberdade, o tédio de viver, estavam em causa. Como não admitir a virtude do suicídio em semelhante caso? A seu tempo, o abade Judas tentará explicar-vos o que pretendia com isso, o que neste momento já não pretende, o que lhe aconteceu (se alguma coisa acontece) para já não querer o que queria. Daí lavo as mãos todas as vezes que se trata, para mim, da consciência surrealista, e não poderia ser de outro modo. Não fiz qualquer esforço para encontrar o abade Judas antes que uma irreparável desgraça... mas não há irreparáveis desgraças e nem sequer desgraças. Foi em Troyes, em Champagne, nos arredores de uma dessas pequenas estações de caminho-de-ferro francesas que até dão náuseas. O abade Judas trazia a sotaina que não iria abandoná-lo mais, apesar de vestir com ela as amantes, apesar de a mandar tingir com tanta frequência como um homem muda de ideias. Um homem muito inteligente, haveis de ver. Um homem muito inteligente. Ameaçado pelos seus hábitos. Sempre com uma manopla de ferro assente nas costas. Ameaçado, ele que não escolheu viver, ele que apesar de tudo prefere a ogiva ao arco de volta inteira, o violeta sinistro ao azul e ao maravilhoso vermelho. Ainda era solicitado por um certo aparelho. Aparelho,

aparelho, que faremos nós contra o aparelho? Há o aparelho burguês, como o aparelho revolucionário, e até nesta sala existe agora um aparelho. A ideia falsa, a tocante ideia de elegância, não é, abade Judas? Para voltarmos ao encontro que tive com o abade Judas em Troyes, o que nessa tarde planava por cima dele era a promessa de um trajo branco, promessa o mais baixamente interessada, que eu saiba, tratando-se de um homem que vestiu um trajo preto que o não fez cego e quem sabe lá se as mulheres se descobrem, choram e se entregam noutro lado que não os confessionários! Esse trajo branco de monge destinava-se ao abade Judas e aos grandes «erros que ele já cometera». Poucos homens são capazes de grandes erros e dirá o abade Judas, talvez, que ajudado por Satanás, seu novo mestre, eu não quis que fossem os últimos. A paixão que tudo desculpa mora no coração do abade Judas. Talvez eu tivesse podido citar-lhe as admiráveis palavras que o grande poeta Pétrus Borel um dia dirigiu à morte:

O que esperas? o que queres?... Não dês crédito, não, às palavras
Do claustro subornante, acredita no que eu digo;
Nem imaginas, criança, como o claustro
Promete descanso mas não passa de um mendigo
Que mente, nos prende e mete em sua nassa!
O homem fica ligado às obcessões que alimenta
Não há descanso se houver vento do deserto
Que atiça como quer o fogo das paixões.
No claustro — ouve bem — não serás mais idóneo
Que no mundo; teme o seu ar de repouso enganador;
Teme as horríveis satiríases do ermita Santo António,
As tentações, o remorso, a dor,



Os assaltos da carne e as quedas da alma,
Com o vento do deserto será inflamado o desejo,
A solidão aperta, tortura, quebra, desacalma,
Serás presa de males que nem sei e não invejo!

Também não posso defender-me de emprestar um sentido inutilmente pragmático a esta objurgação que não fiz. Durante o nosso encontro houve um instante inesquecível, aquele em que o abade Judas decidiu não se transformar no indivíduo que pretendiam fazer dele, que o mais execrável poder que sobre o homem pesa queria que ele fosse e, pelo contrário, enfrentar a corrente apesar das infames ervas que se lhe prendiam ao pescoço.

Depois... mas que importa o depois? Várias vezes vi o abade Judas a braços com quimeras e outras pobres realidades. Vivia como nós fugimos, em sonho, mais ou menos lucidamente. De tempos a tempos uma grande cólera o levantava, uma grande incompreensão. O que haverá susceptível de se lhe deitar a mão, exactamente deitar a mão, quando nos fazem perder algum tempo? Nada, é claro. E se incendiássemos uma casa haveria alguns outros que, pelo menos, «ganhassem com isso»? Digam-me, digam ao abade Judas como é possível todos encontrarmos, ao mesmo tempo, tantas razões de estar e estar de forma diferente. A contemplação e a acção olham uma para a outra embasbacadas. Mas os transeuntes param para fazer andar os que tinham parado.

Indiquei ao abade Judas alguns passos que se destinavam à sua conduta numa estrada não muito larga para ele. O gosto da aventura exterior levava-o aonde a mim me não leva. Assisti a várias cenas de uma das peças que eu conheço e menos res-

peita a unidade do tempo e do espaço. Um gabinete de vidente, uma casa de passe, a Abadia de Solesmes, o Café Cyrano, na Praça Blanche, uma antecâmara do arcebispado, os jardins da Senhora Blumenthal, o presbítero do Monte Saint Michel conservavam rasto de visitas e confundem-se nas caminhadas estranhas do abade Judas. E não é tudo. O abade Judas acaba de publicar o **Abade da Abadia**, seu primeiro livro, em que dá curso livre sob a forma discutível que convém — dêem-lhe a honra de o não tomar por literato — em que dá curso livre à sua inspiração muito especial e consegue conciliar, como nenhum outro soube fazê-lo, o seu amor ao religioso com o seu amor ao profano. Um humor profundo consegue fazer-nos esquecer como o empreendimento poderia resultar odioso, gratuito ou delirante.

Teoricamente estou zangado com o abade Judas. Quem o ouve diria que por uma incompatibilidade de humor vinda de longe. De facto, não satisfeito em acusar o que ele chama misticismo revolucionário dos surrealistas, sabe no seu íntimo — disse-mo por escrito — que outrora fui papa em Avignon, e também «afirma redondamente, marimbando-se para toda a psiquiatria moderna» (os termos são dele) que foi abade na Abadia do Monte Saint Michel. Não irei contradizê-lo. Eu bem poderia ter sido Benedito XIII, o antipapa, o papa excomungado e constantemente excomungador que, apesar dos clamores da cristandade em peso, as ameaças do rei louco Carlos VI, os anátemas solenes do Concílio de Pisa e de toda a Igreja reunida no Concílio de Constança, prolongou além vida o grande cisma do Ocidente. Não peço mais do que reconhecer-me em tal personagem.



Vou passar a palavra ao abade Judas. Que Satanás possa estar em Paris! Parafraseando uma tirada de Durtal no **Lá-Bas** de Huysmans, e especificando que estou dialecticamente de acordo com Durtal, penso que o culto do Demónio é menos insano que o de Deus. O culto de Deus é purulento e o do Demónio resplandece. Deste modo, será demente quem quer que implore a qualquer outra divindade! É muito provável que os seus impulsos para o outro mundo do Bem coincidam com as atribulações enraivecidas dos sentidos, porque a luxúria é a gota-mãe do deismo... Lembrem-se dos pormenores dados pelos jornais sobre a execução dos condenados à morte. Revelam-nos que o carrasco trabalha com timidez, a um passo do desmaio, que fica mal dos nervos quando decapita um homem, e tudo, sem dúvida, porque julga actuar «por bem». Que miséria!, quando comparamos isto aos invencíveis torcionários dos velhos tempos! Estes metiam-nos a perna numa meia de pergaminho molhado que se ia retraindo ao pé do fogo e nos moía docemente as carnes, ou então partiam-nos os ossos; ou então enfiavam-nos cunhas nas coxas e quebravam-nos assim os ossos; quebravam-nos os polegares das mãos em tornilhos de rosca, cortavam-nos fatias de epiderme do lombo, torciam-nos a pele da barriga como se fôssemos um guardalamas; despedaçavam-nos, davam-nos tratos de polé, assavam-nos, regavam-nos com aguardente em chamas e tudo isto com o rosto impassível, nervos tranquilos que nenhum grito, nenhum queixume, alteravam. Que valentes! Estes exercícios eram um pouco fatigantes e, depois da operação, os torcionários sentiam muita sede e muita fome. Ora, a acreditar num prospecto, ficamos incomodados em

1927 por ver «Satanás em Paris». Vou repetir: Que Satanás possa estar em Paris e o abade Judas nos provoque essa grande sede e essa grande fome!

**André BRETON.**

ANDRÉ BRETON acabava de se retirar. Surgiu então o abade Judas, ou antes o Senhor Judas porque vestia à civil. Um rosto ascético de monge, belos olhos rodeados de uma sombra misteriosa, o olhar contemplativo de uma mobilidade desconcertante que se inflamava e iluminava com paixão intensa para se fechar, a seguir, num recolhimento interior; o tipo moreno da Andaluzia (mais tarde soube que tinha origens maternais espanholas), boa figura, grande distinção e suprema elegância, muito finas mãos de prelado. Tais eram os principais traços que me saltaram à vista, sobretudo o olhar envolvente e acariciador, logo depois ardente e abrasado, que reteve a minha atenção... Não deixei de pensar que o abade Judas teria dado no Séc. XIII um magnífico abade da corte...

Estava de hábito ([1]), envolto no manto romano que ele transformara em capa de cerimónia forrada a cetim branco... Ao seu lado, no palco, um piano de cauda da Casa Gaveau, um piano com reflexos de laca que acentuava o lado sinfonia a preto e branco desta sessão espectacular em honra de Satanás.

---

([1]) — **Notar que no parágrafo anterior o autor afirma que o abade Judas estava «à civil». (Nota do tradutor).**

Sem qualquer cumprimento, entrou no mais vivo de um assunto «escandaloso»...

— Quando eu usava sotaina, muitas vezes me imaginava vigário numa bela paróquia de Paris e de noite chamado à cabeceira de um moribundo para ministrar os últimos sacramentos... Entreaberta a porta do apartamento, encontrar-me-ia ao lado de uma jovem agonizante, o mais bela possível e lascivamente deitada, de roupão azul, numa larga cama de pau-rosa, que decidira estender tal armadilha para me obrigar a enganar Deus com ela, desvirgindar-me principesca, imperial e papalmente. Excitante e nua, uma criada de quarto precipitar-se-ia para me arrancar a sobrepeliz, a sotaina, despir-me e perfumar-me de alto a baixo enquanto a pseudomoribunda, abrindo a custódia do viático, roubava a hóstia e mergulhava-a num cocktail como se fosse uma casca de limão. Depois de termos ambos bebido esse filtro eucarístico contendo gin e hóstia, atirar-me-ia a ela; a jovem, porém, deixar-me-ia sem fôlego e excitado ao apertar-me o sexo entre os dedos e obrigando-me a ler um livrinho chamado **Ritual da Volúpia**, que ensinava a acaricar as partes mais sensíveis do corpo feminino, os seios, as axilas, o interior dos braços, a nuca e, finalmente, o sexo... Ébrio de amor e desejo sensual, teria utilizado o corpo dessa mulher como um voluptuoso violencelo, a ponto de sentir gozo tão forte que me fugia a vontade de regressar à paróquia...

Neste momento da conferência, algumas pessoas levantaram-se, indignadas, para sair. «Isto é uma vergonha, é ignóbil!», diziam.



Esboçou-se um começo de tumulto. Vários assistentes pretenderam saltar ao palco para impedir o conferencista de falar mas, empunhando conchas de sopa e outros utensílios de cozinha, os surrealistas afastaram os importunos.

Uma vez restabelecida a ordem, o abade Judas continuou:

— Mal tomo a palavra, os espectadores (sim, porque estamos num teatro) saem escandalizados! O que poderá suceder a seguir?

«Hipocrisia católica! Tartufismo farisaico, que chaga! Se todos os seminaristas, jovens monges e jovens padres, se todos os virgens ousassem pôr a alma a nu sem batota, e proceder a uma descidazinha aos infernos do subconsciente, então é que seria edificante... e os psicanalistas poderiam dar largas à prospecção de todos estes casos religiosos de recalcamento sexual, não sabemos qual deles mais pitoresco. Os machos, padres e monges, expulsaram a mulher do santuário porque é impura. Não querem fornicar com ela. O que querem é Deus, com a Divindade é que desejam fazer amor e não com uma vulgar filha de Eva... Quanto às mulheres, religiosas e monjas, têm vergonha de se acopular a um simples mortal e oferecem a sua virgindade a Jesus, o Amante Divino de quem se fazem esposas místicas... Desafio, porém, um jovem padre ou um jovem monge que tenha sangue nas veias, a contemplar certos rostos de mulher e, sobretudo, certos seios de mulher como os que é possível hoje ver graças a estes decotes que põem em relevo as redondezas de numerosos e esplêndidos peitos, desafio — dizia — a que não sintam o aguilhão da carne a queimá-los de forma torturante. Também desafio as jovens religiosas ou monjas, as

que são belas e têm corpo susceptível de despertar para o amor, a não suspirarem após o amplexo de um homem. E porque o pecado do desejo é tão grave como o que resulta da consumação do acto, pergunto quantas vezes todos estes padres, monges ou freiras, enganam o seu Deus durante um ano ou uma vida através do desejo de adultério ou, para empregar a linguagem dos confessores, «através dos maus pensamentos luxuriosos» que deixam vagabundear na sua imaginação, os «desejos impuros» que deixam borboletear na sua alma.

«Pelo que me toca, não pude fazer batota. Destinado ao sacerdócio, a tempo experimentei atracção pela mulher... Tentei dominar-me, vencer essa atracção... abafar em mim o apelo do amor humano refugiando-me no amor divino. Isto colocava-me, porém, numa posição lancinante... Desta forma, quando o Superior do Colégio dos Jesuítas de S. Luís Gonzaga me pôs fora por ter passado uma noite na companhia de uma actriz do Odéon, quando o meu bispo, pouco tempo depois, me pôs fora do santuário, fiquei indisposto até à náusea com a hipocrisia e desumanidade das disciplinas eclesiásticas que impõem a rapazes cheios de ardor um miserável celibato, uma vida de eunuco... Eu tinha levado à Igreja Romana uma fé entusiástica, um misticismo exaltado, uma devorante sede de apostolado. Todas as minhas ilusões sossobraram, o meu sonho religioso desabou. Atravessei uma crise moral das mais crucificantes que me fez rejeitar, por fim, todo o aparelho católico e escrever a André Breton: «Padres, monges e bispos fizeram de mim um revoltado, um niilista e um desesperado».



«Agora vou falar-vos de Satanás, meu Mestre, que em breve dará o golpe de misericórdia na Igreja, segundo espero, nessa velha vaca agonizante...

«Invoco-te, Satanás, Príncipe das Trevas...»

Neste momento, a sala ficou repentinamente mergulhada na escuridão. Só o abade Judas era iluminado com um projector, envolto na capa forrada de cetim branco... Atrás dele, numa tela cinematográfica, surgiu uma espécie de fantasma em pijama sobre o qual estava sobreposta uma sotaina...

Era de um efeito romântico dos mais fantásticos.

Um silêncio religioso planava sobre o auditório que, sofrendo o assombramento de uma Presença invisível, a de Satanás, parecia enfeitiçado pela sedução nocturna e demoníaca desta fantasmagoria.

**— Minhas senhoras, minhas meninas e meus senhores...**

Com o rosto diáfano, a voz grave e cativante, o abade Judas começou a conferência «Satanás em Paris».

— Só damos importância à vida do próprio dia, todos nós, e durante o sono a vida nocturna parece-nos inexistente. No entanto, esta vida lunar — se assim posso dizer — é mais importante do que a vida solar, acordada... Durante o dia é que somos sonâmbulos e de noite vivemos... Nós, surrealistas, anotamos escrupulosamente os sonhos e mantemos em dia o nosso diário de bordo de exploradores do subconsciente... Peço-vos

que não se espantem, portanto, com a aventura vivida que vou contar... Se sou um possesso, então sou um consciente possesso demoníaco. A aventura surrealista é perigosa. Pode conduzir à demência, oferecer parecenças estranhas com a alucinação através dos paraísos artificiais da droga. No entanto... é preciso ter as costas fortes. Todo o homem de alma não porosa pode chegar a fazer explodir a prisão em que a condição humana o emparedou vivo.

«Tentando desembaraçar a trama intrincada dos meus recentes avatares, aqui têm aquela de que me lembro... Ofereceram-me esta veste branca de monge, de que ainda agora André Breton falou, para me fazerem expiar um pecado cometido com a veste negra, a fúnebre sotaina eclesiástica...

«Para me arrancar à influência de André Breton, a Igreja pôs no meu caminho monsenhor Ghika, um prelado romano. Este príncipe, abade de sangue real, encarregou-se de me levar à resipiscência. O seu belo rosto patriarcal, a sua oriental sedução, a voz musical que me faz lembrar a do poeta Rabindranath Tagore quando se exprime em bengali impressionaram-me e fortemente me abalaram.

«Aceitei tomar o comboio para Cannes e, a partir daí, o barco para a Ilha Saint Honorat do Mediterrâneo, aonde foi construída a Abadia de Lérins... Não longe da Ilha Saint Honorat está a Ilha Sainte Marguerite aonde Bazaine foi internado... Em tais circunstâncias fui autorizado a voltar à sotaina. Cheguei ao mosteiro no momento em que eram preparadas grandes festas por ocasião da Consagração da nova capela da abadia. Quando tais acontecimentos têm lugar é costume dar por inexistente



a tradicional proibição das mulheres entrarem num mosteiro de homens...

«No dia da cerimónia achei-me por acaso (mas não há acasos) frente a frente com Flory, actriz do Odéon que fora a causa de ter interrompido a minha vida eclesiástica... Agora estrela de cinema, interpretava um filme rodado em Nice e vivia numa casa náutica. Uma desportiva amiga oferecera-lhe a hospitalidade do seu iate. Por curiosidade, viera num barco motorizado assistir às festas religiosas da Ilha Saint Honorat. Encontrávamo-nos depois de alguns anos de separação e eu experimentava, por isso, um choque psicológico dos mais violentos. O que se passou depois?...

«No dia seguinte fui ter com ela ao iate... E, vários meses mais tarde, acordei em sonhos num caixão. Vestido com a sotaina, o meu corpo tinha sido deposto num esquife de acaju. Ninguém desconfiava do desaparecimento da minha pessoa eclesiástica nem de que eu me encontrava enterrado vivo. O que me acordou foi o ruído de uma pequena verruma nas paredes do caixão. Tomado de pânico, mas pânico cerebral porque os meus nervos já não pareciam ter fluido e as minhas sensações eram de múmia, julguei que os vermes roedores iam sair das fibras da madeira para se alimentarem da minha carne a cumprir, à letra, a profecia do cura da minha aldeia natal na quarta-feira de cinzas: «Lembra-te, homem, que voltarás ao pó.» Tal como um asceta no deserto, a meditar perante uma caveira, imaginei que não passava de um pobre verme da terra e o elegante abade Judas iria transformar-se em pasto de lagartas. Esta sorte abria à minha frente infinitas perspectivas e confir-

mava aquilo em que sempre acreditara nos domínios da metempsicose e de todas as transformações possíveis em verme rastejante. Conforme servisse este verme para acalmar a fome de um passarinho, ou excitar a gula de um peixe, assim eu seria avião ou submarino. Também sentia a esperança de que uma parte química da minha carcaça eclesiástica tivesse possibilidade de se espalhar no húmus e fertilizasse flores.

«A minha divagação, porém, foi de repente interrompida com um incidente que ainda me causa arrepios de terror na espinha dorsal. A madeira do caixão era atravessada por dois pequenos pontos luminosos, um verme luminescente que veio contemplar-se na minha retina e depois, com o corpo ténue — um filamento brilhante — começou a descrever arabescos fosforescentes na tábua de acaju. Terminado este exercício de caminho-de-ferro em ziguezague, tinha desenhado um nome brilhante por cima dos meus pés.

«O luminescente verme escrevera **Satanás.**

«A madeira do caixão despedaçou-se de repente e o jazigo ficou alguns segundos iluminado, voltando a mergulhar na escuridão. Eu estava completamente nu. Saí do jazigo às apalpadelas e vi que me encontrava num cemitério monacal do Monte Saint Michel. Desamparado em plena noite, a tiritar com o vento gelado, voltei ao túmulo.

«Com algumas pancadas fortes no caixão vizinho do meu, na qual jazia um jovem cavalheiro de salão, pedi desculpa por violar a lei do silêncio dos finados e expliquei que tinha frio e não dispunha de roupa. Complacente, ofereceu-me o seu pijama



violeta que agradeci salmodiando o **De Profundis.** Embalado pelo salmo, o cavalheiro de salão recaiu no sono mortuário.

«A lua iluminava a cena. Bastante surprendido fiquei ao verificar que a minha sombra não tinha semelhança comigo. Estava vestido com um pijama mas, atrás de mim, a sombra imitava quer um monge de cogula, quer um padre de sotaina. Pouco a pouco, as sombras confundiram-se com o meu próprio corpo. Sentia-me invadido por recordações e visões que não eram minhas; uma parte da alma do cavalheiro de salão ficara aderente ao pijama e eu ia sendo impregnado por ela, lentamente, e também obcecado por um fantasma de monge que fazia corpo comigo. Sentia as vertigens de uma estrela cadente que descrevesse uma curva.

«Não podendo sair de mim mesmo, não sabendo bem o que significava a minha presença neste local, neste trajo, pus-me a deambular descalço pelas muralhas do Monte Saint Michel.

«As gaivotas pareciam loucas, na atmosfera havia um cheiro a enxofre e a lagosta apodrecida... Deambulava sem descanso.

«No Monte Saint Michel todos dormiam. Apesar da escuridão, notei que o pijama se transformara em hábito de monge beneditino. Tomando rapidamente partido da situação de fantasma monástico, parecia-me reconhecer de um modo vago os locais da abadia, mas o facto de errar solitário nas muralhas do rochedo provocava-me transes e contínuos alarmes.

«De repente acordei como que saído de um pesadelo, acordei no que é costume dizer-se «vida real».

«Sentia-me completamente desambientado. Tinha havido uma mudança de cenário. Encontrava-me agora num quarto muito claro cuja janela se abria ao Mediterrâneo. Estava deitado na minha cama, de pijama, e no cabide via penduradas as vestes eclesiásticas, sotaina, capa romana (a que trago sobre mim esta noite), faixa de seda preta, etc.. Quando a porta se abriu bruscamente, muito surpreendido vi entrar Flory, a actriz do Odéon.

« — Ah! Já acordou? Como é que se sente?

«Espantado de todo com a aparição, tentava cair em mim... Muito perturbado respondi que sentia a cabeça um pouco fatigada... mas isso não tinha importância uma vez que ela ali estava. Só perguntava por que milagroso acaso me aparecia.

« — Há quarenta e oito horas que o vejo delirar — explicou-me. Pus-lhe compressas embebidas em água-de-colónia e gelo moído na testa... Estive a velar à sua cabeceira, depois de consultado o médico...

« — Mas, afinal, o que se passou? — perguntei. E, antes de mais, aonde estou?

« — O que se passou, o que se passou — respondeu — o que se passa é que acabará em loucura ou suicídio se não rompe radicalmente com os meios surrealistas que frequenta em Paris... Agora está na Villa Mandrágora, uma casa de repouso de Monte Carlo. Fiz com que o transportassem para aqui e o tratassem à minha custa, depois da sua fuga intempestiva da Abadia de Lérins...

«Como sabe, a sua chegada ao mosteiro foi acompanhada de uma recomendação do Príncipe abade Ghika que tudo fez para



o desenfeitiçar, para o exorcisar dos malefícios surrealistas, se assim posso dizer... O reverendíssimo abade e o padre hospedeiro acolheram-no com bondade na abadia... e começou então o seu retiro, ali encarado de forma séria... Mas acontece que a sua chegada às ilhas coincidiu com a festa solene da Consagração da nova capela monástica... E tendo tido conhecimento de que, a título excepcional, as mulheres seriam autorizadas a visitar o claustro, no dia da cerimónia fui até Lérins num barco motorizado... Tínhamos-nos perdido de vista e eu não sabia o que fora feito de si... Vi-o inesperadamente de sotaina, na álea dos ciprestes... Fiquei siderada, não conseguia compreender... E a si também o vi estupefacto... Expliquei-lhe que andava a rodar um filme em Cannes e vivia num iate, propriedade de uma minha amiga... O sino começou a tocar, sinal de que teria de ir juntar-se aos monges, no coro.

«Depois da cerimónia voltámos a encontrar-nos... Reparei que estava pálido e lembro-me de me ter dito: «Flory, durante a missa tive ocasião de reflectir. Não fui talhado para a vida religiosa nem para ficar metido num claustro... A minha estadia junto dos surrealistas criou-me gostos de louca independência. Desejo-a, amo-a como no primeiro dia... Leve-me consigo... peço-lhe.

«Tentei trazê-lo ao bom senso, pregar-lhe um sermão. Não me quis ouvir... Só consegui acalmá-lo consentindo que me viesse visitar no dia seguinte, de barco, ao iate da minha amiga...

«Abandonei a Ilha Saint Honorat muito preocupada a seu respeito...»

«À medida que Flory ia falando, voltava-me a memória. Em ondas, as recordações chegavam-me ao cérebro e relâmpagos iluminavam as paisagens mais impressionantes da minha alma, os momentos mais perturbantes da minha vida.

«Terei de contar coisas que se passam aquém e além da minha vida. Para lá das coisas fisicoquímicas existe o que nem podemos imaginar. Não se julgue que pretendo criar nesta sala um clima artificial de possessão e danação, ou um pitoresco fantomático. Não é de espantar se entro assim, tão facilmente como saio, na vida e na morte, no real e no irreal, no vivido e no imaginário.

«Conto o que se passou no meu universo.

«Cristóvão Colombo descobriu a América.

«Os peregrinos de Emaús reconheceram num pedaço de pão o Cristo ressuscitado.

«Homens há que se aventuraram entre os icebergs para ver a aurora boreal...

«Eu vi Satanás, ainda o vejo. Quando é vivido integralmente, o surrealismo leva a certos estados mentais de superlucidez na divagação. Trata-se de uma coisa muito diferente da literatura. O surrealismo é o ultravioleta e o infravermelho em poesia; novas notas agudas ou graves em novas teclas de marfim a acrescentar ao teclado do conhecimento.

«A minha vida real é insignificante e só vale por um desejo irresistível de ir mais além. Sinto confusamente o que é Satanás: uma grande sombra dolorosa. Não consigo exprimi-lo. Sei que estou com Satanás porque quero ir mais além.



«Já contei noutro lado como perdi a noção da personalidade real, daquilo a que poderia chamar «eu». A imagem que faço de mim próprio é a de um cadáver nu a sair do túmulo sob um vento gelado, um cadáver a quem dois outros finados dão esmola, um deles os seus hábitos episcopais, o outro um pijama de cavalheiro de salão. De mim foi feito um retrato de fantasma eclesiástico em sotaina-pijama. Dar-se-á o caso de um homem de pijama ser uma sombra? Ou, pelo contrário, o homem de sotaina? O cavalheiro das salas de dança será assombrado pela recordação do abade que outrora foi, ou atraído pela silhueta de um abade que será o meu futuro personagem? Estes dois seres tocam-se, ignoram-se ou evitam-se. Há um ponto de consciência qualquer, em qualquer parte, que lhes permita identificar-se? O que significa uma sotaina? E um pijama?

«Resumindo: esta é a minha vida real.

«Vai para anos eu era abade, seminarista de sotaina nos jesuítas de Paris, nas imediações do Trocadero. Sofrendo por viver em perpetuidade junto de machos e homens cujo hábito sinistro me lembrava o esvoaçar dos corvos nos campos desertos de Novembro; e sofrendo, também, por não ter constantemente ao lado uma mulher que me desse ânimo, tornei-me impaciente.

«Em tempo de férias, durante uma visita à abadia, eu tivera ocasião de encontrar no Monte Saint Michel uma mulher estranhamente bela do tipo norueguês, com pele leitosa e cabelos de Isolda que só podem ter origem nas regiões nórdicas. Veio ter comigo para obter sobre a abadia esclarecimentos mais precisos do que o arrazoado de papagaio impingido pelo guia. Assim nos conhecemos. Pouco depois dar-lhe-ia a ouvir, no meu

fonógrafo, vários discos de canto gregoriano. Explicou-me então que era actriz do Odéon, descrente mas curiosa e desejosa de se instruir na religião cristã. Ofereci-me logo como catequista... e prometi visitá-la quando regressasse a Paris.

«Com o recuo do tempo confirmo que a minha intenção de converter essa mulher não passava de um lamentável pretexto para disfarçar o desejo erótico que em mim acendera... Antes de sair do Monte tinha-me oferecido uma fotografia autografada cujo olhar me perseguia em todas as direcções e aonde os seus seios, modelados como limões, se advinhavam no vestido abaixo do corte em V. Contemplava este retrato quase de relance, de tal forma o sentia sensualmente magnetizado. Assim mesmo, raro era não ficar em erecção... No entanto, ia jogando às escondidas comigo próprio e pensando que uma oração fervorosa haveria de ajudar a vencer a tentação...

«A ausência ou o afastamento de um ser só exalta a paixão... No meu caso tratava-se de uma paixão subterrânea, subconsciente, que eu ia dissimulando a mim mesmo mas não deixava, por isso, de surgir intensa.

«Quando lhe apareci em casa, em Paris, encontrava-me mais do que perturbado... Ocultei-lhe a emoção que sentia, refreei-me. Todavia, quando me convidou para ir aplaudi-la na **Fenda**, a peça que naquele momento interpretava, não tive coragem para recusar e aceitei a oferta com uma alegria quase infantil.

«Essa noite está ligada ao acontecimento psicológico que modificou por completo o meu destino... Como os eclesiásticos não têm direito de frequentar o teatro, fui comprar um smoking



de confecção barata. Pedi a um amigo meu, formado em direito, que me acompanhasse ao espectáculo. Ele aceitou, feliz com a oportunidade de ser apresentado a uma grande actriz. Ao mudar de roupa em casa dele, ao pôr de lado a sotaina, tive porém a impressão de estar mascarado...

«A peça a que assisti era uma espécie de drama místico em que uma cantora italiana exercia a sua torturante sedução num jovem pastor protestante. O pai deste proibia-lhe que casasse com a cabotina. A história vinha portanto a calhar para me pôr perturbado e num estado de graça amorosa. No intervalo fui ao camarim felicitar Flory e oferecer-lhe um ramo de rosas. Ela achou divertido ver-me à civil mas notei que a seus olhos perdia em dignidade e prestígio... Convidou-nos, a mim e ao meu amigo, a cear com ela depois do espectáculo.

« — Está a perverter-me — disse eu. Depois desta noite, que cara terei? Não estou acostumado à vida mundana do Paris nocturno. Adormeço sempre às dez horas.

« — Ah! Dê-me esse prazer. Não pode manter-se constantemente grave e austero. Imagine, se quiser, que estamos ambos a interpretar a **Manon Lescaut** (1). Não passa de uma brincadeira... uma simples brincadeira.

«Uma brincadeira, uma simples brincadeira! dizia ela... Naquele instante já eu sabia que não seria para mim uma simples

---

(1) — Em **Manon Lescaut**, romance do Abade de Prévost, há um encontro da heroína com o cavaleiro Des Grieux que está na origem da sua fuga do seminário. (Nota do tradutor)

brincadeira e fora «catrapiscado», para empregar um termo vulgar.

«Ceámos no Romano, um restaurante-dancing. Às tantas o meu amigo convidou-a para dançar... e deitava-me olhares maliciosos de quem dizia: «Gostavas de saber fazer isto, não? De estar no meu lugar...»

«Nem ele avaliava como era verdade. Adivinhando os meus pensamentos, Flory fê-lo estacar de repente na pista e declarou: «Vou pôr o abade a dançar.» Quando veio fazer-me a proposta fiquei corado e balbuciei que ignorava o abecê de tal arte.

«Não faz mal — respondeu. Com esta multidão ninguém repara. Só terá que deixar-se levar, consentir que o guie.

«Fiquei vermelho de vergonha e prazer... Flory estava de vestido de noite, muito decotada. Apertando-me contra ela deixei-me conduzir como um autómato, mas o facto de eu saber música, ter o sentido do ritmo, depressa me iniciou nas evoluções do tango...

«Pela primeira vez na vida tinha uma mulher nos braços. Era uma sensação completamente nova, um suave e voluptuoso calor, ao mesmo tempo o cheiro inebriante da pele perfumada. Sentia-lhe os seios de encontro ao peito, a cinta que se arqueava. O olhar dela parecia querer absorver o meu e com ele se fundir numa espécie de nirvana. O meu coração batia... Era invadido por um desejo louco de apoiar a face na sua, apertar doidamente a sereia capitosa. Ia perdendo completamente o pé. E já não sabia o que dizer, não encontrava palavras.

«Embora não o revelasse, Flory adivinhou a minha emoção...

«A dada altura o meu amigo propôs que terminássemos



a noite em Montmarte, no Cabaré Negro de Josephine Baker. Paris em peso celebrava essa dançarina crioula que nos mimava a magnífica luxúria da sua raça.

«Para mim, o cabaré de Josephine Baker foi a consumação do pecado. Toldado por cocktails e champanhe, o sangue esquentado pela boa mesa, do corpo de Flory recebi descargas que se acrescentavam à excitação das danças negras e me enlouqueciam. O meu amigo convidou uma das mulheres do cabaré e fiquei sozinho com ela... O seu prazer era evidente, ao ver que eu sucumbia... Aspirava-lhe a pele macia e sentia vontade de apalpar os seus braços nus. Afaguei-os, por fim, e beijei-os. E ela tomou os meus lábios... No fogo do beijo senti-lhe a língua que engolia a minha. Estava prestes a afundar-me...

«De repente, afastou-se de mim e fez sinal à orquestra... Um negro magnífico esculpido em ébano, com um banjo na mão, inclinou-se numa cortesia digna de um trovador...

— «Toca o «Demónio Negro» — disse Flory, exprimindo um desejo que ao mesmo tempo era uma ordem.

«O Negro tocou e a orquestra ofereceu-nos uma espécie de música selvagem em surdina, escandida pelas baterias que imitavam um batuque. Especado à nossa frente como um conquistador da selva, o Negro interpretou um blue no banjo, uma melopeia despedaçante que parecia vir do mais fundo de uma floresta virgem. Enquanto tocava, fixava em mim o olhar ao mesmo tempo cativante e vencedor. Eu experimentava uma espécie de mal-estar indefinível. Bruscamente, exclamei: «É ele, é Satanás! É o Príncipe das Trevas... O Vampiro nocturno do Inferno!»

«O que se passou a seguir? Com a rapidez de um relâmpago tomei consciência do perigo da situação e de como era estranha a minha presença àquela hora, em semelhante lugar. Procurei um lenço no bolso para limpar o suor que me aflorava a testa e nos dedos ouvi o barulho do meu rosário. Sentimentos de culpabilidade, degradação, indignidade, sobrepuseram-se ao desejo de fazer amor com aquela mulher. Como um imbecil, como José perante a Putifar, fugi a toda a pressa. Fui interceptado pelo meu inquieto amigo. Instalou-me num táxi, pagou a conta e, depois de se despedir de Flory, levou-me para sua casa.

«Estendi-me durante duas horas. Tomei um banho de chuveiro. De novo metido na sotaina, voltei ao colégio dos jesuítas. Sentia-me embrutecido mas, apesar disso, julgava que não não era possível os outros descobrirem a minha noite em claro. Não contava, de facto, com o faro do astucioso porteiro que dias antes me tinha visto passar à frente do seu cubículo com uma caixa de um conhecido armazém de vestuário, e se apressara a assinalar o caso ao Superior... Enquanto vigiava o estudo dos meus alunos esquadrinharam-me o quarto e não foi difícil achar o corpo do delito...

«Mal saí das aulas fui convocado pelo Superior. Eu estava pálido, com olheiras de homem que não dormira. Não me fez qualquer pergunta, limitando-se a comunicar:

— «Vou avisar os seus colegas e alunos que, por razões de saúde, é obrigado a fazer um repouso nos Vosges. Além de mim, mais ninguém saberá as verdadeiras razões por que deixa o seu lugar de ser aqui, no colégio... Faça as malas e tome o comboio, o mais depressa possível. Adeus, meu pobre



filho. Não se esqueça de que não basta uma alma de fogo quando queremos ser padres. Também é preciso uma vontade de aço para não nos deixarmos seduzir pelas miragens do mundo... Hei-de rezar por si.

«Não fez alusão à minha fuga nocturna, nem qualquer pergunta. Sabia muito bem que eu compreendia e depreendia que ele adivinhara tudo.

«Ainda não foi nesse dia que abandonei Paris. Sentia imensos desejos de voltar a ver Flory. Por isso me instalei na casa do meu amigo formado em direito, que me asilou durante uma semana. Vestido de novo à civil, fui tocar à porta de Flory que me recebeu de roupão cor-de-rosa quase transparente. Estava mais enamorado do que nunca... Pu-la ao corrente da medida disciplinar que o Superior do Externato S. Luís Gonzaga tomara contra mim.

— «Meu pobre amigo — exclamou — sinto-me desolada. Eu, que pretendia adoptá-lo como guia espiritual, ter constituído para si ocasião de queda... e ser causa da sua expulsão! Acho, apesar de tudo, que a esse Superior falta um pouco de misericórdia. Quer que eu vá procurá-lo? Que chame tudo à minha conta e advogue a sua causa?... Como sabe, disponho de alguns meios de persuasão...

«Interrompi-a:

— «A sua sedução talvez resulte comigo, cara amiga, mas não surtiria efeito no padre De la Rive. Vejo que ignora o que é um jesuíta a quem foi confiada a educação da juventude aristocrática francesa... Não suportaria muito tempo a acuidade do seu olhar perscrutador de consciências e a instância, por

muito graciosa que fosse, estaria de antemão votada ao fracasso. Além disso...

— «Além disso, o quê? — perguntou.

— «Pois bem! — continuei, contemplando cobiçosamente o seu corpo moldado pelo roupão de crepe da china. Não posso mentir mais tempo, nem a mim nem a si. Amo-a, Flory, e desejo-a com paixão.

«A minha intenção era ser tocante, comovente, mas ela fez-se de mármore. Com o rosto enigmático, respondeu:

— «Fixe bem o que lhe digo... Não lhe tenho amor e só poderei vir a tê-lo se vestir sotaina. Se realmente me quer dar prazer, visite-me de sotaina. Adoro receber visitas e homenagens de um eclesiástico, nunca de um civil... Desculpe, mas vou vestir-me... — Estendeu-me a mão para eu a beijar.

«Na noite desse mesmo dia apresentei-me de sotaina no teatro. Sentia um grande embaraço. Intrigados, os actores perguntavam a si mesmos o que poderia fazer um eclesiástico àquela hora, nos bastidores do Odéon.

«Flory não estava sozinha no camarim. Francis de Croisset, o autor da peça, tinha-me precedido e conversava com a sua intérprete... que nos apresentou um ao outro. Depressa compreendi que apenas por vaidade feminina Flory me obrigava a aparecer assim, de noite, vestido daquela maneira. Pretendia provar ostensivamente que até no mundo eclesiástico impunha a sua sedução.

«Foi Francis de Croisset quem me iluminou e abreviou «esse pequeno suplício da tortura pela esperança» que Flory me infligia ao obrigar-me à impaciência e a alimentar uma



esperança vã... Deu-me a sua direcção e convidou-me a almoçar com ele.

«Durante a refeição disse-me:

— «Desculpe ser indiscreto, senhor abade, mas no seu interesse é que lhe falo... Flory pôs-me ao corrente da escapadela nocturna de há dias que lhe valeu uma expulsão. Sou um velho parisiense que conhece o mundo, o mundo do teatro em particular. Se tem a intenção de conquistar a Flory, acho que perde tempo porque é lésbica.

— «Lésbica? O que quer o senhor dizer?

— «Fez por certo as suas humanidades, senhor abade — precisou Francis de Croisset — e estudou grego... Não devia, portanto, ignorar o que significa Lesbos. Flory gosta de mulheres. É uma anormal, uma viciosa. Anda a divertir-se consigo. Manda-o ir de noite ao camarim porque isso a excita cerebralmente. O senhor agrada-lhe por usar hábito negro. Além do mais, talvez gostasse de o violar assim, de sotaina. Vejo que todas estas emoções o arrasaram. Vá descansar para a sua casa...

«Saí do almoço de Francis de Croisset com o coração a sangrar, a alma magoada por uma atroz desilusão. E como se esgotassem os meus recursos pecuniários, abandonei a capital...

«Não imaginava, porém, que corria a nova catástrofe. Mal cheguei a casa da minha mãe, na pequena cidade termal Plombière-les-Bains, um livreiro apresentou-me Paul Géraldy, poeta da moda que acabava de ter representada na Comédia Francesa a peça **Amar.** Casado com Germaine Lubin, a célebre cantora da Ópera, o autor dramático convidou-me para um serão musical em casa de uma velha amiga de Maurice Barrès...

«Cometi a imprudência de aceitar... Num belíssimo salão em estilo Império, a amiga de Barrès recebia as mais brilhantes personalidades parisienses do teatro, das letras e da política. Germaine Lubin cantou, acompanhando-se a si própria num cravo. O salão era iluminado por um lustre eléctrico e as janelas, naquela estação (passava-se isto no mês de Junho), estavam abertas para a Rua Stanislas-Leczinski. Por isso é que muita gente conhecida se agrupou à frente da casa para ouvir a cantora e me viu ao pé dela, a brindar com a taça de champanhe na mão...

«Escandalizada, uma beata denunciou-me às autoridades eclesiásticas da diocese. Três dias mais tarde fui convocado ao presbítero pelo cura de Plombières-les-Bains e informado de que o bispo me irradiava dos quadros eclesiásticos, ordenando que abandonasse imediatamente a sotaina.

«Aos vinte e um anos, no meio da vida, dei comigo na maior desorientação. Depressa vi que estava perdido na ordem fatal da existência terrestre. Sofrera demasiado a marca eclesiástica para conseguir adaptar-me a um meio diferente. Por outro lado, esperava levar a cabo uma aventura amorosa com a jovem actriz do Odéon, e ela afastou-se. Julgo que Flory teria gostado de fazer-se minha amante por perversidade, se acaso eu continuasse a usar a sotaina (que sobre certas mulheres exerce mórbida atracção). Quando viu que eu não passava de um vulgar civil, abandonou-me.

«Caí numa neurastenia aguda, numa depressão melancólica, e fui assombrado pelo suicídio. O inverno que seguiu a estes acontecimentos passei-o sozinho em Plombières, metido numa



sala em que podia dar livre curso a todas as divagações, sentado à lareira ou a tocar no cravo os cânticos lamurientos e salmos que não me saíam da cabeça.

«O destino mostrou-se favorável quando ofereceu um abrigo macio à minha decadência moral e lhe abriu as portas de um solar muito hospitaleiro. Paredes grossas protegeram-me a alma dorida contra a curiosidade indiscreta de algumas pessoas piedosas dispostas a saciar-se no espectáculo de um jovem a quem tinha sido arrancado o hábito e que iria sentir-se constantemente perseguido.

«No inverno, Plombières é uma pequena e perigosa cidade que desperta nas almas toda uma casta de fantasmas tenebrosamente sensuais. É um sítio aonde temos sempre vontade de abraçar mulheres pelos esconsos ou enfiando-nos debaixo de arcadas. Também será preciso dizer que a existência da famosa Cova do Capuchinho não deixará de excitar de maneira doentia os ardores sensuais dos nevróticos. Dessa cova saem emanações radioactivas capazes de fecundar mulheres estéreis. Por outro lado, Plombières nocturna, a Plombières adormecida em cima de um vulcão que ainda não está extinto, põe loucos os noctívagos como eu.

« O meu isolamento forçou-me a estar atento a um mundo irreal e estranho que até ali recalcara. Fiz explorações em profundidade no domínio do misterioso subconsciente e, dessa forma, não achei extraordinário ver-me perseguido por uma sombra quando passava à frente do Casino deserto, precisamente a sombra do Abade da Abadia do Monte Saint Michel. A partir daí a minha alma senhorial foi dominada pela presença dessa

abacial imagem do outro mundo, que surgia acompanhada pelo negro do jazz, evocação de Satanás e vários sucubos que me proporcionaram insuspeitadas diversões. Naquelas termas desertas passei um inverno maravilhoso e acabei por reparar que a Imagem se projectava fora de mim mas não era distinta de mim, era eu próprio duplicado e desenrolado através de séculos e espaços.

«Distraído do mundo real, no momento em que eu vivia na província com os ouvidos ensurdecidos pela torrente das águas subterrâneas do meu subconsciente, chegaram-me ecos de um espírito análogo ao meu que acabava de manifestar-se em Paris. Quero referir-me à **Revolução Surrealista,** tentativa audaciosa como até então se desconhecia de uma libertação total do espírito. Uma violenta onda iria varrer a ponte do navio humano ainda suja e conspurcada pelas beberagens estúpidas dos vendedores de licores e frivolidades. Os clarões do luar, os movimentos irresistíveis do coração e a maré invasora das divagações, tudo fora de tal modo recalcado desde há séculos que um dia o abcesso acabaria por rebentar.

«Em pleno mês de Dezembro, a **Revolução Surrealista** abria um inquérito sobre o suicídio. Era redigido da seguinte forma:

«Vivemos e morremos. Qual a parte da vontade em tudo isto? Dir-se-ia que nos matamos como se estivéssemos a sonhar. O suicídio será uma solução?»

«Esta posição encontrava-se, realmente, na órbita das minhas preocupações. Aliás, semanas antes eu tivera o prazer de ver as minhas ideias a esse respeito claramente expressas



por um tal Sr. Teste([1]), principalmente quanto ao carácter fatal do suicídio. Falando dos seres predispostos ao suicídio, mas ao suicídio pressentido com antecedência e organizado com esmero, escrevera o Sr. Teste:

«Todos estes seres duplamente mortais parecem conter um sonâmbulo assassino na sombra da alma, um sonhador implacável, um duplo-executor de uma ordem inflexível. Às vezes trazem o sorriso vazio e misterioso que é o sinal do seu segredo monótono e que manifesta (se acaso podemos escrever isto) a presença da sua ausência. Quem sabe se apreendem a sua própria vida como um sonho vão ou penoso de que estão sempre fartos e tentados a acordar? Tudo lhes parece mais triste e nulo do que o não-ser.»

«Um trabalho lento de fermentação se foi fazendo e, pouco a pouco, eu era levado a concluir que o suicídio constituía a única solução.

«No princípio do verão parti para Gérardmer. Uma das minhas primas vivia numa casa da floresta, perto do lago de Retournemer, e ofereceu-me hospitalidade durante um mês.

«Todas as noites eu ia ao Casino de Gérardmer e ao Salão de dança das Andorinhas construído à beira-lago. Perto da meia-noite costumava passear sozinho, de barco, impelido pela atrac-

---

([1]) — Trata-se de **Une Soirée avec Mr. Teste,** de Paul Valéry, uma meditação cartesiana em que são negadas a verdade fora das ciências exactas, a psicologia dos novelistas, a ciência dos historiadores, entre muitas outras coisas. A edição mais vulgarizada desta obra é a da **Coll. Idées,** Gallimard (Paris). (Nota do tradutor)

ção do suicídio que em mim próprio eu excitava. Esperava que a augústia nocturna me empurrasse para a água negra e me abrisse fatalmente as portas da morte como se abre na sombra uma porta, sem ruído, atrás de uma tapeçaria. Mas sentia medo do frio e não podia deixar de imaginar com horror o meu cadáver rígido e balofo acariciado pelas caudas das carpas e dos lúcios. Além disso, a minha imaginação fazia-me entrever tantas aventuras estranhas, possíveis na vida como na morte, que não pude resolver-me ao suicídio.

«Um dia decidi contar o meu tormento aos Surrealistas. Escrevi-lhes, juntando à minha carta uma fotografia eclesiástica, outra do lago de Gérardmer à noite e ainda outra do Mosteiro da Grande Trapa, aonde eu ia fazer um retiro. Recebi uma resposta de André Breton. Encontrei-a na mesa de cabeceira à uma da manhã, ao lado de um ramo de amores-perfeitos selvagens e morangos silvestres que a minha prima apanhara. Dois dias mais tarde fugi para Paris e na estação de Troyes encontrei-me com ele, o autor do **Manifesto do Surrealismo** cuja leitura deveria influenciar em difinitivo o meu destino. Louis Aragon, um dos surrealistas, levou-me certa noite ao pequeno e noctívago cabaré negro de Josephine Baker. Voltei a ver Satanás. Louis Aragon sorria atrás de um balde de champanhe mas eu sucumbia no maior pavor.

«Ainda me sinto apavorado porque Satanás está em Montmartre; não é de carne e osso, mas ri.

«Satanás está em Paris.»

## A MISSA NEGRA

PASSARAM-SE VÁRIOS MESES sem eu voltar a vê-lo. Em Plombières, aonde permaneci pela segunda vez um inverno inteiro, é que me encontrei de novo à sua frente. Vivia sozinho na casa de que já falei, uma espécie de hospedaria mundana para os banhistas da estação termal, com cerca de quinze quartos. Todas as noites me sentia muito emocionado quando acendia o candeeiro eléctrico da cama e pensava que esses quartos estavam impregnados da lembrança de amplexos amorosos ou ansiosas neurastenias dos hóspedes que neles tinham dormido.

«Vários toques estridentes de campaínha eléctrica me acordaram uma noite em sobressalto. Enfiei à pressa o pijama e desci. Ignorando quem poderia vir a uma hora daquelas pertubar o meu sono, não acendi as luzes do corredor. A porta principal era envidraçada, o que à meia-luz me permitia ver, sem ser visto, o ou os visitantes que tocassem.

«No momento em que eu avançava às apalpadelas no corredor, alguém desfechou sobre mim uma lanterna de pilhas atrás dos pequenos losangos de vidro da porta. Senti-me empalidecer e a mim próprio perguntei se não iria encontrar face

a face um audacioso aventureiro que aproveitava a ocasião, sabendo-me sozinho em casa, para fazer um assalto. Entretanto, a lanterna era mudada de posição iluminando em pleno rosto a pessoa que estava parada na relva. Reconheci o Negro.

«Satanás em Plombières!

«Louco de espanto e prazer nervoso, abri a porta. Na rua estava parado um soberbo Hotchkiss com os faróis apagados. Tal como em Paris, o negro usava smoking e uma capa de cerimónia.

«Beijámo-nos em silêncio.

«Na limusina dormia uma mulher. O Negro foi acordá-la e mandou-a entrar para a sala. Quando o lustre eléctrico espalhou a sua luz sobre a criatura que atravessava a soleira do meu solar provinciano, senti um encantamento novo para mim. O meu olhar extasiava-se com os olhos místicos e profundamente negros de Flory.

«Acendi o fogo na lareira enquanto Satanás se mantinha pensativo ao pé do cravo. Flory tirara a capa. A seu pedido, fui buscar ao automóvel uma pele de pantera que estendi no tapete, à frente do fogo. É sabido que os homens abusam das palavras e lhes retiram o valor. Assim mesmo direi que Flory era de uma beleza mortal quando se estendeu na pele e recebeu o calor e os reflexos das chamas.

«Satanás sentou-se ao cravo desde há muito desafinado. Com o seu encanto, porém, imediatamente as cordas se fizeram tensas e emitiram o justo som. O Negro começou a tocar em surdina cantilenas gregorianas que encheram a sala de uma nostalgia extremamente bela.



— «Oferece uma bebida a Flory — disse ele, levantando-se de repente do cravo. Fui à cave buscar algumas garrafas de vinho de Anjou champanhizado, e taças.

— «Agora vamos sair.

«Eu continuava de pijama e sentia frio, mas achava muito natural ir atrás do Negro sem pedir qualquer explicação. Atravessámos a praça. Vi-o lançar um olhar trocista na direcção do presbitério aonde dormia, com certeza, o cura de Plombières. Do bolso tirou uma gazua enorme com a qual, explicou, podia abrir as portas de todas as catedrais.

«Entrámos na igreja. Provavelmente o sacristão esquecera-se de pôr azeite na lamparina do santuário, pois encontrámo-la apagada. Satanás tirou a lanterna do bolso e um feixe luminoso, atravessando a nave, foi parar à porta do tabernáculo.

— «É pena — disse o Negro — não poder tocar órgão sem me arriscar a acordar toda a Plombières! Gostaria de fazer estremecer estas abóbadas com uma rajada de sons que acompanhasse um original charleston, mas devemos ser prudentes e discretos.

«Minutos depois saíamos da igreja, com precaução. O Negro, que esvaziara as gavetas da sacristia, ia carregado de paramentos litúrgicos; eu levava no bolso do pijama algumas hóstias consagradas que fora roubar ao cibório, debaixo do braço uma caixa preta muito pesada com a custódia e a lúnula que é costume expor, com a hóstia, à adoração dos fiéis.

«Flory esperava-nos na sala amarelo-esverdeada da hospedaria e no cravo ia dedilhando melodias de uma angustiada complexidade. Bem trancados naquela casa de paredes grossas

que pareciam desejar-se abrigo de aventuras tenebrosas e demoníacas, encontrávamo-nos os três disponíveis a todas as loucuras, a todos os sadismos.

«Depois de retirado o relógio, pousei a custódia na chaminé e acendi duas velas que pareciam freiras brancas em vigília amorosa à frente do disco da eucaristia. Satanás, pianista negro de smoking, agarrou no banjo e começou a dançar com felina agilidade perante a custódia. Flory, essa foi sentar-se ao cravo e deu em surdina vários acordes para acompanhar um salmo. Ela e o Negro cantaram. Nessa altura atirei-me ao seu vestido e transformei-me numa coisa insignificante e enfeitiçada cujas narinas aspiravam o calor afrodisíaco de um corpo feminino.

«Através de carícias prolongadas e ondulações sábias fui aos poucos libertado do torpor. Com grande simplicidade ela despiu-se e afastou de si os tecidos azuis que lhe tapavam a nudez. Tinha um corpo de Diana caçadora e a cabeça de uma Virgem de vitral, olhos que eram pequenas estrelas da manhã sorrindo para além da morte. Uma vontade louca me invadiu de lhe apalpar o corpo como apalpamos um pêssego ou um lírio, sugar-lhe os seios e apoiar na sua a minha face. Durante alguns segundos, porém, chegou a atemorizar-me. Os seus olhos pareciam reflectir o Mar Negro e os pesadelos de uma lava de pez. As luzes apagaram-se e apenas ficaram as duas velas que agitavam a língua móvel na direcção da custódia em que a hóstia mais parecia uma múmia mística esquecida num relicário de ourives, em forma de sol.

«Satanás o Negro envergava os paramentos: a alva, a estola, a casula de veludo preto que é própria das missas de finados.



Com dignidade e majestade que nem o papa certamente igualará no Vaticano, durante a celebração dos santos mistérios, estendeu o linho gelado do corporal sobre o sexo da mulher naquele instante já deitada na pele de pantera.

«E a Missa Negra começou.

«Depois das titilações de Elêusis, litanias de blasfémias e uma consagração luciferiana e crucificante, consumou-se a comunhão sacrílega, a cerimónia demoníaca em que é dado um beijo no sexo da mulher em espasmo, num êxtase de luxúria e delírio. É a eucaristia ministrada em plena violação da Virgem Negra e da hóstia. As coxas de Flory afastaram-se, o seu ventre serviu de toalha eucarística e os meus lábios avançaram para beijar o centro da flor, triângulo de carne tépida em que a hóstia se impregnava de suor viscoso. Engoli a hóstia e com ela os meus lábios beberam como que uma mistura de leite e sangue de cereja. Fui submerso por um nirvana erótico em que a carne do meu rosto já não era destrinçável da carne do sexo da Virgem Negra. Deixei-me absorver e esvaziar, aniquilar e morrer.

«Satanás o Negro, Satanás o Padre, regressou de automóvel a Paris.

«Friorentamente envolta na sua capa, Flory aninhou-se no fundo da limusina como uma pomba fugida de um claustro.

«Tudo voltara à ordem na sacristia e no tabernáculo. Nada levaria a imaginar que tivesse havido aquele sabbat nocturno em Plombières, dentro do solar.»

Neste momento da conferência o abade Judas fez uma pausa e acrescentou, fixando o auditório:

— Minhas senhoras e meus senhores, vai haver um quarto de hora de intervalo. Dentro em pouco far-vos-ei penetrar ainda mais profundamente nos reinos das Profundezas. Aconselho-vos a ir ao bar ganhar forças na aguardente, nos cocktails ou nos licores fortes, para estardes em boa forma a escutar o relato das minhas luxúrias e dos meus sacrilégios.

Depois do intervalo, a sala mergulhou de novo na escuridão. Só um projector de um branco lunar iluminava o abade Judas e a tela. Acariciado por um fio de luz, na mesa do conferencista brilhava um cálice. Ao lado estava pousado um pequeno cesto de vime contendo uma velha garrafa de vinho do Arcebispado de Cartago... Na tela, o fantasma de sotaina-pijama dera lugar a um elegante e escultural negro de hábito que tocava banjo na Abadia do Monte Saint Michel. Os monges, enlouquecidos, dispersavam-se pelas arcadas do claustro.

Antes do abade Judas retomar a palavra, um pianista cigano modelado pela fuselagem vermelho-sangue de um trajo brilhante, sentou-se ao piano Gaveau e, em ritmo de jazz, tocou «Satanás entre os Monges», um poema musicado do autor.

A seguir, projectada na tela, uma cena em que era visto um monge branco a aproximar-se de um iate, enquanto uma viajante misteriosa lhe acenava da amurada.

O piano calara-se. O ambiente demoníaco voltava a dominar a sala. O abade Judas encheu o cálice com o vinho púrpura do Arcebispo de Cartago, uma das melhores colheitas da Tunísia... e, depois de o ter bebido, prosseguiu sem a menor hesitação:



— Vamos agora penetrar nos reinos das Profundezas. Ainda há pouco expliquei como aderi plena e inteiramente às doutrinas surrealistas, como frequentei assiduamente os discípulos de Rimbaud, esses «adolescentes satanazes» na definição de um romancista católico entristecido pelas devastações que eles causavam na juventude intelectual.

«Os surrealistas dirigiram ao papa a seguinte e insultuosa carta:

## MENSAGEM AO PAPA

**O confessionário não és tu, somos nós, mas tens de compreender-nos e o catolicismo também.**

**Em nome da Pátria, da Família, inditas à venda das almas, à livre trituração dos corpos.**

**Entre nós e a nossa alma temos caminhos a vencer, muitas distâncias, para que possas aí interpor os teus padres masturbantes e essa porção de aventurosas doutrinas que alimentam todos os castrados do liberalismo mundial.**

**1.° — Ao teu Deus católico e cristão que pensou, como todos os Deuses, todo o mal, meteste-o no bolso.**

**2.° — Não sabemos o que fazer dos teus canhões, do teu index, dos teus pecados e confessionário, da tua padralhada; pensamos noutra guerra, guerra a ti, papa, cão.**

**Aqui o espírito confessa-se ao espírito.**

**Na tua mascarada romana, o que triunfa de alto a baixo é o ódio às verdades imediatas da alma, a essas chamas que queimam de qualquer forma o espírito.**

**Não há Deus, Bíblia ou Envangelho, não há palavras que travem o espírito.**

**Não estamos no mundo, ó papa confinado ao mundo; nem a terra nem Deus falam de ti.**

**O mundo é o abismo da alma. Papa empenado, papa exterior à alma, deixa-nos nadar nos nossos corpos, deixa as nossas almas nas nossas almas, não temos necessidade da tua navalha de claridades...**

«Participei em todas estas manifestações e senti prazer em escandalizar os bem-pensantes exibindo-me por todo o lado com o trajo eclesiástico que me fora destinado para a vida inteira. Nas esplanadas dos cafés de Montparnasse, no **Dôme** e no **Rotonde**, eu podia ser visto de cravo na lapela da sotaina, com uma mulher de coxas provocantes sentada nos joelhos. Tinha aventuras de amor com americanas que à noite me levavam ao Bosque e praticava a perfeita desregra dos sentidos que Rimbaud preconizava.

«A minha vida extravagante impedia que dormissem muitas almas piedosas do catolicismo. Era um caso de psicanálise e exorcismo.

«Nas altas esferas, nos concelhos secretos das Eminências e Excelências, a hierarquia eclesiástica ficava assustada pelo exemplo de apostasia sacrílega e profanadora que publicamente eu dava. Jacques Massignon, o orientalista conhecido no Colégio de França e antigo amigo de Huysmans; o Príncipe abade Ghika, empenharam-se em levar-me à resipiscência. Verificando, porém, a inutilidade dos seus esforços, que pouco sucesso o da sua dialéctica teológica, mudaram de método e agarraram-me pelo lado



fraco. Sabiam que eu resistia com dificuldade à sedução de certos olhares de mulher. Se há pecadoras muito belas, capazes de fazer danar um santo, também na cristandade há sedutoras susceptíveis de santificar um demónio.

«Deste modo é que, em tempo oportuno, no meu caminho foi colocada uma verdadeira madona de vitral, a jovem e idealmente bela Mercedes de Gournay, Beatriz aparecida no meu Inferno espiritual. O seu recorte evocara uma castelã dos tempos da Cavalaria, emanava uma candura de lírio, um frescor silvestre. Gracioso, o seu olhar, como o do Anjo do sorriso em Reims, olhar de inquieta doçura. Os cabelos de um louro veneziano, as mãos com dedos de harpista, desarmavam-me. Não podia discutir com ela, pois já era convincente antes da primeira palavra.

«Consagrou-se à minha conversão que deveria levá-la muito longe, uma vez que tudo aceitou sacrificar, juventude, beleza, fortuna, para terminar como o Padre Foucauld, humilde catequista enfermeira de um almirante ermita no sul da Tunísia. Não conseguia recusar-lhe nada. Retratei-me portanto, confessei-me ao Príncipe abade Ghika e retomei a sotaina. Passei alguns dias na abadia dos beneditinos, em Solesmes, aonde encontrei o poeta Pierre Reverdy. Depois, orientaram-me para o Mosteiro de Lérins, na Ilha Saint Honorat do Mediterrâneo, em frente de Cannes.

«Sentindo-se a um passo da cova, o bispo que me desgraçara a vida depois da minha aventura com Flory tomou-se de remorso e enviou-me para o mosteiro um telegrama assim redigido: «Com o seu perdão, o vosso bispo vos envia uma bênção regada pelas suas lágrimas.» Estas desculpas telegráficas ao retardador não conseguiram tocar-me por aí além.

«Fui confiado a um velho monge que cometera algumas tolices durante o clericato secular, embora de género diferente das minhas. Porque eu apenas infrigi as regras da disciplina eclesiástica em matéria de castidade e fui expulso do santuário por razões passionais. Ele, pelo contrário, fora obrigado a enfiar-se no claustro para que o esquecessem, uma vez que dilapidara a tesouraria da diocese quando pretendera jogar na Bolsa. Fazíamos um par de energúmenos.

«Não tenhamos dúvida de que eu teria acabado na pele de um monge, na atmosfera tranquilizante dos pinheiros e ciprestes da ilha, se a cerimónia da Consagração (altura em que as mulheres estão excepcionalmente autorizadas a visitar um mosteiro de homens) não voltasse a pôr Flory no meu caminho. Ela não tinha querido desperdiçar esta ocasião de poluir com a sua presença o retiro dos monges de Lérins. Localizou-me na procissão e acabou por encontrar-se comigo depois da cerimónia. Perante as realidade carnais e o sex-appeal da antiga actriz do Odéon que Satanás me fizera encontrar no Monte Saint Michel, esfumou-se de repente a imagem de Mercedes de Gournay.

«Já contei como Flory, mal eu saía da emoção de voltar a vê-la, me informou que morava num iate ancorado em Cannes... Pedi-lhe que me concedesse um novo encontro... Depois de se fazer rogada, como qualquer boa comediante convidou-me a visitá-la no dia seguinte.

«Durante a noite passaram-se coisas estranhas; depois do ofício das Completas vi-me subitamente transportado ao interior da velha Torre histórica da ilha, construída na época em que o edifício era uma abadia e, ao mesmo tempo, uma fortaleza destinada a repelir os ataques reiterados dos Sarracenos invasores... À claridade da lua recortada em cimitarra, vi surgir o Negro do cabaré de Montmartre... Satanás vinha ter comigo, acompanhado de uma ténue forma de sílfide fluorescente... Flory fora desdobrada por Satanás, deixando no iate o invólucro carnal.



«Ia precipitar-me para a forma fascinante da sereia do Mediterrâneo, quando Satanás me reteve.

— «Ainda não chegou o momento — disse. Só mais tarde se consumará o milagre de magia sexual que há-de atirar Flory aos teus braços. Para isso terás de obedecer cegamente, de olhos vendados, se me consentes esta expressão simbólica. Estás pronto?

— «Pronto para tudo, desde que possua Flory.

— «Assina então com o teu sangue este pacto em pergaminho de missal, que te obrigará a entregar graciosamente a alma.

«Eu estremeci de pavor e de impotência amorosa, ao mesmo tempo. Na atmosfera nocturna, a pequena floresta de pinheiros da Ilha Saint Honorat agitava à brisa marinha o seu manto macio e fresco, pela base dos rochedos corria a hera presa às fendas das pedras medievais. No interior da Torre brilhou e fez-se mais intenso um clarão que parecia uma lamparina de santuário atrás do vitral de uma capela. Em cima de uma mesa gótica vi então uma concha transparente, cristalina e luminosa, dentro da qual uma procissão de vermes luzidios escrevia, num ziguezague resplandecente, a palavra Satanás. A concha tornava visível uma folha de pergaminho virgem com iluminuras, desdobrada ao lado de uma pena de pato tingida de um violeta de bispo.

«O Negro deu-me uma picada leve no antebraço. Algumas gotas de sangue surgiram e nelas foi molhada a pena para eu assinar o pacto.

«O meu cérebro foi invadido por alucinantes imagens sonoras e visuais: Um espantalho próprio para afugentar pardais tocava harmónica numa paisagem de salgueiros chorões. De uma chama jorravam miríades de chispas, verdadeira chuva de fogos-fátuos, e eu ouvia o galope trepidante de uma égua através dos bosques, ruído de chaves nos cadeados de uma prisão, o eco dos badalos de um rebanho nas montanhas suíças, os tinidos de fantasmas nos infernos subterrâneos, gemidos de lobos uivantes nas estepes desoladas, sobrepondo-se tudo ao canto de monges nos subsolos do Oceano, à Sonata do Demónio, enquanto virgens nos claustros assombrados salmodiavam textos do breviário luciferiano.

**Hosannah, Satanás!**

«Glória a ti no mais fundo dos Infernos, no mais fundo das consciências, a que o Espírito das Trevas e dos Maravilhosos Sonhos viole as silenciosas florestas virgens das almas exiladas nos místicos oásis, e no seio das mulheres injecte afrodisíaco mentol verde em vez do leite que provoca vómitos!

«O Negro convidou-me a segui-lo. Com o dedo indicava o mar. Nesse instante vi um monge de cogula branca a caminhar sobre as ondas.

— «Dentro em breve — disse — conhecerás os delírios, os transes e as volúpias da possessão demoníaca... O espectro que se aproxima é Dom Robert Jolivet errante através dos séculos, o que foi no Séc. XV abade da Abadia do Monte Saint Michel... Este espectro já te visitou na mansão dos Vosges mas agora vai incarnar em ti... Vais transformar-te no médium do Diabo.



«Sob o olhar hipnótico do Negro do banjo logo me senti despossuído de mim próprio, como se tivesse perdido a alma. Satanás acabava de transformar o jovem abade, que eu era, numa sombra do velho abade do mosteiro. Eu continuava bem vivo, de carne e osso, mas afastado de mim mesmo. E o que parecia um fantasma imaginário mantinha-se, pelo contrário, bem presente em mim.

«Voltámos ao interior da Torre. Na mesa gótica, a concha continuava a brilhar. O Negro tirou do colete do smoking uma pena de ouro e, no pergaminho por mim já assinado, acrescentou: «Eu, Satanás, inimigo mortal de Miguel Arcanjo, comprometo-me a unir para sempre o abade Judas, reincarnação do Dom Jolivet Abade da Abadia do Monte Saint Michel, com a reincarnação da bailarina Salomé, minha filha dilecta que mandou decapitar o profeta S. João Baptista, a partir do momento em que o abade Judas profanar o santuário da abadia consagrada ao Arcanjo com a celebração de uma missa negra no corpo de Flory».

«No dia seguinte o barco-correio levava-me a Cannes e, à hora combinada, eu comparecia no iate **La Violettera.** Flory esperava por mim na sala-de-fumo. Apresentou-me à proprietária do navio, uma condessa alemã com sangue espanhol pelo lado da mãe, morena de notável beleza. No olhar da sereia transparecia um convite mudo a proibidos prazeres... Tinha a

impressão de despertar de um sono secular e, deixando contemplar-se no olhar dela o meu olhar, experimentava uma sensação de êxtase, a vertigem de um homem que passeia à beira do abismo do mal, presa capturada de um monge demoníaco do Séc. XV, a um só tempo encantado e alarmado por cometer o pecado mais sacrílego.

«Flory conduziu-me até um quarto decorado com a austeridade de uma cela de monge. Por cima da cama, encaixilhadas, as minhas armas abaciais que representavam um salmão nas garras de uma águia negra. Satanás levara para bordo uma mala de acaju com o meu guarda-roupa monástico e sacerdotal, e também o cálice, a patena, todos os linhos e objectos sagrados necessários à celebração da missa... Os paramentos góticos eram do Séc. XV e haviam pertencido a Dom Jolivet.

«Flory fumou um cigarro perfumado com âmbar cujas volutas desenhavam formas evanescentes e criavam rapidamente um ambiente de intimidade erótica... Aproximou-se de mim.

— «Ainda me conheces? Sou a Isolda, a virgem loura com quem não pudeste beber o filtro do amor quando eras abade na Abadia de Saint Michel, pois não ousaste chegar ao fim do sacrilégio. Os Ingleses sitiavam o Monte e, pelo amor que me tinhas, por mim a quem idolatravas, aceitaste passar às suas fileiras e trair a Pátria. Mas não ousaste renegar a tua religião e violar os votos celebrando uma missa negra de noite, no meu corpo, dentro dessa basílica maravilhosa consagrada ao Arcanjo. Agora que reincarnámos ambos no Séc. XX, espero de ti mais audácia. Tomei precauções no sentido de ficarmos sós esta noite



e tudo estar preparado, no meu quarto, para a cerimónia do nosso diabólico noivado.

«Eu mantinha-me calado, esmagado de vergonha mas devorado de desejo».

— Chegada a noite, depois de um jantar de rei servido à luz de candelabros, fui a casa vestir os paramentos litúrgicos. Pensando no martírio de S. João Baptista, escolhi a cor púrpura.

«Muito emocionado entrei no quarto de Flory. Corridos os cortinados cor de opala, Flory fechou a porta com duas voltas e senti-me feliz como se fosse prisioneiro de uma estofada alcova marítima, de um penugento ninho de amor macio cujos panejamentos violetas e amarelos, os tapetes felpudos, a claridade tamisada até à semi-escuridão cúmplice, encorajavam aos apelos da carne, aos toques ilícitos e sensuais. Sozinho com ela no iate, experimentava um grande deleite só de pensar que os nossos corpos iriam dentro em pouco aderir um ao outro e cessaria, enfim, o suplício da luxúria não saciada que, desde há séculos, o Abade da Abadia identificado comigo próprio sofria no Purgatório das Almas do Outro Mundo. Por debaixo da seda transparente da camisa, o roupão entreaberto mostrava-lhe os seios com reflexos de limão e pêssego».

Neste ponto fulcral da conferência, o abade Judas fez uma pausa. Voltou a encher o cálice com o vinho do Arcebispo de Cartago, saboreou-o lentamente com gestos de Rei de Tule na canção gótica da **Danação de Fausto**, de Berlioz, e disse ao público:

— Senhoras e senhores, ao mesmo tempo que falo podereis assistir ao desenrolar da fantasmagoria através da projecção dos principais episódios que a constituem. Lembrai-vos de que sou um possesso demoníaco consciente e voluntariamente me ofereci a Satanás como campo de experiências metafísicas, fazendo-me reincarnação de Dom Robert Jolivet, abade do Sec. XV na Abadia do Monte Saint Michel.

«A infernal cerimónia ia começar, no iate, quando o meu subconsciente (o do abade Judas) foi tomado de pânico e lançou ao céu uma derradeira prece:

— «Ó Deus que talvez me escutes! Se existes para além da insondável Via Láctea, neste momento trágico em que me sinto escorregar entre nenúfares de um pântano de sono hipnótico, entre papoilas e lírios de aroma capitoso, dirijo-te esta súplica. Se ainda houver tempo envia-me a bóia de salvação da Arca de Noé, a não ser que queiras ver-me afogado nas ondas impuras do Tártaro. Não consintas que as minhas mãos, transmutadas em marfim pelo contacto da hóstia, vão sujar-se neste idílio náutico ao apalparem os seios da Flory que me vampirizou.

«Senti, porém, que a minha personalidade era aniquilada pelo Abade da Abadia. Transformei-me num médium passivo que mergulhava num coma psíquico materializador da alma desincarnada e transmigrante de Dom Jolivet...

«E o mistério do estupro consumou-se.

«Vestida com um quimono japonês, Flory preparou duas bebidas (que baptizou de «Satan's Cocktail») e, depois de esgotarmos essa mistura de kirsch da Floresta Negra, absinto e



essência de romã, tirou de um armário a grafonola de campânula que eu tinha no meu quarto do Monte Saint Michel, no dia do nosso primeiro encontro. Tocou as melodias gregorianas que eu nessa altura lhe fizera ouvir e, a seguir, o **Demónio Negro** da sua preferência, que já escutáramos no cabaré de Josephine Baker.

«Picando os discos Colúmbia como um dardo erótico, a agulha penetrava com o solo de saxofone na carne de cera virgem do Abade da Abadia envolto no fumo dos cigarros de Flory... Chegado de um barco vizinho, ouvia-se o lamento nostálgico de Botrel cantado por um pequeno grumete que trepava pelo cordame. O Abade da Abadia sentia a alma afogada nas beberagens alcoólicas. Tentou trautear um intróito, mas o cocktail inoculava-lhe uma vontade irreprimível de coitos e provocava-lhe visões campestres em que a sereia, metamorfoseada em camponesa, masturbava nervosamente a teta inchada do touro fatigado da vida cenobítica, que fugira do curral dos monges.

«Flory apagou a luz eléctrica e acendeu duas velas cujas línguas de fogo translúcido espalharam na sala tranquilidade idêntica à das lamparinas dos santuários. Estendida no divã, soergueu as cépadas violetas da sua camisa, cálice dos óvulos do pistilo, oferecendo-se à cobiça do fantasma de Dom Jolivet.

«Sobre essa estátua de Tânagra viva, papel de arroz em que o padre habitualmente pousa a taça eucarística, a patena e a hóstia, o Abade da Abadia estendeu o corporal gelado.

«Apareceu então o visitante nocturno, o Príncipe das Trevas, o Negro de Montmartre que tocou banjo enquanto o Abade da Abadia iniciava a missa.

«Depois da consagração, o monge pôs a hóstia no sexo de Flory e, chegado o momento da comunhão, partilhou com ela o corpo de Cristo. O músico negro sublinhou esta comunhão sacrílega dos comedores de Deus com cantos de tribos antropófagas. Acompanhado da noiva, o celebrante bebeu o filtro da taça litúrgica, o sangue do Crucificado, mas nos seus olhos garços não chegou a distinguir o olhar longínquo de Salomé, a bailarina-vampiro.

«Terminada a cerimónia, o Abade da Abadia desnudou o seu próprio corpo e, trémulo, aproximou-se do divã. Tacteou os contornos da rapariga-ânfora cujas asas o apertavam, leitosas e aveludadas. As mãos do abade mergulhavam num oásis de espuma, de vegetação sedosa, húmus tépido que ele aflorou. Abelha de sacerdócio, sugou amorosamente a flor cheirosa e bebeu, guloso, com os lábios impuros.

«As coxas, lianas flexíveis da mulher, enlaçaram-lhe as pernas, as longas palmas do Abade da Abadia em cuja nascença se agitava o pedúnculo, cauda do fruto, banana humana, ameixa carnuda que um louro velo frisava. Com agilidade, os dedos femininos perderam-se nos tufos de pêlo do reduto monacal para, a mãos plenas, colher os pesados frutos. Beliscou as avelãs, quis aplacar, morder a banana de carne que palpitava e vibrava nas suas mãos.

«De repente, o Abade da Abadia apercebeu-se de que ela agarrava numa galheta, cristalina galheta de padre cheia do suco virginal, esperma monástico e seiva distilada dos cedros do Líbano.



«Guloso, o monge sugou o néctar da corola e beijou no centro a flor que suspirava depois do orvalho. Os seus rins, as suas narinas, fremiam, e o fauno do claustro espalhou-se sobre a pele húmida da sereia. Gota a gota, derramou no cálice-tulipa dos ovários o conteúdo da galheta, óleo viscoso aromatizado, enquanto Flory desfalecia como a reptileana Cleópatra.

«O Abade da Abadia consumara o sacrilégio».

— Sentindo-se completamente desambientado, o fantasma do Séc. XV que acabava de transpor a ponte-levadiça de uma mansão de além-túmulo, no dia seguinte deambulou pelo porto com o saltério na mão, encapuchado na cogula branca monástica de mangas amplas. Passava em revista os iates. Parando à frente de um deles, gigantesco, cujo nome era **Leviatã**, contemplou a silhueta de uma estrangeira chegada à Côte d'Azur pelas linhas aéreas Latécoère. Era uma americana que bronzeava o corpo roliço aos primeiros raios de sol.

«Interpelou-a.

— «A senhora será, por acaso, mãe da Salomé, a bailarina assassina?

«A viajante do velho oceano não compreendia.

«E o Abade da Abadia, monge votado à castidade, imaginou-se nu a titilar o umbigo da náiade do Atlântico e a desfazer os laços do carrapicho dessa Herodíade adúltera...

«A dado instante, porém, a voz de Flory trouxe-o à realidade. Como uma mulher adorada a fazer sinais ao amante atrás das persianas de um quarto de amor, convidando-o a entrar, no postigo entreaberto a sereia chamava o ex-abade Judas

transformado em Dom Roberto Jolivet. Reparou que uma alegre animação reinava no iate. Pintores de camisa branca afadigavam-se a apagar o antigo nome, substituindo **La Violettera** por outro cuja primeira letra já distinguia, um majestoso S pintado a carmim.

«Flory esperava-o no quarto de amor do sacrilégio. Trazia um roupão transparente azul-alfazema que voltou a provocar-lhe estado idêntico ao da sua loucura matinal.

«Apontou para os pintores e perguntou:

— «O que estão eles a fazer?

— «Obedeço às ordens do Príncipe Negro, nosso Mestre — respondeu Flory. A minha amiga condessa consentiu em emprestar-me por vários meses o **La Violettera**, e também autorizou que o desbaptizasse. Passará a chamar-se **Satanás**. Quando acabar a rodagem do meu filme partiremos em direcção ao Monte Saint Michel. Vai ser um passeio marítimo demoníaco que não deixará de ser invejado por todos os milionários da Côte d'Azur. Vamos contornar as costas da Espanha e da França. **O Satanás** vogará pelo Mediterrâneo e o Atlântico. Passaremos por Marselha, Barcelona, Valência, Gibraltar, Cádis, Lisboa, Porto, Biarritz, Bordéus, La Baule, Concarneau, Brest, Saint Malo e Granville. Reconheça que o Satanás executa principescamente as suas coisas.

«Flory abrira uma carta marítima na mesa e os seus dedos de unhas envernizadas a coral apontavam cada jornada da viagem.

«As cabeças inclinadas tocavam-se. Debaixo do tecido ósseo, o Abade da Abadia sentia palpitar os seios da amante. Tentou



abraçá-la mas ela libertou-se delicadamente e declarou com petulância:

— «Voltarei a ser tua e desta vez para sempre, a partir do instante em que cumprires a promessa, assinada com o teu sangue, de profanar a Abadia do Monte Saint Michel. Mas não julgues que até lá ficarás privado de carícias amorosas. Não tenho a crueldade da Santa Igreja e a minha intenção não é condenar-te ao jejum sexual. Vou convidar todas as noites uma mulher do teu agrado para celebrares no seu corpo a missa... Em cada escala poderás trocar de parceira, convocando a este iate as mais belas provençais, catalãs, espanholas, portuguesas, bascas, bordalesas, nantesinas e bretãs. A teu bel-prazer poderás embriagar-te de volúpia e inebriar-te de amor, recuperar assim o tempo que perdeste em mais de quatro séculos.

— «Isso não é amor — exclamou o Abade da Abadia — mas vagabundagem sensual. Bem sabes que a ti é que amo e desejo...

— «Sei, mas tens de conquistar-me com esforço. Não ignoras as condições em que saberei oferecer-te, de novo e para sempre, o principesco dom da minha pessoa. Esta tarde vou olhar pelo teu guarda-roupa civil e comprar-te fatos de banho, trajos de cerimónia, trajos próprios para iate, para tudo o necessário à desenvoltura do teu porte.

«O Abade da Abadia voltou para o seu quarto monacal aonde pairava um odor de sacristia misturado com perfumes de pó-de-arroz. Flory queimara grãos de incenso num cadinho de ouro pertencente ao apartamento religioso do amante e não tardou a ir ter com ele, acompanhada de um mestre de cerimónias

de bordo que levava nas mãos o tabuleiro de um copioso pequeno-almoço. Depois de uma noite como aquela, o Abade da Abadia sentia-se faminto. Devorou uma coxa de frango, uma omeleta de cogumelos, uma torta de morangos, bebeu vinho da Alsácia servido num copo de cristal de pé alto e saboreou um odorífero café turco. Pensativo e mudo, fixava o rosto da sereia, os seus seios, as suas pernas.

«Flory adivinhou-lhe o desejo recalcado.

— «Seja paciente, reverendíssimo padre, que a Mireille estará aqui esta noite.

— «Mireille?

— «Sim, Mireille. Uma rapariga de Château-neuf-du-Pape que há bem pouco foi eleita rainha de beleza provençal do Concurso do Casino de Cannes. O seu sonho era fazer cinema. Contratei-a como figurante às tuas ordens, pois será meu o principal papel do filme infernal do Monte Saint Michel. Estrearás uma virgem que será tua parceira nocturna até à nossa chegada às águas espanholas.

— «És uma ignóbil alcoviteira — zombou o Abade da Abadia — uma angariadora de cortesãs, um demónio, uma...

— «Basta de palavrório! Não estamos na Ópera, apesar da tua donzela se chamar Mireille. Quem te ouvir falar dirá que sou uma autêntica matrona de bordel, uma corruptora. Poderia responder-te que és um monstro de ingratidão, mas estou antecipadamente convencida de que hás-de abençoar-me do fundo do coração quando iniciares essa virgem nos prazeres do amor e lhe ensinares o ritual da volúpia... Vou preparar o quarto ao lado do teu para a receberes, a ela e às outras.



«Arrastado por instintos de pantera devoradora, na noite seguinte o monge maldito atirava-se a uma morena magnífica dos arredores de Avignon, que cheirava a jasmim e a almíscar, depois de ter utilizado o seu corpo nu para celebrar a missa. Como se fosse uma pomba perseguida, a rapariga tinha a princípio ficado assustada por ver aparecer no seu quarto de cortinados lilases, que o génio voluptuoso de Flory enfeitara a cinzento-rosado e cinzento-prata, um monge impressionantemente vestido com paramentos sacerdotais, em vez de um jovem Romeu. Já toldada pelo sucesso, pelos novos e maravilhosos sonhos de futura glória cinematográfica, a efémera rainha de beleza provençal não opôs mais do que uma fraca resistência ao Abade da Abadia. Dois cocktails afrodisíacos, preparados por Flory, depressa venceram a virtude frágil da sua inocência.

Invisível e misteriosamente presente, o Negro tocava um pizzicato em surdina, no banjo, o romance do Gavião e da Rola. Não tardou que o Morfeu embalasse o par nos braços cor de papoila.

«Assim foi o começo do itinerário marítimo e galante do Abade da Abadia».

— O iate **Satanás** ainda permaneceu três semanas ancorado em Cannes e Flory, que terminava o filme, encarregou um costureiro de teatro de uma missão de confiança muito delicada. Tratava-se de organizar o guarda-roupa do Abade da Abadia. O costureiro dirigiu-se a várias comunidades de monges, entre as quais a dos beneditinos da Abadia de Santa Cecília em Solesmes, cujos dedos de fada e o talento artístico para organizar uma

casularia adquiriram reputação mundial análoga à da alta costura parisiense para a elegância feminina. Magníficas vestes e cogulas monacais de bela lã de um branco imaculado, esplêndidos paramentos sacerdotais em tons sedosos de nácar, púrpura, esmeralda, ametista e ébano, chegaram dessa forma a Cannes. Flory também mandou comprar uma cruz de abade esculpida em marfim e um cálice de ouro cheio de pedrarias... Nada era considerado suficientemente belo para a cerimónia diabólica que iria consumar-se no Monte Saint Michel.

«Tendo uma limusina e um barco automóvel à disposição, o Abade da Abadia passeava toda a costa em companhia da sua provisória amante.

— «Serás o Don Juan do mar — dizia-lhe Flory meio a brincar, meio sarcástica. Podes trocar de mulher todos os dias, com a condição de ser virgem. Acho mais apimentado assistir todas as noites a uma missa sacrílega celebrada na carne fresca de uma virgem violada por ti. Isto assente, és livre de escolher uma jovem aristocrática, uma mística cândida, uma pensionária de convento precocemente viciosa, uma camponesa com tez de camoesa e belas tetas, uma bailarina de castanholas, uma vinhateira de saia curta, uma pescadora de sardinhas...

«O Abade da Abadia sacudia a cabeça com ar céptico e melancólico.

— «Bem sabes que só tu contas para mim — repetia incansavelmente a Flory. As aventuras de uma noite ou um mês não passam de irrisórios paliativos que não conseguem acalmar a minha febre amorosa.



«À noite, o fantasma abacial reincarnado ia matar o tédio ao Casino. Podia ser visto de rosa na lapela do smoking, a passar com o rosto ausente e triste, de um belo tenebroso. Ou então isolava-se no quarto e punha a tocar na grafonola muitas melodias gregorianas com as quais Flory guarnecera, intencionalmente, a sua discoteca».

— Um dia chegou em que o iate **Satanás** levantou âncora para rumar a Marselha e aos Pirinéus Orientais. A grande aventura começava. Com um aperto no coração, o Abade da Abadia viu minguarem, e depois desaparecerem, as Ilhas de Lérins, o Mosteiro de Saint Honorat... Sozinho na amurada do navio corsário, contemplava com nostalgia as margens da Côte d'Azur cobertas de sebes violetas...

«Sête foi a primeira escala. A chegada da artista fora anunciada na cidade e, mal desembarcou, viu-se rodeada de numerosos admiradores e admiradoras que já a tinham aplaudido na tela. Enquanto o chefe da equipagem se ocupava do reabastecimento do iate, Flory tratava de ajudar o amante a fazer uma nova conquista. Como era do domínio público que a artista se encarregava de contratar figurantes, o Abade da Abadia só tinha a dificuldade de escolher quem reocuparia o lugar da amante provençal. Fizera uma prévia despedida a Mireille, o que não sucedeu sem uma crise de lágrimas, mas um presente real e a promessa de um bom contrato no cinema acalmaram-lhe todo o desgosto. O Abade da Abadia concentrou então as atenções sobre uma bela morena de Perpignan com quem dançara um tango num baile privado do iate.

«Barcelona, no entanto, é que reservava ao peregrino monástico a mais impressionante atracção... Na noite da chegada ao célebre porto da Catalunha, ele e Flory foram ao Casino. Ovações, flores, homenagens de toda a espécie haviam acolhido a estrela resplandecente... O Abade da Abadia, que Flory ensinara a dançar, convidou uma jovem catalã para um passo-doble. Esta rapariga de rosto angélico vinha acompanhada de um pau de cabeleira e do irmão. Tímida e corada aceitou o convite, precisamente no momento em que o Negro de Montmartre, em trajo de cerimónia, entrava de imprevisto na sala. Seguia-o um personagem misterioso vestido com um hábito. O hábito e o seu forro de seda eram cor de sotaina do papa no Vaticano. Atrás deles vinham os marinheiros e o capitão do **Satanás,** todos com fardas azuis da prússia. O Negro apresentou o companheiro a Flory: — «O Señor Pedro di Luna».

«Sua Excelência Messire Pedro di Luna, fantasma reincarnado do antipapa de Avignon!... Apesar da mascarilha, o Abade da Abadia reconheceu André Breton, fundador em Paris da seita luciferiana surrealista...

«O Negro agarrou no banjo e subiu até à orquestra. Chispavam clarões de fogo no rosto do Príncipe dos Ciganos Negros. De repente electrizados, os músicos fizeram ressoar na sala fandangos espanhóis. Envergando o hábito de gala eclesiástico, o antipapa de Avignon mantinha nos braços a sereia cujo corpo se desenhava no vestido branco resplandecente de vidrilhos de ouro. Ao som dos tamborins e das castanholas, o Abade da Abadia deixava-se conduzir pela jovem catalã. O bando dos marinheiros do **Satanás** facilmente encontrou amazonas e não



tardou, assim, que o salão de dança do Casino de Barcelona se transformasse num verdadeiro pandemónio. A pedido de Flory, a jovem catalã, o pau de cabeleira e o irmão sentaram-se à sua mesa, alvo de todos os olhares...

«Uma hora mais tarde estavam no **Satanás.** Flory convidara-os a terminar a noite no cabaré nocturno em que o seu iate se transformara. A princípio, a velha pau de cabeleira fizera-se rogada mas acabou por capitular, quando o Negro lhe ofereceu o braço...

«À claridade dos faróis vermelhos, via-se ao lado do iate a sombra do hidravião de linhas aerodinâmicas que o Negro utilizara para chegar ao iate de Flory depois de meter a bordo, em Avignon, o seu misterioso acompanhante.

«Flory ocupou-se pessoalmente dos cocktails. Um deles, para a jovem catalã, era particularmente afrodisíaco; dois outros, destinados ao seu irmão e à velha, continham poderosos sedativos...

«Um pouco depois da meia-noite, o hidravião levantou voo de Barcelona, levando o antipapa surrealista, o Abade da Abadia, Flory e a bailarina catalã. O diabólico pássaro pousou no Rhône e toda a gente, piloto e passageiros, se dirigiu ao Castelo dos Papas para celebrar aí a Missa Negra. Estranhas coisas se passaram no opulento lugar histórico. Eis um poema que o Abade da Abadia consagrou a essa aventura de uma noite e ao qual deu o nome de

O ANJO NO DANCING

**Entre os nenúfares do pântano**

Deita-se o navio,
mulher sonolenta
nave ogival
em desleixada nostalgia
com velas de velino branco
de um avião que sobrevoa Avignon.

Balança
oscilante, nem sabe se vai
a um porto ou a um hangar.
O hálito do monge noctívago
que manobra o leme
exala um spleen de libélulas.
A lua engole uma erva azul
um pássaro vagueia entre as nuvens.

No dancing
o exotismo dos olhos de Flory
contempla-se evasivo
nas gotas vermelho-cereja
do cherry brandy.

Flory! Flory!
O guardachuva pinga lágrimas de sangue
nas chávenas em que agonizam
os cigarros ídolos ao abandono.
O fumo violeta do vento
levanta punhados de cinzas



modelando na serra musical
um requiem havaiano.

Piccolo Navio
Os marinheiros
de tíbias ruivas
murmuram sob guarda-sóis crioulos.
Barcos trémulos
esquifes lentos que balouçam na água
e deslizam lascivos nos soalhos encerados
do casino.
Sarcófago
do Anjo
de barquinha alongada
navego nas ondas dos tímbalos
pela nata dos cocktails
sou a mecânica usada
de uma fábrica inerte.

O Anjo
com lira de cigarra
roubou o bronze da minha pele
os nervos da minha alma de marinheiro.
Com eles faz as cordas do seu violoncelo
que toca
o enamorado tema
do êxtase das miosotis
de smoking-andorinha

no dancing.

Perdi consciência
dos pontos de exclamação
do tempo e do espaço.
Sou o autómato
piloto
do violoncelo transformado em avião.
Atrás de mim
uma sombra taciturna tosse na carlinga.
É o Abade da Abadia
que liberta uma chuva de bolhas-torpedos
sobre imensos papas
reunidos em meeting
nos jardins do Castelo de Avignon.

O berço da carlinga
faz-se grande navio.
O avião é a nave da igreja abacial
do Monte Saint Michel
onde o zumbido do motor Farman
festeja a órgão o bispo que voltou
do lodo,
cavalheiro atrasado num bar americano.
A nave contrai-se
em ligeira caravela
que voga para a bebedeira de um naufrágio,
uma concha partida sobrenada



na barra
em que talharam a nova hélice do navio
caixão-violoncelo
a balouçar, nave ogival
na nostalgia desleixada
das velas de velino, brancas asas
de um avião que sobrevoa Avignon.

«No dia seguinte não foi difícil que a jovem catalã, embruxada por uma noite de amor e aliciada pela promessa de um belo futuro artístico, aceitasse um passeio marítimo de vários dias. O seu irmão e a velha, que a brisa da manhã arrancara ao torpor beato, foram os primeiros a dar-lhe o bom conselho de aceitar o convite da estrela de cinema, considerado insigne favor.

«O Negro e o antipapa de Avignon despediram-se de Flory e do Abade da Abadia. O **Satanás**, esse largou da capital da Catalunha entre vivas de numerosos e entusiastas admiradores.

«Comédia idêntica veio a ter lugar em cada escala de Espanha, Portugal e outra vez da França, cerimonial idêntico foi preparado como armadilha a variadas virgens, fazendo que a seus olhos brilhassem fulgurantes carreiras no estrelato das telas e fossem devolvidas ao ponto de partida com um presente de rei e belas promessas que compravam um silêncio protector de violações e sacrilégios.

«As semanas iam passando».

— Um dia chegou que pôs termo à viagem diabólica e o iate **Satanás** cumpriu em Granville a última paragem do itinerário.

«O Negro precedera os peregrinos náuticos e reservara uma mesa num dos restaurantes mais luxuosos da praia.

«Depois de dizer adeus à última conquista (uma bretã de Concarneau filha de atuneiros, boa de carnes e de uma sensualidade cativante) o Abade da Abadia pôs o ponto final na sua vida de aventuras sensuais.

«Este donjuanismo forçado só deixara um gosto a cinzas e atiçara, ainda mais, o fogo devorante da sua paixão por Flory. Estendido na cama pensou na gravidade dos gestos que iria em breve cometer e traziam consigo uma pesada carga de consequências.

«Pouco antes do jantar voltou a envergar o smoking, mas desta vez com desacostumada solenidade.

«Ao longo do périplo marítimo tinham-lhe tecido uma lenda de conquistador original, milionário que brincava aos piratas... «O homem do charuto», como lhe chamavam por fumar charutos especiais de tabaco de luxo havanês com incenso pulverizado, o homem do charuto aromatizado concentrou-se numa meditação silenciosa.

«Aguardava impaciente a noite que iria, uma vez mais, deitar Flory nos seus braços. O Abade da Abadia sentia, no entanto, infiltrar-se nele a silenciosa carreta fúnebre da neura, um abafado remorso como o rasto baboso que a concha de um caracol deixa atrás de si. «Os dados estão lançados», pensava, «e já não posso



voltar atrás. Não passo de um pobre-diabo apaixonado por uma estrela». Deitando fora o charuto quase consumido, consigo mesmo concluiu que a vida não valia mais do que uma beata apagada, só contando a intensidade do desejo que inflamava os momentos que precedem a data fatídica da morte.

— «Dedilha a cítara, belo sedutor do Tártaro — disse ao Negro de Montmartre, quando o viu. Dedilha a tua cítara para afastares de mim a amargura.

— «Porquê essa cara sinistra e esse tom sepulcral? — perguntou ele. Pelo contrário! Deverias exultar e agradecer-me ter transformado o velho, desossado e depenado abade de um mosteiro do Séc. XV, que eras, num viçoso monge do Séc. XX. A encantadora Flory, teu ídolo, não tarda que se junte a nós. Não lhe reserves essa cara de violeta murcha, de vela apagada. Encomendei um jantar de eleição que em nada se parece com as austeras ementas vegetarianas dos ascetas penitentes... Anda daí, vem beber o meu novo cocktail.

«Flory não demorou muito a aparecer. Para a circunstância vestira um trajo comprido de uma brancura de cisne e provocantemente cortado na base dos seios. Vinha enrolada nas velas vaporosas de um véu roxo de bispo, com sapatos de ouro que lhe davam o andar dessas deusas, categorizadas visitas que o Sumo Pontífice recebe em audiência no Vaticano.

«Para começar, a refeição previa um vol-au-vent de massa folhada contendo corações de gaivota, cogumelos misturados com carne de rosados lagostins e toucinho de javali. A seguir, uma lagosta real com mayonnaise (tão vermelha como a sotaina de um cardeal) servida antes do famoso guisado de cabrito e

de carneiros da beira-mar assados no espeto. Depois um entreacto alcoólico e conchas à S. Tiago com postas de tubarão, preparadas segundo uma receita do Negro, que condimentaram o singular festim e prepararam o estômago dos convidados para as honras das carnes de caça mais variadas: codornizes assadas, filetes de cabrito montês com molho de pimenta, lebre em vinha-de-alhos. Com o apetite aguçado pelo cocktail, o Abade da Abadia sentia subir dentro de si a bárbara seiva de sangue de todos estes animais. Bebeu sofregamente vinho do reno, em taças com a forma de tulipas. As suas narinas frementes aspiravam o pólen de amor espalhado na atmosfera. Antes da pastelaria e dos frutos ainda foi servida uma omeleta Pommard ardida em kirsh. Deste modo, quando o Abade da Abadia entrou no salão de fumo para tomar um café turco e beneditina de Fécamp, já sentia as sensações de um bode na primavera, de uma fera com cio na floresta tropical...

«Aproximava-se o instante solene em que deveria executar a promessa assinada com sangue e profanar a abadia consagrada ao Arcanjo...

— Na pequena brochura sobre o Monte Saint Michel, publicada pelos Caminhos de Ferro do Estado, Marcel Monmarché descreve assim a sua maravilha:

«Uma obra humana foi erigida de tão sublime forma sobre a obra da natureza que até a jóia faria esquecer o escrínio caso uma não realçasse o outro e não parecesse ter sido criada, desde sempre, para formar com ele uma harmonia perfeita de suprema beleza.



«Aonde quer que estejamos, na baía ou nas margens, e seja a que hora for, bastará que olhemos: uma aparição maravilhosamente plana nos areais, uma grande silhueta piramidal que parece aligeirar-se para subir, que brota da areia ou da água e se afina e aguça até não ser mais do que uma esguia flecha de catedral no céu. À claridade leitosa da manhã não passará de um fantasma azulado, estilizado, transparente e irreal; no incêndio dos sóis poentes será primeiro como uma tela lilás, depois violeta, depois preta; na luminosidade pálida da lua recortar-se-á toda banhada de brancuras entre os negros contrastantes mais escuros do que a noite, e a sua sombra adelgaçar-se-á como um rasto de tinta na toalha prateada das águas; se a maciez impalpável das brumas estender o véu sobre a baía, flutuará como uma condensação do nevoeiro no nevoeiro e, outras vezes, na limpidez da atmosfera se perfilará tão dura de relevo e arestas que parecerá furar o céu. É o Monte Saint Michel, no Perigo do Mar [1].»

«A três quilómetros do Monte, entre as sinistras areias movediças, ergue-se o inculto e selvagem rochedo de Tombelaine como uma ilhota de granito. Aí podemos encontrar a entrada da mansão subterrânea de Satanás. Aí podemos encontrar o Príncipe das Trevas, o Negro de Montmartre dotado de ubiquidade e escoltado por demoníacos personagens noctívagos, escafandristas da fauna e da flora submarinas que recolhem todos os suicidas afogados em lagos, rios, oceanos... Lúcifer o Negro

---

(1) — Le Mont Saint Michel, **Marcel Monmarché, Éditions de la S.N.C.F. (Nota do autor).**

é piloto de um monstro aéreo, pássaro metálico anfíbio, avião e hidravião que desliza como uma gaivota imensa de alumínio nas águas glaucas da maré.

«Todas as noites Satanás manda violar uma jovem religiosa nessa mansão aonde antigos abades e monges despadrados, evadidos ou expulsos dos seus presbitérios e mosteiros, jogam ao bilhar com caveiras de marfim. O avião do Negro aterra e amara à vontade, o que possibilita misteriosas vadiagens, e variadas. Satanás ama a carne fresca e consagrada a Deus. Todas as noites, quando as virgens dos claustros voltam às celas depois das Completas para dormir à sombra das asas divinas, Satanás espreita as atormentadas e ansiosas que mais não querem do que abandonar-se aos fantasmas da noite. Rapta-as, instala-as na carlinga do hidravião e fá-las penetrar no seu lar de inferno aonde são violadas por padres e monges sacrílegos segundo os mais refinados preceitos do Ritual da Volúpia. Adormecidas com palavras de amor tão acariciantes como as flautas dos encantadores de serpentes, acabam por sucumbir, embriagadas de luxúria... No dia que segue a estes sabbats, logo de manhãzinha Satanás põe no hidravião as virgens violadas e devolve-as aos conventos, pouco antes das horas das Matinas. O canto destas rolas impuras, conspurcadas por contactos carnais com os despadrados malditos do santuário e do claustro, mistura-se com o das irmãs castas e invioladas e, nas línguas trémulas das freiras em desespero com a sua própria infâmia, vai pousar a pequena hóstia branca inocente, de uma candura matinal.



«Desta mansão subterrânea de Tombelaine, aonde o Negro os levara de barco automóvel, é que o Abade da Abadia e Flory partiram precedidos pelo anfitrião diabólico... Numa outra embarcação, os abades e monges despadrados e as suas companheiras religiosas ainda virgens seguiam atrás do primeiro barco que transportava a mala litúrgica com os paramentos sacerdotais e os objectos necessários à cerimónia sacrílega.

«As lembranças de outrora afluiam à cabeça do antigo Abade da Abadia do Monte Saint Michel. Revivia a sua época do Séc. XV, quando renegado por amor se vendera ao inglês Bedford cujas tropas assaltantes tentavam vencer a fortaleza monástica pela felonia e a fome. Agora, no Séc. XX, via-se prestes a trair a fé, renegar o sacerdócio, violar os votos com um crime sacrílego e monstruoso que profanava o santuário consagrado ao Príncipe da Milícia Celeste que escorraçou o Demónio... Com uma espécie de temor pânico, contemplava de longe o Arcanjo de espada fulgurante que surgia na nuvem, mas a presença da sereia abafava nele o remorso e fazia-o capaz das impiedades mais audaciosas.

«A maré enchente rodeava o Monte Saint Michel. A sua silhueta perfilava-se impressionante acima das areias. Satanás o Negro tinha intencionalmente escolhido esta data do calendário marítimo para a profanação. A maré cheia coincidia com uma noite de pura e iluminada lua.

«Avisados de que um dos seus, o antigo Abade da Abadia Dom Robert Jolivet, o monge renegado, ia aparecer no Monte, os velhos beneditinos do Sec. XV acorreram como um enxame de almas do outro mundo para perseguir e expulsar do san-

tuário o fantasma excomungado. Satanás vigiava, porém, e enquanto os monges ajoelhados e aspargidos de água-benta suplicavam a Deus escondido por cima da Via Láctea que dissipasse os fantasmas nocturnos, o Negro rondava as imediações do mosteiro. A passos piedosamente lentos, com pantufas de bailarina sagrada, por entre os claustros avançava em silêncio a procissão de religiosas sombras chinesas, chamas trémulas de velas que debaixo desses apagadores, que são os capuchos, se esgueiravam como pássaros que vão acomodar-se nos ninhos, sob a carícia da Virgem Maria.

«De repente, o pesado portal da abadia abriu-se com solenidade perante o Negro que estampara um gelado sorriso nos dentes de arroz. Satanás deixou à entrada a capa de cerimónia. Tinha o olhar luzidio como um fogo-fátuo e começou a deambular pelo Passeio dos Monges enquanto dedilhava o banjo.

«O sino tocou, o gongue do canhão da porta da Barbacana troou como uma gigantesca bateria da fanfarra de Lúcifer. Iluminados pelos candeeiros do Inferno, os monges defuntos voltaram a entrar nas entranhas do solo rasando as paredes como ratos. Em poucos segundos a abadia ficou transformada em casino. Houve uma invasão de padres, monges e virgens loucas fugidas dos conventos. Uma imensa tela encerada foi desenrolada sobre as lajes do célebre refeitório para o transformar em dancing, instalado um bar debaixo das arcadas ogivais do claustro, provido dos mais violentos álcoóis. Máscaras de carnaval foram distribuídas aos monges e monjas que se transformaram numa comunidade de nudistas depois de alguns cocktails à base de absinto, mentol e pó de cantáridas. Despidos, abraçaram-se com frenesi uns aos outros. Satanás o Negro animava a sessão com a sua fúria demoníaca.



«Às tantas, rebentou uma algazarra formidável. O céu cobriu-se, os relâmpagos riscaram as nuvens violáceas e negras acumuladas por cima do rochedo. A trovoada das sinistras danações fez-se ouvir, dominando o rumor surdo da maré. O ruído das ondas encapeladas, os uivos do vento, as trombetas brilhantes do Tártaro, os cobres resplandecentes da clique diabólica, os grandes sinos da basílica abacial, os gritos roucos de milhares de gaivotas e alcatrazes formavam a orquestra deste monstruoso sabbat... As muralhas da abadia fremiram com a ressonância de um jazz erótico que tomava lugar ao canto secular das melodias gregorianas... sob a batuta mágica do chefe de orquestra, o Negro do cabaré de Montmartre.

«Os monges e os padres malditos sentiam-se possuídos por instintos sádicos, embriagados pelo álcool dos cocktails que lhes percorria as veias com o seu veneno brilhante. Depois de terem violado as companheiras decapitaram-nas, cortaram-lhes os seios e com eles fizeram sanduíches. Atiraram os cadáveres por cima das muralhas oferecendo às aves de rapina, como pasto, a carne violada das religiosas... Finalmente extenuados, espojaram-se no soalho encerado do refeitório depois das bacanais orgíacas que os haviam esgotado.

«À tempestade que rebentara no mar e nos ares sucedeu inesperadamente uma calma das mais serenas. Lavada pela borrasca, no céu nocturno reapareceu a lua, a Virgem estelar de velino acetinado, misterioso planeta morto, branco como um sudário astral... A Lilith do beijo maléfico... À luz de uma lua

descorada, o Abade da Abadia surgiu acompanhado de Flory, porém exibindo uma palidez de cera que contrastava com o ar radioso da sereia cujo sorriso era igual ao de Salomé quando Herodes lhe concedeu a cabeça de S. João Baptista. O seu olhar de vampiro acariciava traidoramente o ex-abade Judas.

«O Negro interpretou no banjo uma espécie de melopeia fúnebre, um murmúrio sepulcral de espectros que segredavam, uma espécie de convite pianíssimo a uma dança que no fundo dos túmulos despertaria os monges e as monjas amaldiçoados. Entre gemidos, o cortejo destas almas de Inferno avançou por debaixo das abóbadas do claustro. Satanás deu o sinal para o começo da dança macabra e as articulações dos esqueletos estalaram sinistramente, os monges e as monjas saltitaram ao sabor das notas enquanto o Príncipe das Trevas, sob as asas dos arcos góticos, cadenciava um jazz martelado que acelerava a valsa da caravana das larvas.

«Terminada a dança, o Negro executou no banjo a mesma melodia nostálgica, como uma canção havaiana, que Flory lhe pedira para interpretar no cabaré de Josephine Baker, na famosa noite em que pretendera seduzir o abade Judas... Flory levou consigo o abacial amante e a tarlatana lilás do seu xaile, que flutuava como volutas de fumo à claridade amarelada da lua, dava a ambos uma aparência irreal. Provocador, o corpo da sereia colava-se ao do cavaleiro monástico cuja tez, sucessivamente lívida e ruborizada, reflectia emoções contraditórias, entre o terror e o amoroso êxtase.

«Como um sonâmbulo, o Abade da Abadia dirigia-se para a sacristia enquanto os espectros precedidos pelo Negro tomavam lugar nos cadeirões do coro da basílica. Depois de tirar o vestido de noite, Flory envolveu-se num roupão de seda branca, coruscante à luz das velas, e deitou-se num altar com a cabeça pousada num coxim de veludo violeta de bispo e os cabelos tecendo um nimbo louro à volta do rosto de leite e rosas.



«O Abade da Abadia envergara o paramento da Missa das Virgens para satisfazer o capricho da amante que manifestara requinte nos preparativos e para consumar o sacrilégio quisera a cor litúrgica ligada à pureza virginal. O Abade da Abadia estava completamente nu por debaixo da alva lilial que cobria a casula cintilante de cor grená.

«Velas eléctricas cor-de-laranja, violetas, cor-de-rosa, azuis-celeste, verdes-esmeralda, iluminaram o coro da basílica cuja série tripla de arcos, em gótico flamejante, compunha o ideal cenário feérico, nocturno e místico para a cerimónia demoníaca.

«O monge reincarnado, abade do mosteiro, abriu com generosidade o roupão de Flory e estendeu o corporal sobre o seu corpo perfumado. A seguir, pousou nele o cálice cravejado de pedras que devia conter o Precioso Sangue e Flory apertou-o entre os seios, mantendo-o preso nos dedos enquanto o amante lhe colocava a patena de ouro e a hóstia no sexo...

«A missa começou. Sentado ao órgão, o Príncipe das Trevas executou um prelúdio romântico e despedaçante, uma espécie de lamentação em que se misturavam os gritos de pavor dos viajantes atolados nas areias movediças, dos peregrinos perdidos na névoa, os tinidos do sino de socorro, o dobre dos finados e o confuso rumor da maré que acaba de absorver com a sua toalha líquida os desaparecidos dos pântanos.

«Durante o Ofertório ouviu-se um recital cujas escalas cromáticas deram pretexto a poderosos jogos de organista que evocavam o mar enfurecido. Percutindo as teclas do rei dos instrumentos, no momento da Consagração o Sublime Sedutor fê-las vibrar como uma harpa eólica ao sopro do zéfiro. Delas extraiu suaves jogos — o salicional, a voz celeste, a voz humana — que prendiam o Abade da Abadia num enleio lascivo e sensual.

«Chegou o momento solene da Comunhão Eucarística... Boca contra boca, o Abade da Abadia e Flory comeram a hóstia no meio de blasfémias dos espectros amaldiçoados; beberam ao mesmo tempo o sangue divino e, levantando a alva, o abade estendeu-se em cima dela como num divã de maciez e perfídia... A união de Judas e Salomé consumou-se. Depois de vinte séculos, voltavam a encontrar-se o renegado dos Jardins das Oliveiras e a bailarina sequiosa de sangue dos profetas.

«Mal se acabava num último êxtase o amplexo amoroso, todas as luzes se apagaram... Ouviu-se como que um crepitar de seda na penumbra e o ruído abafado dos espectros que desapareciam. O órgão calara-se e o Negro, dominando a caixa esculpida no meio dos majestosos tubos metálicos, com olhos de lince fusilava o par enamorado. O Abade da Abadia mergulhara num embriagamento erótico.

«Obedecendo a uma ordem misteriosa, Flory dispunha-se a estrangular o amante com a ferocidade de um louva-a-deus, apertando-lhe o pescoço no xaile lilás. O monge, porém, em erecção com este gesto assassino, atirou-se a ela mais fremente do que nunca, libertando a sensualidade recalcada... «Ah, víbora» — gritou — «fêmea maldita que pretendes transformar-me em



mandrágora! Tu, que me arrastaste ao fundo do abismo, em cima deste altar serás vítima no sacrifício da Missa Negra».

«Flory gritava, apavorada, mas os gritos eram abafados pelos pássaros de pio estridente que voltejavam em redor do Monte. Através dos vitrais do coro, um raio de lua iluminava a última e trágica cena desta fantasmagoria infernal. Em estado de furiosa loucura, o Abade da Abadia brandiu o cálice e atingiu a sereia fazendo-a cair como um fantoche inanimado nos degraus do altar, com a cabeça em sangue.

«Nesse mesmo instante o Rochedo foi abalado por uma sacudidela sísmica, como que aviso de uma iminente catástrofe planetária. Rápido como um relâmpago, o Negro apanhou os pedaços do banjo quebrado e soergueu o Abade da Abadia, fugindo com os cabelos ao vento... Virtuoso nas viravoltas aéreas, teve tempo de escalar as muralhas medievais e saltar para um navio à vela soprado pelo furacão nascente que o levou, a ele e ao passageiro, à mansão subterrânea de Tombelaine...

«As nuvens negras foram-se amontoando, como se Jeová quisesse esconder o rosto atrás delas. Uma tromba formidável levantou-se no mar, preparando um desastre grandioso, enquanto chuvas diluvianas desabavam do céu. Com um estrondo sinistro, o campanário da basílica esmigalhou-se no terraço e uma vaga siderante submergiu na vasa o Arcanjo precipitado do alto da flecha etérea da Maravilha, bem como o santuário e o rochedo que lhe estavam consagrados.

«Quando o dia nasceu sobre esta noite de Walpurgis, as gaivotas e os alcatrazes deram prolongados gritos na paisagem desolada daquele cemitério marinho.

«Mal desembarcou em Tombelaine, o Abade da Abadia precipitou-se pela mansão subterrânea atrás do Negro. Estava com os paramentos sacerdotais ensopados e apressou-se a vestir uma sotaina seca do armário dos monges despadrados. Ao ouvir o barulho do trovão repercutir-se nos subsolos julgou, porém, que no mostrador da Eternidade tinham soado as horas apocalípticas do fim dos Tempos e o Universo preparava-se para explodir. Fugiu alucinado para fora da mansão. Queria contemplar o cataclismo mas, franqueando a soleira da casa infernal, viu que teria de aventurar-se pela zona perigosa e caiu petrificado, sofrendo castigo idêntico ao da bíblica mulher de Loth quando ignorou a proibição divina e se voltou para contemplar a destruição de Sodoma e Gomorra pela chuva de fogo e enxofre.

«Nesse mesmo instante senti-me liberto do fantasma de Dom Robert Jolivet que me assombrava, e experimentei a sensação de um homem que sai de um profundo sono hipnótico, reencontrando nos vestiários do além-túmulo o invólucro carnal da sua personalidade. Voltei a ser o abade Judas... Apesar disso, as minhas impressões eram confusas e sentia-me desambientado psíquica e fisicamente. Como disse no princípio desta conferência, eu surgia do além, de uma cave em que tinha estado mergulhado. Um defunto fizera-me esmola do seu pijama e deambulara com ele num cenário lunar, entre as sepulturas de beneditinos enterrados no cemitério do Monte. Era perseguido por uma sombra monástica, a do Abade da Abadia à qual acabava de ser arrancado. Acordei no quarto da Villa Mandrágora,



em Monte Carlo, tendo à cabeceira Flory em carne e osso, a fascinante actriz do Odéon... Sentia-me estupefacto.

— «Até criei alma nova desde que recuperei os meus espíritos — disse-lhe, depois de recordar as circunstâncias extraordinárias que me tinham levado ali. Imaginei que tinha acabado de a matar no Monte Saint Michel, depois de cometermos ambos um sacrilégio monstruoso.

— «Pobre amigo! Uma vez mais toma os delírios da sua imaginação por uma aventura vivida.

— «Tenho a impressão de que vivi uma aventura maravilhosa. Estou certo de que a viagem no **Satanás,** o nosso passeio marítimo pelas costas da França e da Espanha, a celebração da cerimónia diabólica no Monte Saint Michel aonde você se entregou a mim em cima do altar da basílica, não são um logro.

— «E o meu assassinato é sonho, ou não é? Renda-se à evidência. Aqui estou bem viva, na Côte d'Azur. Há meses que o internei nesta casa de repouso sem nunca ter saído dela. O iate **Satanás** é uma invenção do seu cérebro. O iate **La Violettera** é que é real e não saiu de Cannes. Além disso, nunca fui sua amante.

— «Por que estou eu aqui, afinal?

— «Já lhe disse: trouxe-o para esta casa de repouso depois das cenas escandalosas que fez no iate **La Violettera** com a sotaina de seminarista, depois de fugir da Abadia de Lérins. Teve gestos lamentáveis: tentou violar-me, insultou a condessa minha amiga, denotando tudo isso um grave desequilíbrio psíquico. Se aqui o trouxe foi por compaixão, para o desintoxicar do surrealismo. Vejo que se compraz no seu estado de deso-

rientação mental, mas posso garantir-lhe que, se alguma vez saiu daqui e fez comigo uma viagem de amor no mar, foi em sonho.

«À medida que Flory ia falando eu sentia que ela tinha, de forma oculta e inexplicável, sido a minha alma danada, que o mel das palavras servia apenas para esconder o fel da sua natureza felina e perversa. Não podia sequer admitir que a minha aventura trágica fosse uma quimera.

«Flory ausentou-se alguns minutos.

«Durante esses momentos fui invadido por um desejo irresistível de a violar ali, no quarto da Villa Mandrágora... Quando voltou já eu vestira a sotaina e acendera uma vela à frente da Madona de Fra Angelico, para lhe fazer crer que regressara aos meus sentimentos de piedade e arrependimento.

«No entanto, atirei-a com brusquidão para a cama... Nem teve tempo de gritar porque a amordacei com uma toalha de rosto. Debatia-se violentamente mas conservei-lhe os braços imobilizados sobre os meus joelhos e, com a faixa eclesiástica, amarrei-lhe as mãos atrás das costas. Tinha Flory à minha disposição...

«Senti uma alegria sádica quando levantei o vestido e arranquei a combinação de seda. O sexo louro e frisado oferecia-se à minha cobiça... Afiando a canivete a ponta da vela acesa, enfiei-lha brutalmente na vagina.

— «Aqui tens, fêmea do Demónio!... Vais ver se sou um fantasma!

«O sangue jorrou. Era virgem, afinal, e provavelmente lésbica, como afirmara Francis de Croisset. Durante alguns instantes mantive-a nessa postura de mulher-candelabro. Flory não



parava de se agitar e a cera quente caía-lhe em gotas escaldantes na pele. Sofria, a ponto de chorar de raiva, de impotência e, através da mordaça, eu ouvia os seus gemidos abafados.

«Tinha de proceder com rapidez.

«Arrancando a vela afastei-lhe as magníficas coxas leitosas e acetinadas e, de sotaina levantada, estendi-me no seu corpo entrando nele com feroz volúpia.

— «Estamos pagos! — disse-lhe quando me retirei, depois de um longo espasmo. Foste tu, não negues, que no iate **La Violettera** me condenaste cinicamente ao suplício da tortura pela esperança, dizendo: «Volta ao mosteiro, pois apenas serei tua se tiveres pronunciado os votos e recebido o sacerdócio, de forma a poderes celebrar no meu corpo uma missa negra». És um monstro e tratei-te como tal. Agora vou libertar-te. Sai daqui mas a respeito disto nem uma palavra, pois é teu interesse calar o que acaba de acontecer.

«O pano desceu sobre esta aventura, tal como vai descer sobre o relato que acabastes de ouvir».

O abade Judas levantou-se, hierático, envolto na capa romana eclesiástica. Tornou a encher a taça com vinho do Arcebispado de Cartago, como se pretendesse brindar a um ser invisível. «À tua saúde, Satanás!», exclamou.

O auditório viu projectar-se na tela um enorme dragão chinês formado por lagostins, polvos, aranhas do mar, animais da fauna dos oceanos acrescentados uns aos outros, enquanto o conferencista invocava a alma de Satanás numa atmosfera saturada de erotismo e fantástico, de beleza convulsiva, de maravilhoso infernal.

## HOSANNAH! SATANÁS

SATANÁS tem alma de polvo
de cefalópode
com infinitos tentáculos,
alma de vibrião espiralado
em fio de seda de infusório;
é sulcado de anéis
filamentos nervosos muito finos.
Satanás é medusa, é mónada,
com sacos pulmonares que jorram sangue pálido
na sua consciência
de aracnóides tenebrosamente tecidos,
clarões de fósforo
espalhados,
bravios faróis de carro
que semeiam o terror.
Satanás é uma Psique monstruosa
de escamas irisadas:
electrisa, corta, assobia,
e o seu clakson estridente
desfralda em ondas hertzianas

pelos espaços imensos
dos oceanos silenciosos.
Satanás tem alma de polvo cefalópode
que fez o impossível percurso
dos milhares de nebulosas irradiantes
à chuva das estrelas cadentes,
debulhando o rosário de cometas
de grãos incandescentes e volatilizados
até ao zénite inacessível.
Satanás explorou estranhos covis da flora
e da fauna dos mares
até ao nadir.
Os resplandecentes destroyers de aço
são tímidos brinquedos
comparados com o seu maravilhoso sloop
de quilha sempre alcatroada por aventuras
de escafandrista místico,
de arrepiar.
Satanás sabe
que tudo é ilusório pesadelo;
é o inimigo maldito
da amarga vida dos que nadam,
trepam, andam, voam e vegetam.
É confidente das sombras mortas
dos náufragos, dos afogados,
todos os que encontra atolados
e a quem limpa os esqueletos empedernidos
raspando-lhes a camada de pus.



Satanás tem o faro da hiena
nada o aplaca no ódio,
alimenta-se de algas,
tem sonhos mais lívidos que o lodo;
faz remoínhos na vasa
e espera que ela invada,
como roedora lepra,
os edifícios,
as barracas de madeira, as cabanas
dos homens, os seus ridículos casebres,
os palácios insolentes,
os lares tranquilos,
os castelos fortes e as villas,
as mesquitas e as catedrais,
tudo o que está construído
até mais não vermos
que um deserto liso
desbotado ■ pardo
e oiçamos o choro
da maré que se retira
num rumor confuso.
Satanás sugou os seios das virgens
comeu o cérebro dos monges
nos crânios diáfanos
do abacial cemitério,
hospedaria frívola
à qual chamaram **Escafandro**
e aonde é célebre pela colheita das donzelas

e violações.
Satanás tem um sismógrafo
para registar ânsias e transes
dos que ele atira às areias
entre latas de conservas
detritos
e caranguejos mortos;
Satanás vai assombrando nos claustros
as pudicas noviças
sacode velhos calvos
como pêras,
e a todos mete
um pé na cova.
Hosannah! Satanás.

O ex-abade Judas manteve o público suspenso, várias horas a fio... e a sala esvaziou-se enquanto o cigano repetia, ao piano, o **Satanás entre os Monges.**

# POSFÁCIO HISTÓRICO DO «JUDAS OU O VAMPIRO SURREALISTA»

A reedição de A Experiência Demoníaca, por Eric Losfeld ([1]), deu lugar a toda a espécie de interpretações tendenciosas e erróneas sobre a minha vida tormentosa e destruída de antigo aspirante ao sacerdócio transformado em poeta surrealista, e é mais do que provável vir a reedição do Judas ou o Vampiro Surrealista, pelo mesmo editor, amplificar o farisaísmo dos sarcasmos de vários críticos literários bem-pensantes que não deixarão de me atirar as suas flechas envenenadas e tratar-me de perjuro e renegado.

O que há de espantoso e contraditório no comportamento desses críticos é não se indignarem por ser congratulado de forma ditirâmbica o pintor e escritor surrealista Salvador Dali, um convertido que se proclama leal campião de uma monarquia teocrática espanhola de género medieval idêntico ao da Isabel a Católica, não impedindo isto que frequente todos os estroinas mundanos da capital parisiense, do Gotha internacional, e no que escreve dê complacentemente notícia dos seus cometimentos ou extravagantes projectos erótico-sacrílegos.

([1]) — Editada em português pela Editorial Vega, 2 vol., Lisboa 1976. (Nota do tradutor).

No livro de Dali-Pauwels As Paixões segundo Dali, o fundador da revista Planète que hesitou publicar o manuscrito de A Missa de Ouro, o meu livro inédito, dá no entanto a palavra a Salvador Dali para que desenvolva as suas teorias sobre o Erotismo a partir de uma «Missa Cor-de-rosa» americana.

Pretendia Dali organizar uma cerimónia erótica com participação de uma seleccionada elite que constituisse uma sociedade aristocrática do prazer. Tratava-se — vou empregar os seus termos — de reunir uma dúzia de pessoas escolhidas pelas suas belezas e perversidades. Com um grande esbanjamento de diplomacia estético-erótico-amorosa e a cumplicidade mental e sensual dos convidados, propunha-se preparar um ballet erótico. Para tanto está disposto a dispender milhões em jantares, contactos, roupas, iluminações e cenários, imagina «os mais complicados requintes eróticos, as mais sábias combinações, as situações mais suavemente impossíveis».

Dali conta uma das suas experiências (abortadas) que teve por quadro o salão de festas do Hotel San Régis de Nova Iorque, nas imediações de uma igreja. Empregou todas as suas armas para seduzir, perverter, recrutar, ofuscar uma jovem de extraordinária beleza, muito mística, muito pura, a quem chama «Cristo» por essa Missa Daliniana ter tido lugar na Semana Santa.

A orgia colectiva chegou ao auge num delírio mental, visual e sensual, entre perfumes capitosos. Completamente nua, e após ter sido afrodisiacamente drogada até aos limites do orgasmo, a celebrante várias vezes acariciada ficou em estado de semi-alucinação. E, no momento em que ele julgava ter atingido o o máximo, quer dizer, um colectivo estado segundo de transe



e êxtase erótico, tudo se desmoronou e terminou em fracasso. Dali ficou só, como numa Nave de Loucos, enquanto os convidados se eclipsaram como sonâmbulos depois de uma enorme decepção ([1]).

Através de Louis Pauwels, teria Dali tido conhecimento do meu projecto da «Missa de Ouro» e tentado ultrapassar-me? É bem possível. O genial pintor catalão tem intenção de fundar uma sociedade secreta de iniciados que celebrará cerimónias religiosas e eróticas... Também aqui me segue os passos. Arrisca-se, porém, a registar novo e estrondoso fracasso e a ficar outra vez só como um aprendiz de feiticeiro, numa sala transformada em santuário, entre o fumo do incenso e as suas volutas lascivas, arriscando-se com esta paródia à ira de Lilith, a Vénus Negra...

Diz Salvador Dali que não sabe como explicar o fracasso e desejaria supor que ele próprio, numa última perversão, organizara a sabotagem integral do seu trabalho diabólico, como Hitler organizou por masoquismo o seu colossal falhanço guerreiro, a sua descida ao Walhalla. É demasiado cómodo. A verdade é que não será sacerdote de Lúcifer quem quer... Não se improvisa assim, ao calhar, um celebrante de Liturgias Satânicas. Nenhuma verdadeira iniciação ao Erotismo Sagrado (Branco ou Negro) será possível sem ser centralizada num médium — na ocorrência um padre católico, um feiticeiro de um culto afrodisíaco, ou um monge budista... Sem essa presença e partici-

---

([1]) — Ver Dali-Pauwels: Les Passions selon Dali, Editions Denoel, Paris. (Nota do autor).

pação activa de um homem ou mulher (sacerdote ou sacerdotiza) consagrados, não é possível praticar a verdadeira magia sexual e tudo o que possamos organizar descambará inevitavelmente em vulgares orgias com todas as variedades de posições licenciosas e obscenas de corpos masculinos e femininos, orgias aonde apenas se agitam figurantes e não autênticos adeptos de um culto... É o que chamo «atirar em falso». Agora, que já recebi não só a ordenação sacerdotal de uma Igreja Cismática como a consagração episcopal, vou finalmente, e sobretudo pelo auxílio de um apaixonado do erotismo tão resoluto como Eric Losfeld, atirar com balas verdadeiras... e mesmo com as balas do meu sarcasmo.

Com efeito, no seu livro Os olhos de Ezequiel estão abertos (¹), Raymond Abellio teve ocasião de afirmar que os mais formidáveis poderes do homem são os sacerdotais... Ora esses poderes sacerdotais só a Igreja Católica (romana ou ortodoxa) os conservou no Ocidente, ou os possui ainda, não sabendo porém servir-se deles. Compreendo muito bem que possa pôr-se em dúvida, ou se rejeite em bloco, a Teologia Dogmática da Igreja, a sua abafante Doutrina Escolástica, mas todos os ocultistas e esoteristas têm conhecimento de que ela conservou toda a antiga magia sacramental, graças aos ritos litúrgicos. Dá-se no entanto o caso — como explicou Paul Grégor na sua Carta de um Feiticeiro ao Papa — de parecer que perdeu o segredo dos seus poderes alquímicos e taumaturgos. A Igreja apropriou-se

(¹) — Les yeux d'Ezéchiel sont ouverts, de Raymond Abellio, está editado na colecção Le Livre de Poche. (Nota do tradutor).



de todos os antigos ritos iniciáticos das religiões orientais e mediterrânicas. Transmutou-os. O culto da Deusa Lua transformou-se, por exemplo, no culto da Virgem Mãe; o culto do Deus Solar no culto do Cristo Ressuscitado... Hipocritamente eliminou todos os elementos dionisíacos, báquicos, eróticos, desses ritos. Mas acontece que também pode transmitir os poderes sacerdotais, perdido embora o segredo das fórmulas.

Aleister Crowley, o célebre mago negro que encontrei em Montparnasse pouco depois da publicação do Satanás em Paris, e ainda a fascinante Flory, heroína do Judas ou o Vampiro Surrealista, recriminaram-me vivamente por eu não ter aceitado a ordenação sacerdotal que me era oferecida por um bispo da Igreja Cismática Liberal Católica que se propunha desassombrar-me do surrealismo luciferiano e devolver-me à minha primitiva vocação. Aleister Crowley desejava poder contar com a participação de um verdadeiro padre nos inverosímeis sabbats demoníacos que, naquela época, organizava.

Não dei grande importância ao encontro com Aleister Crowley. Não desconfiava que era, de facto, um dos maiores magos deste século. No número 19, a revista Planète consagrou-lhe um estudo pós-mortuário da autoria de Jacques Mousseau. Esse inglês satânico tinha fundado na Sicília uma Abadia de Thélème, em Cefalu, para fazer dela um templo de Magia Sexual. Além de Léa Fackland, sua amante, arrastara consigo discípulos e concubinas, verdadeiras estátuas de carne entregues à concupiscência, expostas completamente nuas ao sol. A comunidade destes adeptos praticava todas as posições concebíveis e imagináveis do acto sexual, seguindo as indicações diabólicas do

mago, e assistia a ofícios gnósticos de culto à Deusa Síria que, numa só entidade, engloba a Vénus Astarte pagã, a Ísis egípcia e a Çatki indiana; ofícios gnósticos que eram verdadeiros sabbats de luxúria nos quais se praticavam ritos misteriosos, como a cópula de um bode, símbolo da fecundação, com a amante de Aleister Crowley. Talvez o mago tivesse conseguido criar uma Central de Energia Oculta Erótica se Mussolini, depois de algumas intervenções eclesiásticas, não o tivesse mandado expulsar da Itália.

Quando frequentei esse temível mago ele organizava, de noite, certas cerimónias estranhas, na floresta de Clamart. Pretendia criar na França, em Paris, uma filial do clube inglês das Chamas do Inferno. Muito antes da mulher-editor do «Or du Temps» — refiro-me a Régine Deforges — já ele pensava que os grandes organizadores de festas eróticas deviam ter muito dinheiro e, ao mesmo tempo, um grande desprezo pelos indivíduos; deviam ser ricos, possuir uma grande casa, jardins bastante isolados, protegidas provocantes, para ter êxito em bacanais tão licenciosas como satânicas... Se já então eu tivesse chegado ao sacerdócio, com a minha colaboração e participação poderia ter renovado as proezas de Sir Francis Dashwood, o que no Séc. XVIII (quando era Grande Chanceler do Tribunal de Recursos) fundou na Inglaterra o «Hell Fire Club», Clube das Chamas do Inferno. Este grande senhor satânico mandara construir uma espécie de cripta abacial nos subterrâneos do seu castelo. Nessas grutas, chamadas Catacumbas do Diabo, o Grande Prior da Congregação Sacrílega, reunia os senhores abastados da «gentry» inglesa. Envergando a cogula branca de um monge, ele e



os membros da seita animavam lascivas cerimónias em que tomavam parte cortesãs enfarpeladas com sugestivos trajos de abadessa e freira. Na grande sala capitular, monges e monjas em cio petiscavam e copulavam depois da missa, à chama dançante dos círios consagrados, numa atmosfera pesada de cheiros de vinho e incenso, enquanto órgãos invisíveis ritmavam cânticos à glória de Belzebu e Lilith.

Quando Flory soube que um bispo cismático propunha que me ordenasse padre, permitindo isto que eu oficiasse liturgias satânicas no Clube das Chamas do Inferno que Aleister Crowley pretendia fundar em Paris, suplicou que me associasse ao mago Negro para ser criada, enfim, qualquer coisa de grandioso no plano erótico e satânico... «Que belo Festival do Diabo poderia ser organizado de noite, no Monte Saint Michel!», suspirava colando-se a mim de forma insidiosa, como uma irresistível tentadora... que nos convidasse à perigosa viagem demoníaca.

Não tive coragem bastante para «jogar o grande jogo». Perdi Flory... O diário de bordo do cruzeiro num barco fantasma, em que eu fui levado com uma sereia até um maelstrom infernal e deveria finalizar numa grandiosa e solene missa negra no Monte Saint Michel, não relatava mais do que uma aventura imaginária e onírica de um sonhador acordado que, sob a inspiração do Príncipe das Trevas, escrevia o argumento do Judas.

Três anos mais tarde apresentou-se nova oportunidade de realizar essa operação de magia erótica que só imaginariamente eu tinha podido consumar com Flory. Em Nice, no Hotel Ruhl, depois de uma conversa com Jean Cocteau encontrei Georgine C.. a quem chamei a fascinante parisiense da Rua do Laos e que

surgia na minha vida de autêntica travessia marítima como segunda sereia do Mediterrâneo... Da minha aventura com Flory já eu tirara um grande argumento romanceado, este mesmo que acaba de ser reeditado por Eric Losfeld depois de escapar a dois autos-da-fé eclesiásticos e já tinha surgido, em exemplares de luxo com tiragem limitada, nas Editions Prèmieres... Esperava agora que a magnífica Georgine C... fosse a intérprete.

Desta vez modificara todo o ritual da liturgia mágico-sexual... Já não se tratava de participar na celebração de uma Missa Negra, mas de um Missa de Ouro... Tinham-me apresentado à célebre ocultista Maria de Naglowska, ressuscitadora em Montparnasse da seita vintrasiana dos mariavitas que preconizavam uniões tântricas entre sacerdotes e sacerdotizas e a poligamia mística. Esta Maria de Naglowska, de origem eslava, vira-me de sotaina na esplanada do Café Dôme quando eu pretendia provocar os devotos bem-pensantes com carícias nas coxas de Kiki Ray e, como muitos outros, supunha que eu era realmente um padre católico romano capaz de celebrar o que ela chamava Missa de Ouro, uma vez que pertencesse ao seu círculo. À base de um ritual de amor mágico, esta missa unia os mistérios iniciáticos dos antigos cultos de Ísis e Astarte Afrodite aos mistérios crísticos eucarísticos. O celebrante desta Missa de Ouro, deste culto erótico-místico, deveria oficiar, não aos pés do Homem-Deus crucificado do Catolicismo Romano (de simbolismo deicida e homicida) mas aos pés da Deusa-Mãe Lunar, da Vénus Astarte, no decurso de uma cerimónia em que participava uma sacerdotiza de Afrodite e terminava pela comunhão do sacerdote e dessa mesma sacerdotiza. Depois de terem ambos bebido no



mesmo cálice o inebriante filtro do sangue divino, acopulavam-se num amplexo apaixonado em que o espasmo sexual se confundiria com o êxtase místico.

Não tendo chegado a ordenar-me padre não podia celebrar com a fascinante parisiense (que pena!) nem a Missa Negra nem a Missa de Ouro... Só podia propor uma Missa Cor-de-Rosa, isto é, a paródia de uma verdadeira missa. Desta forma, apesar de bem combinada, toda a dramaturgia religiosa, mágica e sexual terminou num lamentável fracasso análogo ao que teve Salvador Dali em Nova Iorque, no Hotel San Régis, quando celebrou a cerimónia erótica e mística que referi.

Se não agarramos a sorte no seu voo, lamentamo-lo depois com amargura... Tudo aconteceu como se as deusas irritadas Afrodite, Vénus, Ísis, Astarte, houvessem perdido o interesse naquele a quem tinham decidido cumular de favores. É bem verdade que talvez a isto se acrescentasse a punição de Lilith, a ira do Satanás feminino. Só quinze anos mais tarde uma terceira ocasião me surgiu de jogar «o grande jogo». Que obstáculos se interpuseram, porém!

Os leitores da Experiência Demoníaca sabem como a Igreja, fazendo pressão sobre a minha mãe, tentou em 1935 recuperar-me. Perturbado com o suicídio do poeta surrealista René Crevel, acabei por ceder à chantagem sentimental e retirei-me para a Abadia de Saint Wandrille depois de renunciar à minha actividade de editor, romper com a minha amante, afilhada do ministro Barthou que me ajudara secretamente a lançar uma colecção de Bibliófilos Libertinos depois de eu vender ao desbarato uma casa que tinha herdado, inteiramente mobilada no estilo Império.

O manuscrito do Judas ou o Vampiro Surrealista fora deitado ao fogo da chaminé abacial. E, a partir desse dia, a minha vida de escritor surrealista arruinado, desarmado, socialmente desvalorizado, não foi mais do que uma série de capitulações, abdicações, renúncias, simulacros de submissão. Apesar disso consegui escapar a uma certa influência monástica, como escapei à marca eclesiástica cuja assinalável força me tinha sido lembrada por André Breton. A morte do poeta surrealista Robert Desnos num campo de concentração, vítima dos carrascos nazis, dele nada mais restando que um punhado de cinzas recolhidas numa urna funerária chegada de Praga a Paris num avião, abandonou-me a fúnebres ideias fixas, aos remorsos de consciência, e fez-me pôr em questão todas as minhas antigas crenças católicas. Tomei o caminho de uma nova abadia, a Abadia de Pierre qui Vire construída perto de um dólmen numa floresta do Yonne. Os monges tinham apagado os vestígios dos Druidas, mas não tanto que impedissem de entrar na minha cela os fantasmas femininos das sacerdotizas célticas...

Após semanas em que vivi ensimesmado, em meditações sobre a loucura mortífera dos povos, sobre a ameaça atómica de um suicídio planetário, redigi o texto de uma Carta Aberta a Bernanos sobre o Apocalipse que levei, a seguir, à revista Paris, les Arts et les Lettres. E um mês mais tarde, ao ler numa carruagem de primeira do metro o número dessa revista em que ela vinha publicada, é que inesperadamente encontrei face a face uma criatura estranha, enigmática, com um perfil de princesa oriental, olhos de cigana da Provença, que tentava ler de soslaio o título do meu texto. Levantei o olhar e não consegui fugir ao seu,



envolvente e magnético... A homenagem dedicada da minha Carta, rapidamente assinada e entregue à desconhecida por um lobito em voo nos corredores do metro, permitiu-me entrar em relações epistolares com ela de uma forma correcta e cortês.

Tal como já contei na minha rápida autobiografia ([1]), uma semana depois da nossa primeira entrevista fez-se minha amante... Atirados de um modo tão irresistível como imprevisível aos braços um do outro, éramos dois seres que pareciam reencontrar-se para uma comunhão sentimental e sexual após reincarnações múltiplas, num êxtase erótico, místico e ritual do gesto sacral profanado por tantos não-iniciados.

Mais ainda do que das outras vezes, encontrei a parceira ideal, a sacerdotiza do amor que reunia a inteligência feminina à luciferiana, a beleza do rosto, a sedução do olhar, ao mais enlouquecedor sex-appeal e à sensibilidade animal e carnal mais afrodisíaca. Assim é que também imagino Emmanuelle Arsan, a autora da Anti-Virgem, nos planos do erotismo, da sensualidade, do luciferianismo. A tal respeito devo ainda dizer que sofri uma decepção quando cheguei à página 184 do livro, em que ela se interessa pelas práticas dos antigos monges budistas do templo de Angkor que desfloravam donzelas para misturar o seu sangue ao vinho. Tal como Lydie Bastien, julgava eu que Emmanuelle Arsan se iniciara nos arcanos erótico-místicos do tantrismo indiano. Ela conta como entregou o corpo a um bonzo do pagode do Buda de Esmeralda, num mosteiro budista de Bangkok,

---

([1]) — Gengenbach refere-se à Experiência Demoníaca, aonde narra este episódio no capítulo intitulado Lydie Bastien. (Nota do tradutor).

que em vez de a tomar pela frente a penetrou com o pénis escaldante nas nádegas, empalando-a com a fúria de um sátiro. É lamentável que Emmanuelle Arsan não tenha transposto a experiência ao plano do tantrismo, já que a sua curiosidade filosófica é igualada, nela, pela curiosidade erótica — o que não é dizer pouco...

Lydie Bastien estava ao corrente do que é costume chamar-se «maithuna» ou ioga tântrico, que se serve da união sexual como meio de obter a suprema beatitude com a suspensão da emissão seminal; graças a posturas e carícias das mais variadas, e seguindo um ritual de voluptuosidade, o amplexo dos corpos permite ao casal humano aceder a estados divinos extáticos, nirvânicos, e vencer o sofrimento, a velhice e a morte.

Relatei-lhe todas as minhas experiências anteriores e decepcionantes fracassos. Quando ficou ao corrente deste estranho itinerário aonde a cada passo os Invisíveis do Astral me haviam feito sinais misteriosos, não conseguiu deixar de lamentar a minha falta de audácia e as minhas hesitações.

— Que ocasiões teve de chegar ao Absoluto! — disse ela. E que oportunidades perdeu devido ao seu catolicismo romano! Essa Missa de Ouro, por exemplo, há muito que devia e podia tê-la celebrado. Teria sido preciso usar todas as artimanhas, não ter quaisquer escrúpulos com as Igrejas católicas, cismáticas ou ortodoxas, para que o ordenassem padre e pudesse consumar a grande obra de alquimia erótica. A Maria de Naglowska entreabriu-lhe a porta real! Você mesmo acaba de me ler uma passagem de um livro dela, O Rito Sagrado do Amor Mágico, aonde trata da divinização do ventre da mulher em orgias secretas, feita pelos adoradores de Satanás, e da glorificação do amor carnal pela celebração da Missa de Ouro...



— Bem sei — respondi — mas o que me fez hesitar foi, precisamente, essa divinização diabólica do ventre da mulher.

— Depois disso, também o André Breton lhe fez um convite que dizia respeito a essa mesma divinização da mulher.

— É verdade... E talvez o tivesse seguido nessa via se ele se ocupasse um pouco mais de magia e ocultismo e um pouco menos de política. O Breton foi atraído pela civilização céltica, da qual sabemos muito pouco, na qual os Druidas consideravam a mulher como um ser divino. No plano político e mágico gostou de enriquecer-se da mesma seiva que os bardos bretões e aceder a esse encantador reino céltico aonde o real terrestre e o imaginário feérico se interpenetraram. Fazia o cristianismo grandemente responsável pelo desnaturamento e desaparecimento do folclore céltico.

— O Breton adivinhou que os mitos célticos iam de encontro aos mitos indianos, iranianos, egípcios, aonde está em causa o culto da Feminilidade Divina, quer se trate da Çatki indiana, da Ísis dos Egípcios, da Deusa-Mãe síria, da Vénus Astarte, ou da Afrodite, culto que era baseado na magia erótica. A Igreja Romana e as outras ortodoxias perseguiram em todo o lado, e com inusitada violência, as sobrevivências destes cultos. Os seus fiéis foram massacrados, os seus escritos dispersos e queimados... Sabe? Depois do triunfo de Constantino, os cristãos não fizeram cerimónias no que respeitava a invadir e ocupar os templos pagãos, deitar abaixo e quebrar os ídolos... Não lhe

escondo que me sinto com alma de sacerdotiza pagã e, com a sua ajuda, estou pronta a dar-lhe troco e destruir os ídolos católicos.

— Se bem a compreendo, aceita ser minha amante se ao mesmo tempo for sacerdotiza.

— Adivinhou. Também foi o André Breton quem falou da elevação da mulher a «sacerdotiza surrealista». Ora acontece que mulheres-padres a Igreja não as quer, como não quis as druídicas. Expulsou do seu universo as Fadas para as substituir por Santas, pretendeu cristianizar todas as lendas célticas, canonizar os heróis célticos, substituir o graal pelo cálice eucarístico... Felizmente, não conseguiu nada contra o filtro de Tristão e Isolda. Conto consigo, portanto, para podermos celebrar juntos essa Missa de Ouro que me há-de devolver a varinha de condão. Mas antes disso tenho de o pôr, a si, à prova.

— Quais são, afinal, as condições?

— A missa católica não passa de uma caricatura da verdadeira missa. Para consumar a sua ruptura com o Catolicismo será preciso começar por fazer a profanação dessa missa através de actos e escritos. Recomponha o argumento do Judas ou o Vampiro Surrealista. Dele tiraremos um filme que eu própria me encarregarei de realizar, mesmo que seja preciso passá-lo apenas em privado... e do qual serei a intérprete... Mas antes terá de ser ordenado padre por um bispo cismático que também me encarregarei de seduzir... Deste modo, quando interpretar comigo a cena da Missa Negra, já não fará a celebração em falso e cometerá um sacrilégio abominável. Como é preciso derramar sangue, far-me-ei forte bastante para conseguir arrancar do claustro certa jovem e bela freira que conheço... Você violá-la-á para que o odioso cinto de castidade imposto pela Igreja, não já através de uma fechadura metálica mas de um voto, seja atirado ao lixo. No meu ventre nu poderá então celebrar a Missa Negra e depois, mas só depois de arriscar tudo por tudo, poderemos encarar a hipótese da celebração dessa Missa de Ouro e de mergulhar os nossos lábios no mesmo cálice para nos inebriarmos, não com um vinho de missa inofensivo, mas sangue divino autenticamente afrodisíaco.



... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Confesso que fiquei assustado, siderado por uma intimação que exigia de um homem como eu, que antes tinha sido um padre católico romano, um tal vandalismo iconoclasta, uma tal violência na impiedade profanadora e sacrílega. Sentia-me louco por ela. Na Experiência Demoníaca contei como Lydie Bastien me fugiu... Não ousei jogar o Grande Jogo.

Só quando desapareceu do meu universo compreendi que ela fora, poderia ter sido, permaneceria, o encontro capital da minha vida (para empregar os termos do autor de O Amor Louco ([1])). Do nosso encontro sobrevive uma única coisa, o manuscrito de Judas ou o Vampiro Surrealista. Fazendo com que me reeditassem a obra, pensei reencontrar a minha sacerdotiza mágica.

---

([1]) — O autor de L'Amour Fou é, como se sabe, André Breton, existindo uma tradução portuguesa na Colecção Novas Direcções da Editorial Estampa. (Nota do tradutor).

Depois de atravessar uma grave crise de depressão melancólica, voltei a ter esperança quando verifiquei que Edwige Feuillère, a grande actriz do teatro, se interessava pelo meu argumento e, por outro lado, Georges Clouzot iria ocupar-se dele. A partir desse dia, e até à assinatura do primeiro contrato de edição de Judas ou o Vampiro Surrealista com as Éditions du Scorpion, vivi os mais dramáticos avatares vendo todas as minhas tentativas barradas por intervenções eclesiásticas que, sob pretextos aparentemente louváveis, escondiam armadilhas, emboscadas e rasteiras.

Métodos persuasivos diplomáticos iam alternando com métodos expobrativos e coercivos: intervenção da Nunciatura do Vaticano, falsas aparências de reconciliação dos beneditinos de Saint Wandrille, armadilha organizada num bar para me arrastar à prisão preventiva e encarceramento no manicómio, maldição sobre mim lançada pelos beneditinos da Pierre qui Vire no caso de eu levar a efeito a adaptação cinematográfica do Judas. Tais foram as principais obstruções utilizadas para reduzir a nada os meus projectos.

Por fim, a minha explosiva tomada de posição no hebdomadário Arts, a propósito da proibição de publicar uma obra de Henry Miller, tomada de posição que marcava a ferro em brasa o tartufismo da censura literária oficial e reclamava o direito das liberdades eróticas, pôs-me em contacto com Girodias. Este editor... erotómano que mais tarde iria ver-se a braços com perseguições vingativas de uma máfia clerical e policial, quando pretendeu fazer interpretar uma obra de Sade no seu cabaré-teatro de La Grande Séverine, indicou-me o nome de Jean d'Halluin,



o jovem das Éditions du Scorpion que cabava de publicar Hei-de escarrar nos vossos Túmulos, de Boris Vian (¹)... Halluin apaixonou-se de imediato pelo meu projecto e pediu-me que, a partir do argumento, recompusesse a antiga obra romanceada e psicanalítica destruída em Saint Wandrille. Meti-me ao trabalho e, alguns meses mais tarde, assinava o contrato da edição do Judas.

Pouco tempo depois, um eminente religioso e antigo deportado intervinha junto do editor para ele anular o contrato. Em contrapartida, era posta à minha disposição uma moradia florestal, perto de uma casa de retiro espiritual para jesuítas, a fim de eu redigir ali a narrativa da minha vida tormentosa que seria publicada e distribuída com o título Das Trevas Satânicas à Estrela da Manhã. Estas concessões, que não seriam de esperar vindas de mim, fazia-as porque me deixara influenciar pela argumentação de um padre parisiense exaltado e iluminado... fundador de um grupo científico-místico. Descobrira o meu lado fraco. Convencera-me de que tinha meios para fazer voltar à minha vida e aos meus braços uma Lydie Bastien convertida por ele (graças a ritos de exorcismo tão eficazes e irresistíveis como o embruxamento de amor de um feiticeiro) se eu depusesse a

(¹) — Gengenbach refere o nome de Boris Vian como autor de J'irai cracher sur vos Tombes. Embora seja um facto comprovado, esta obra continua a editar-se com o pseudónimo Vernon Sullivan, adoptado por Vian para assinar todos os romances que escreveu sob inspiração da popular literatura negra norte-americana. A tradução portuguesa. (Hei-de cuspir nas vossas Campas, Ed. Meridiano, Lisboa 1977) também utiliza na capa o verdadeiro nome do autor, com evidentes objectivos comerciais. (Nota do tradutor).

espada satânica — na circunstância a caneta molhada em vitríolo — aos pés da Virgem. Não passava tudo isto de subterfúgios e estratagemas para obter a minha capitulação em toda a linha. Ao fim de dois meses, não tendo Lydie Bastien aparecido no meu universo e encontrando-se terminada a minha autobiografia (embora nenhum editor o tivesse pressentido) saí como de uma estufa dessa prisão dourada que era a jesuiteira e fiz uma fuga nocturna a Saint Germain des Près, ao Café Flore. Após um jejum sexual de oito semanas, levei comigo uma jovem condessa amestiçada de cigana que desejava conhecer os costumes existencialistas e surrealistas. Com ela tirei a barriga de misérias, embebedei-me de cocktails e volúpias luxuriosas. Louco de raiva, e não querendo que Satanás tivesse a última palavra, o padre exorcista empenhou-se em conseguir o meu arbitrário internamento.

Felizmente, fazendo aparecer na sua revista Les Temps Modernes o relato da minha prisão preventiva com o título Um Surrealista no Manicómio (A Luta de um poeta contra o cesaropapismo romano), Jean-Paul Sartre alertava a opinião pública. Numerosos intelectuais e artistas denunciaram esse acto de pôr à sombra um antigo seminarista que se fizera surrealista, enfiando-o nas masmorras psiquiátricas. Na primeira página de dois hebdomadários foi dado o maior relevo ao caso e a Direcção do Hospital Henri Rousselle apressou-se a abrir-me as suas portas.

Uma vez mais era lançado sobre mim o anátema da hierarquia eclesiástica. E eu teria vivido dias de angustiosa insegurança se não tomasse a precaução de pôr em lugar seguro uma cópia do Judas ou o Vampiro Surrealista. Um compatriota de Albert Camus, com rosto de conquistador norte-africano, acabava de chegar a Paris com a intenção de lançar uma casa editora... Precisava de um manuscrito sensacional. Estando ao corrente da minha temerária aventura, procurou-me por todos os cantos de Saint Germain des Près... O acaso pôs-nos um ao lado do outro no bar de La Rhumerie Martiniquaise. Daí resultou, finalmente, a assinatura definitiva do contrato de publicação da minha obra numa edição de luxo. Tal como escrevi na Experiência Demoníaca, esta assinatura do contrato teve para mim o significado de um acto mágico... de magia satânica, sexual, erótica, mística. Eu estava pronto a remover céu e inferno para conquistar Lydie Bastien. Algumas semanas mais tarde, as Éditions de Minuit pediram-me o relato da minha vida.



O manuscrito estava pronto. Só teria que o rever e integrar-lhe os episódios escandalosos do meu itinerário,... expurgados quando do meu enclausuramento na jesuiteira da Floresta de Clamart. Aproveitei, no entanto, acrescentar-lhe uma conclusão que era uma tomada de posição das mais entusiásticas a favor da heresia erótica gnóstica de Maria de Naglowska, em que anunciava a ressurreição de um culto estranho, segundo o Rito Sagrado do Amor Mágico, que terminava pela celebração de uma Missa de Ouro...

Isto passava-se em 1949-50.

O que me aconteceu depois da publicação do Judas constitui a trama de uma Experiência Demoníaca (segunda parte) na qual veremos quão encarniçadamente a Igreja Romana se atira

ao erotismo... Desenrolando o filme destes últimos vinte anos verifico que bati em retirada porque, antes de 1963, não tive a audácia de receber a ordenação sagrada que me permitiria celebrar essa Missa de Ouro da qual queria Lydia Bastien ser a sacerdotiza.

Depois de publicada a Experiência Demoníaca, Jean Vilar, que é natural de Sête e sabe que em Béziers, perto da sua cidade, monges beneditinos foram perseguidos por tribunais eclesiásticos do terrível João XXII, Papa de Avignon, acusados de pertencer a uma seita erótico-mística, pediu-me uma peça a tal respeito... que deveria chamar-se O Papa de Avignon. Pus-me em contacto com os meios literários e universitários do Languedoc que pretendiam relançar um movimento de Renascença Occitana dos Cátaros e dos trovadores... Fiquei então a saber que na Idade Média, naquela região, um culto erótico-místico de uma Feminidade Divina se tinha difundido de modo incendiário e contagioso, não apenas nos castelos e mansões, mas nos claustros, mosteiros e abadias, desencadeando o sensualismo religioso dos Devotos de S. Francisco que se davam a práticas de género idêntico ao do tantrismo indiano e, pela sua audácia sacrílega, provocaram as iras da Inquisição... A aventura do Irmão Raimond de Cornet, um dos adeptos desta seita, monge trovador que se apaixonou por uma jovem castelã, se entregou a práticas de magia amorosa e acabou por ser atirado às chamas da fogueira, cativou-me. Compus a peça que Jean Vilar me pedira... e ele anunciou oficialmente na Rádio Difusão que se propunha inscrevê-la no seu repertório.



A ideia de que, em pleno palco do Teatro do Festival de Avignon, no Castelo dos Papas, iriam ser revelados certos costumes escandalosos dos monges da Idade Média; iria ser trazida às luzes da ribalta a vida de um monge trovador que, para além do seu catarismo anarquisante exprimia, em versos inflamados de sensualismo místico e sacrílego, a admiração pelas zonas mais erotizáveis do corpo da sua Dama... fez com que a hierarquia eclesiástica voltasse a experimentar alarmes idênticos aos que outrora tinham provocado a cólera sagrada de João XXII, o Papa de Avignon.

Houve, então, uma reincidência dessa mesma hierarquia na utilização dos métodos que já tinham resultado em 1935. Tal como haviam feito pressão sobre a minha mãe para me levar à resipiscência, fizeram pressão sobre a que se fizera minha noiva e morava num belo apartamento do Campo de Marte, em frente à Embaixada da Índia. Para este trabalho foi mobilizado o padre iluminado do Grupo «Ciência e Mística», que já tinha tido uma intervenção na jesuiteira de Clamart. Fazendo-se passar por mandatário do Arcebispo de Paris, organizou o cerco à minha amiga chegando a visitá-la três vezes por dia só para a impressionar, ou mesmo aterrorizar psicologicamente, falando-lhe da pavorosa sorte que me esperava no além e da maldição que seria lançada sobre a nossa união conjugal caso eu não renunciasse aos meus projectos literários e dramáticos. Acabou por convencê-la de que a maior prova de amor que podia dar-me seria obter tal renúncia, fazer vibrar em mim a corda do maravilhoso surreal e sobrenatural. Naquelas circunstâncias tratava-se das recentes aparições da Virgem a um pequeno vidente, perto

de Moissac... Epis — era este o nome do lugar — poderia vir a ser uma nova Lourdes se um escritor conhecido quisesse interessar-se pelo caso. Consagrada a tais aparições, uma obra minha não só poderia ser reparadora do meu passado escandaloso como traria ao meu lar a fortuna das bênçãos do Céu e, a mim, a celebridade como escritor convertido...

A minha noiva deixou-se enredar em todas estas miragens... e eu cedi-lhe, como já tinha cedido à minha mãe. Fui a Epis, ao local das aparições... Depois dessa viagem, a partir de uma pequena reportagem que entreguei à imprensa diária, compus uma obra intitulada Epis, uma nova Lourdes?. Acreditando que o milagre iria penetrar na sua vida, a minha noiva não hesitou em pedir emprestada uma vultosa soma, garantida pelo seu mobiliário artístico, para fazer imprimir a obra.

Uma vez mais era sacrificado o Judas ou o Vampiro Surrealista e eu renunciava à edição numa tiragem normal do livro que fora publicado em edição de luxo.

Mal saía do prelo o Epis, uma nova Lourdes?, foi condenado pelo bispo de Montauban com proibição de leitura e venda nos meios católicos... Julgando-se vítima de um abuso de confiança e de uma mistificação eclesiástica, a minha noiva apresentou queixa no Tribunal de Roma. Após um ano de processo litigioso à base de má-fé jurídica da parte do Vaticano, foi indeferido. Para mim, a aventura terminou com um desaire estrondoso, para ela com um desastre financeiro que acabou na sua expulsão do apartamento com apreensão e venda dos móveis.

De forma alguma desencorajada por este falhanço místico, a minha noiva obstinava-se no seu sonho que era ver-me grande



escritor católico... Como eu era delegado da França na Bélgica, por ocasião de um Festival Internacional de Poesia, utilizou o resto do tesouro escapado ao naufrágio em andanças junto dos editores e, pouco antes do nosso casamento, acabaram as Éditions L'Ecran du Monde, de Bruxelas, por aceitar um manuscrito meu intitulado Adeus a Satanás — Carta Aberta a André Breton.

A hierarquia eclesiástica voltava a intervir junto da que se fizera minha mulher para convencê-la de que eu devia renunciar à peça de teatro encomendada por Jean Vilar. Em contrapartida, e para me fazer esquecer a decepção da condenação lançada sobre Epis, uma nova Lourdes?, prometiam-me publicar as páginas que eu já escrevera sobre a Madona, páginas de louvor religioso, se eu as dedicasse a outras aparições da Virgem em Bameux, perto de Liège... Desta vez, o texto seria confiado a uma firma editora jesuíta. Naturalmente, antes de ter renunciado à minha peça de teatro, esbarrei com toda a espécie de evasivas, reticências, manobras dilatórias cujo objectivo era fazer-me compreender que o texto não podia ser editado sem o visto da censura episcopal, e teria de o remodelar do princípio ao fim.

Farto de todas estas palinódias à base da casuística mais maquiavélica, saí da Flandres belga para armar a minha tenda em França, país dos Cátaros e trovadores, em plena Floresta Negra. Dava os retoques finais num manifesto occitano anti-romano, anticapético, e voltava a escrever a minha peça de teatro com o novo título de O Monge Trovador. A imprensa de Toulouse anunciava em caixa alta: «Chegado das brumas do Leste, um poeta surrealista vai finalmente tirar da cinza das fogueiras as desgraçadas vítimas da Inquisição».

Imediata e manhosamente, uma ofensiva dos católicos pró--dominicanos se desencadeou para impedir que a minha peça fosse representada... com ameaça de boicote em Carcassonne, Avignon ou Sête... e em Toulouse.

Jean Cocteau, que veio a ser meu padrinho na Sociedade dos Escritores e era todopoderoso no Festival de Cannes, oferecia-me ajuda para interessar um produtor num novo argumento extraído, ao mesmo tempo, da peça de teatro e do Judas ou o Vampiro Surrealista (com o título O Monge e a Sereia) e pôs-me em contacto com uma aristocrata italiana que pretendia fundar em Roma a seita medieval dos Fiéis do Amor... Isto iria permitir que eu retomasse os antigos projectos e celebrasse uma Missa de Ouro aos pés da célebre Belinda Lee, estrela escolhida para incarnar na tela a deusa Afrodite, aconselhada que fora a recorrer a este meio mágico, religioso e sexual para enfeitiçar o príncipe Orsini.

Um príncipe da Igreja, porém — estávamos em plena guerra da Argélia — convocou-me para comparecer na Abadia de Montserrat, em Espanha, acompanhado da minha mulher. Sabendo que eu era especializado na história da civilização hispano-mourisca... e o gabinete real de Marrocos e o reitor da Universidade de Rabat me tinham encomendado um ciclo de palestras destinadas aos estudantes marroquinos sobre as origens andaluzas da poesia dos trovadores, aconselhou que me consagrasse a um movimento de encontros espirituais latino-mussulmanos e cristiano-islâmicos, a fim de contribuir para um apaziguamento dos espíritos na Argélia. Sendo ele um dos primeiros cardeais da Curia Romana, prometia-me uma gratidão toda especial do Vaticano e o seu concurso pessoal, depois do meu regresso da Argélia, para me garantir uma actividade diplomática e cultural em Madrid...



Apesar dos decepcionantes precedentes, eu e a minha mulher embarcámos rumo à Argélia. Para o périplo que me fora designado contraí um avultado empréstimo sob garantia da minha pequena propriedade da Montanha Negra. Passado um mês, quando voltámos de Constantine depois de termos corrido os maiores perigos, e nos apresentámos no Vaticano para dar conta da missão e obter o reembolso das despesas, o cardeal informou-nos que não podia receber-nos e fora destituído das suas funções pelo papa João XXIII, não dispondo de quaisquer fundos para o efeito.

As minhas deslocações em Espanha, em Marrocos e na Argélia tinham-me custado cerca de um milhão de antigos francos. A minha propriedade fora hipotecada. As perspectivas do futuro eram mais sombrias do que nunca... Judas ou o Vampiro Surrealista não fora reeditado. A peça de teatro não fora representada e eu perdera a oportunidade de ver levado à tela o meu argumento intitulado O Monge e a Sereia. Belinda Lee, a deusa Afrodite do cinema, morrera tragicamente num acidente de automóvel.. Tal como os Antigos, que praticavam a necromância e consultavam os mortos, também eu tentava invocar esta sereia do Mediterrâneo.

Decorridos mais de trinta anos de hesitação, em 1963 decidi arriscar-me no grande jogo e ser ordenado padre e consagrado bispo por uma Igreja Cismática. Isso iria permitir relançar a heresia vintrasiana, que eu próprio ordenasse sacerdotizas

e celebrasse a verdadeira Missa de Ouro... com uma sacerdotiza do amor.

Redigi a minha profissão de fé... assim: «No início desta declaração de bispo cismático, insisto em dizer que foi por causa dos olhos de uma mulher, dos seios de uma mulher, do sexo de uma mulher que apenas se entregaria a mim caso chegasse, graças a mim, a sacerdotiza e pudesse concelebrar comigo a Missa de Ouro, que aceitei a consagração episcopal de uma Igreja Cismática separada de Roma mas oficialmente reconhecida por Roma devido à autenticidade da sua filiação apostólica e à validade dos seus poderes sacramentais.

Durante anos, a Igreja Católica Romana esforçou-se por transformar-me em peregrino trovador do Reino do Céu. A seguir, pediu-me que pusesse a minha pena ao serviço das rainhas terrestres da França real, das rainhas mortas e da eventual rainha de França. Deixei-me enredar no estandarte de Joana d'Arc. Orientaram-me para a Espanha de S. Domingos e, quando visitei o Escorial de Carlos V, propuseram-se fazer-me campião da Renascença da Cristandade Medieval...

Deixei-me levar em toda a espécie de aventuras, de empreendimentos quixotescos. Fazia a figura de conquistador de um reino cristão em que os fantasmas de Branca de Castela e de Maria Antonieta exerciam sobre mim uma fúnebre sedução. Alinhei frases em poemas que eram preces, desfiei rosários às Madonas internacionais do Catolicismo. De tudo só me ficou um gosto a cinzas.

Como William Beckford, como Aleister Crowley, quanta vez senti vontade de oferecer a minha alma ao Diabo para celebrar uma Missa de Ouro com Anita Eckberg ou Belinda Lee! Diziam-me que ia cometer um suicídio místico. Tinha a certeza do contrário, de sair de um sepulcro aonde me encontrava há anos mumificado. E compreendia que Gilles de Rais, após ter posto a sua espada ao serviço da Virgem Guerreira, a Santa da Pátria, tivesse procurado refúgio na alquimia e magia sexual quando a Donzela foi queimada em Ruão, na Praça do Mercado Velho, e não mais lhe fosse possível crer na divindade da sua missão.



Depois de me terem enganado, ludibriado e mistificado durante mais de trinta anos, vou finalmente poder consagrar-me em exclusivo ao Erótico Sagrado... e reconstruir o Carmelo Elíaco de Vintras.

O Evangelho que eu gostaria de poder anunciar, esse Evangelho esotérico com simbologia erótica e mística, começa por estas maravilhosas palavras tão simples como sibilinas: «Ao princípio era o Sexo...»

E esta profissão de fé, desejaria podê-la escrever em letras de ouro e fogo. A alguns há-de parecer tão sacrílega como a mim sagrada. Os seios e o sexo de uma mulher é que servirão de principal motivo decorativo às minhas armas de bispo gnóstico».

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Ao mesmo tempo que mandava imprimir esta declaração aprontava o manuscrito da Missa de Ouro, o qual levei a Eric Losfeld, ao seu antigo endereço da Rua Cherche Midi...

Desta vez o facto tornava-se grave. A Igreja Romana sabia que eu podia ficar à cabeça da Igreja Vintrasiana que desde

Napoleão III esperava ver para sempre esmagada... O Concílio do Vaticano II estava reunido. Uma das suas mais altas personalidades convocou-nos, a mim e à minha mulher, para comparecermos no seu palácio arquiepiscopal. «Pare», disseram-me. «A sua revolta já não tem razão de ser porque uma renovação revolucionária vai dar-se a partir deste Concílio e poderá contribuir com a sua pena para essa renovação, sobretudo depois das experiências enriquecedoras que viveu com os surrealistas e os existencialistas. A hierarquia eclesiástica cometeu erros e faltas a seu respeito, mas vão ser reparados».

Uma vez mais me pediam que redigisse um testemunho. Uma vez mais, também, deixou-se a minha mulher levar em falsas promessas. Voltei a agarrar na caneta e a compor uma obra aonde fazia minhas as teorias de Paul Grégor na sua *Carta de um Feiticeiro ao Papa*. Naturalmente, o meu testemunho funcionou como uma bomba. Pediram-me que o retocasse, o suavizasse... Em 1967 eu estava num mosteiro bretão resignado a modificar o texto pela sexta vez... Como não assinara contrato de edição, os meus credores hipotecários — ofuscados na espera dos direitos de autor de uma obra sobre o Concílio que nunca mais aparecia — iniciaram uma acção judicial... Pouco antes dos acontecimentos de Maio de 1968, a minha expropriação foi consignada. Pus-me de novo em contacto com Eric Losfeld, na sua nova casa da Rua de Verneuil. O fundador da Terrain Vague propunha-me a reedição da minha obra esgotada, chamada *A Experiência Demoníaca*, aonde em posfácio eu anunciava a intenção de relançar esse movimento erótico e místico que se concretizava liturgicamente pela celebração de uma Missa de Ouro.



Depois disto, Eric Losfeld sofreu as perseguições jurídicas e policiais que sabemos por se ter posto resolutamente na posição de defensor das liberdades eróticas e literárias. Quase durante um ano manteve suspensa, sobre a sua cabeça, a espada de Damocles de um Témis da V República cuja legislação inquisidora não é melhor que a da IV.

Tendo eu próprio, no tempo do caso Henry Miller, denunciado o tartufismo perseguidor de uma tenebrosa máfia de sacristãos recalcados que se encarniçou contra o célebre escritor e os seus editores do tempo da publicação da *Crucificação Cor-de-rosa* (¹), não pude deixar de levantar o mesmo requisitório e lançar um novo apelo a todos os pensadores, poetas, intelectuais e artistas deste país para que fosse respeitada, não só a liberberdade de expressão dos autores de livros como a liberdade de publicação e difusão dos editores e livreiros. Não pude fazer outra coisa senão levantar um indignado protesto, análogo ao que lancei em Toulouse com o título *Queimemos a Inquisição*, quando Jean-Jacques Pauvert foi objecto de processos vexatórios por ter publicado *Madame Edwarda* (²), idênticos aos que sofreu Eric Losfeld.

Escrevi nessa época (1956):

«Os métodos coercivos — quando se trata da edição de

---

(¹) — Trata-se da trilogia *Sexus*, *Plexus* e *Nexus* cujas edições portuguesas já estão publicadas ou se anunciam na Ed. Livros do Brasil, Lta. (Nota do tradutor).

(²) — Obra de Georges Bataille. (Nota do tradutor).

obras eróticas — da nossa sociedade dita civilizada e esclarecida, são sempre inspirados pelo mesmo fanatismo que animava a Igreja no tempo das fogueiras e dos autos-da-fé».

O que significa essa forma equívoca senão atirar vergonhosamente uma capa de Noé sobre o erotismo na literatura?

Os célebres processos de Gustave Flaubert e Baudelaire, por ocasião de Madame Bovary e As Flores do Mal, cobriram de ridículo o Segundo Império e a III República. E os procuradores imperiais e republicanos que se atiraram a Flaubert e a Baudelaire já estão há muito enterrados no mais desprezível dos esquecimentos, enquanto sobre os seus cadáveres se erguem, mais vivos do que nunca, os autores que eles condenaram e cujas obras vão sendo cada vez mais brilhantes, quer na França, quer no resto do mundo.

Estava escrito que a IV República iria dar prova do mesmo jesuítico e hipócrita tartufismo dos regimes precedentes. Os artistas, os poetas, em vez de irem beber nas fontes de uma inspiração espontânea, estarão sujeitos a esperar que o Sr. Prefeito da Polícia ou o Sr. Ministro da Justiça ponham o «imprimatur» nas suas obras?

No dia em que um brado de indignação geral rebentar em França, e fora da França, contra todos os ratos e carolas da Sagrada Penitenciária Policial que quiseram impor um cinto de castidade ao pensamento e à edição francesa, desmascarados e pateados não deixarão de, muito rapidamente, voltarem a enfiar-se nas suas tocas, autênticos sepulcros caiados, e efectuar um prudente recuo estratégico. «Queimemos a Inquisição».



Após um ano de expectativa deprimente, de imobilismo paralisante, livre de agir pôde Eric Losfeld propor-me a reedição do Judas ou o Vampiro Surrealista... enquanto esperava pela publicação da Missa de Ouro. Desta vez trata-se, para mim, de não voltar a falhar o golpe e passar aos actos. Emmanuelle Arsan, de quem acabo de reler a Anti-Virgem, só me é simpática por me assegurarem que viveu, de facto, o que escreveu. E Régine Deforges já teve ocasião, numa entrevista para a revista Plexus, de lamentar que o erotismo não passe muitas vezes de masturbação intelectual. Por outras palavras, contar ou descrever uma Missa Negra, uma Missa Cor-de-rosa ou Missa de Ouro, só contém um medíocre interesse. Para mim, o que conta é poder organizá-las ou celebrá-las. Semelhante experiência não se improvisa levianamente, mas sim com a participação e cumplicidade de alguns convivas dos dois sexos. Terá de fundar-se um círculo de autênticos iniciados, desejosos de pureza erótica... (eliminando o clero e os snobs viciosos) a partir dos quais poderá ser criada a cadeia mágico-sexual capaz de captar o fluido erótico necessário à operação da mais estranha alquimia.

A celebração da Missa de Ouro — na minha opinião a mais apaixonante — só poderá levar a resultados no plano mágico, erótico e místico, se o padre oficiante tiver como parceira uma mulher que seja uma verdadeira sacerdotiza do amor. Penso numa Verónica Carlson, intérprete do filme Drácula e as Mulheres (1) que é capa do número de Abril de 1970 da revista Midi-

(1) — Exibido em Portugal com o título O Sinal de Drácula (Freddie Francis, 1968). (Nota do tradutor).

-Minuit Fantastique. Esta estrela de rosto extático, cujos maravilhosos seios polposos, inchados como enormes laranjas, emergem de um roupão azul-celeste, evoca a deusa céltica Rosmertha, deusa da Fecundidade, a perturbante deusa de seios nus que foi substituída pela Nossa Senhora Católica na famosa colina de Sion, a Colina Inspirada de Maurice Barrès.

Captar — repito — o fluido erótico electrizante de sensualidade que se liberta do coito de certos homens com certas mulheres, em certos lugares, é o meio de realizar a Grande Obra de uma Alquimia Erótica. Para criar uma cadeia mágica é necessário reunir à volta de um ou uma oficiante ([1]) colaboradores dos dois sexos, unidos numa perfeita harmonia de intenções, desejos e gestos; a seguir, captar o fluido mágico de todos estes assistentes que comungam numa liturgia à base de sensualidade mística. Utilizando toda a emotividade colectiva criada por um ritual enfeitiçante, audovisual, olfactivo (acrescentando-se acidentalmente a dança à música e aos cantos) é possível criar um Egrégoro no Astral. Foi o que o Cenáculo Astarte fez em 1920 e eu desejaria ressuscitar neste momento.

Isto é que explica por que deve a escolha de um lugar — gruta, mosteiro em ruínas, castelo assombrado, cenário exterior, trajos, ambiente ao mesmo tempo voluptuoso e sacerdotal, música, aromas litúrgicos — ser estudada minuciosamente.

O que eu disse reporta-se à Missa de Ouro.

No que respeita à Missa Negra e à Missa Cor-de-rosa, a

---

([1]) — A este respeito ler L'Occultisme à Paris de P. Geyraud, Émile Paul Editeur. (Nota do autor).



minha opinião é que Georges Bataille foi quem deu a melhor das explicações psicológicas. Trata-se de reencontrar o homem real sob o disfarce social que o encasula nesse baile de máscaras da vida dita civilizada, e levá-lo ao Sabbat.

Mesmo o homem espiritualmente mais elevado é impelido às transgressões sacrílegas das mais invioláveis leis sagradas. Tal como escreveu Georges Bataille no seu livro sobre o Erotismo ([1]), quando os impulsos refreados se libertam o homem deixa de moderar a sua experiência sexual e já não teme fazer desenfreadamente e em público o que até ali só com muita discrição executava.

Não é sem razão que as religiões pagãs organizaram festas onde o erotismo dos corpos se misturava aos arroubos místicos. O homem ama esse carácter vertiginoso, extático, fascinante, da orgia ritual. O homem ama as saturnais em que há livre curso para o frenesi da sexualidade animal, em que a voluptuosidade sexual se mistura ao êxtase religioso.

O homem gosta de sossobrar, sucumbir no que é impuro e diabólico e profanar o que é santo. Baudelaire enunciou esta verdade: «Digo e afirmo que a única e suprema volúpia do amor reside na certeza de fazer o mal. E, de nascença, o homem e a mulher sabem que no mal se encontra toda a volúpia».

As orgias nocturnas lúbrico-sádicas, os sabbats mundanos demoníacos, os sacrilégios profanadores com violação de uma

---

([1]) — Éditions de Minuit, Paris (a). (Nota do autor)

(a) — Existe em português uma edição da Livraria Moraes, Lisboa, (Nota do tradutor).

mulher mascarada de religiosa, ou a sedução de um homem disfarçado de monge por uma sereia vampirizante, são excitantes afrodisíacos que fazem dez vezes mais forte o gozo sexual mas estão circunscritos aos limites da animalidade carnal. Disto é que trata o Judas ou o Vampiro Surrealista.

A Missa de Ouro permite atingir outro universo de voluptuosidades místicas mais requintadas. Convido os meus leitores a escreverem-me para podermos organizar esse círculo de iniciados que, agrupados à volta de um autêntico bispo, possam assistir e participar na Missa de Ouro concelebrada por um sacerdote de Lúcifer e uma sacerdotiza de Vénus Afrodite.

Ernest de GENGENBACH.

# ÍNDICE

# &etc

## VOLUMES PUBLICADOS

- COISAS
  **Textos e ilustrações de Adelino Tavares da Silva, Aldina, Ana Machado, António Manaças, Aurélia, Baptista--Bastos, Carlos Porto, Eurico, Ferreiro, Figueiredo Sobral, Gonçalo, João Rodrigues, João Vieira, José Martins, Lud, Nelson de Matos, Paulo C. Domingos, Pedro Oom, Virgílio Martinho, Vitor Silva Tavares**
- MORITURI TE SALUTANT
  (OS QUE VÃO MORRER SAÚDAM-TE)
  **de João César Monteiro**
- O DESEJO AGARRADO PELO RABO e
  AS QUATRO MENINAS
  **de Pablo Picasso**
- PANTAGRUEL
  **de François Rabelais**
- GOGH UMA ORELHA SEM MESTRE
  **de Paulo da Costa Domingos**
- IMITAÇÃO DA MORTE DOS OUTROS
  **de Jorge Fallorca**
- PARA ACABAR DE VEZ
  COM O JUÍZO DE DEUS
  seguido de
  O TEATRO DA CRUELDADE
  **de Antonin Artaud**
- ESBOÇO PARA UM RETRATO
  DO VERDADEIRO LIBERTINO
  **de Roger Vailland**
- DISSERTAÇÃO DO PAPA SOBRE O CRIME,
  SEGUIDA DE ORGIA
  **do Marquês de Sade**
- LENINE
  **de Leão Trotski**
- NOA NOA
  **de Paul Gauguin**
- O MOVIMENTO COMUNISTA
  **de Jean Barrot**
- MORTE AOS CHUIS
  E AO CAMPO DE HONRA
  **de Benjamin Péret**
- OSSUÁRIO
  **de Rui Diniz**
- COBRA
  **de Herberto Helder**
- JUDAS OU O VAMPIRO SURREALISTA
  **de Ernest de Gengenbach**

## VOLUMES A PUBLICAR

- ÚLTIMA PALAVRA: «— SIM.»
  **de Nuno Júdice**